



LADRÃO DE CADÁVERES

Patrícia
Melo



ROCCO 

Patrícia Melo

LADRÃO DE CADÁVERES

ROCCO ITALIA

Para Pedro Henrique

Sumário

Parte I - O CADÁVER

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Parte II - O LADRÃO

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Epílogo

Agradecimientos

Créditos

A Autora

Parte I

O CADÁVER

“Os cadáveres não suportam ser nômades.”

Tomás Eloy Martínez

C hafurdamos no calor.

Ouço passos na laje lateral, mas não consigo forças para gritar.

Sussurram, tropeçam e quebram alguma coisa. Riem.

Embaixo, a bicicletaria está fechada. As crianças no bairro, em bando, se divertem espiando os vizinhos. Sobem nos telhados, trepam nas árvores, se metem nas frestas. Ao longe, ouço barulhos de carrinhos de rolimã rasgando o asfalto. Assobiam.

Esses porras desses índios de araque, diz Sulamita, levantando-se nua e indo para o banheiro.

Lá embaixo, a velha grita. A índia. Ainda ontem ela me contou que sabe trançar palha de acuri.

Sulamita, quando dorme comigo, fica irritada. Diz que tenho que arranjar um emprego, sair daqui, procurar outro bairro. Essa indiarada de merda, ela repete.

Eu gosto do lugar. E de Corumbá. E já me acostumei com as crianças, que muitas vezes aproveitam minhas saídas e mexem nas minhas coisas. Gosto também da velha índia e me lembro dela quando saio para pescar.

Ouço Sulamita encher um balde de água no banheiro. Não faça isso, eu digo, em vão. Pé ante pé, ela se aproxima da porta e surpreende as crianças, de costas, empoleiradas na janela.

Ouço os meninos correrem, gritando e rindo, depois do banho que recebem.

Só então abro os olhos.

É domingo.

O repórter diz: trinta e três mil jovens vão morrer assassinados nos próximos quatro anos. Imagino um policial abrindo fogo contra eles. Os pretos. Executados pelas costas, imagino. Os pobres. Vejo a massa encefálica grudada na parede onde ocorre a matança. E as bordas do ferimento. O repórter diz: os mortos, seguindo as estatísticas, serão negros e pardos. Alguém terá que lavar as calçadas, eu penso.

Gosto de entrar em minha camionete vermelha caindo aos pedaços, ligar o rádio e, no conforto do ramerrão, depois de ter tomado uma ducha fria e bebido café forte, ouvir o locutor falar sobre a queda de bolsas mundo afora, chacinas, terremotos, ataques do Talibã, sequestros, inundações, homicídios, pandemias, estupros e engarrafamentos quilométricos. Isso me acalma. Faz parte da minha recuperação pensar dessa maneira. Ouço tudo com a sensação boa de que não sou alvo de nada, estou fora das estatísticas, não sou rico, não sou preto nem muçulmano, é isso que penso, estou salvo, protegido dentro do meu carro, enquanto sigo até a vila dos Remédios e entro na Estrada Velha, sempre com a janela aberta, para sentir o cheiro do mato que me invade as narinas.

Às vezes, Sulamita dorme em casa, e nesses dias, rodo meu antivírus particular ouvindo suas histórias sobre o que ocorre na delegacia onde ela trabalha como auxiliar administrativo. Apreensões de droga, mandados de prisão, batidas, corrupção e fraudes. As pessoas se fodem aos baldes, essa é a verdade. Hoje, enquanto comíamos pão fresco, ela me contou da mulher que chegou na delegacia com uma faca enterrada no ouvido.

Foi assim que comecei aquele domingo. Até aqui, sem problemas, digo a mim mesmo. Pelo menos não tenho facas no ouvido. Estamos indo bem. No controle, câmbio.

Estacionei sobre a primeira ponte, desci para a boca do corixo e fiquei ali, ouvindo o coaxar das rãs e pensando onde iria pescar.

Lembrei o dia em que eu e Sulamita fomos de bicicleta até a gruta. Uma ideia de jerico, disse Sulamita. O caminho estava encharcado pelas cheias, o lamaçal alcançava os tornozelos. Sulamita foi reclamando, enquanto empurrava a bicicleta durante o trajeto. Depois, tomamos um banho nas águas geladas da gruta.

Daquela ponte, quase não se via bicho nenhum, nem mesmo capivara ou jacaré, por conta das fazendas nas vizinhanças. Alguns tucanos e gralhas sobrevoavam a vegetação baixa, procurando alimentos nas poças d'água que refletiam a luz do sol.

Fazia tanto calor que os caminhões que transportam gado pela região não estavam se arriscando. O suor escorria pelo meu rosto.

Voltei para o carro e me embrenhei no mato, em meio aos carandás. Segui até onde a trilha permitia, levando minhas tralhas de pesca, isopor com cerveja, molinete, caniço e anzol, e um pouco de paçoca.

Depois de deixar o carro estacionado sob uma árvore, fiz uma caminhada até o rio Paraguai, levando

meu material de pesca e a rede. Não sei quanto tempo andei. Minha cabeça pulsava embaixo do sol. No trajeto, parei na boca da gruta, a mesma que visitei com Sulamita. Exausto, tirei a roupa e fiquei boiando muito tempo, sentindo o frescor no corpo, até minha testa parar de latejar.

Recuperado, segui a trilha até o rio.

Era o mês de janeiro, quando os peixes sobem em cardumes para desovar na cabeceira dos rios. Nessa época, a pesca é proibida, não se pode usar tarrafa, rede ou pari. A vantagem é que o lugar é só seu.

Sentei, abri uma cerveja, e foi um desses domingos tranquilos, ensolarados, em que o pensamento vagueia sem rumo nem preocupação.

Passei a tarde assim, meio zozzo de cerveja, vendo o rio correr. Uma brisa morna soprava no meu corpo.

Pesquei o que era possível carregar na caminhada até o carro. Dois pacus, um pintado e três piavuços, menos de dez quilos.

Depois, me estiquei embaixo de uma sombra, comi um pouco de paçoca e fechei os olhos, esperando a temperatura baixar para a caminhada de volta. Não sei quanto tempo dormi. Sonhei que tinha que cadastrar ramais e coordenar as telefonistas através do sistema de rádio, câmbio. Já fazia um tempo enorme que tudo tinha acabado e o rádio ainda estava nos meus pesadelos.

Acordei com taquicardia, ouvindo barulho de motor. Olhei para o céu e vi a aeronave voando baixo, pensei que fosse alguém tirando fotografia aérea.

Nem sei direito como tudo aconteceu. De repente, uma explosão, e o avião mergulhou no Paraguai, como uma ave pescadora.

O nariz do avião monomotor estava submerso na parte mais estreita e recortada do rio Paraguai, um trecho não navegável, em cujo leito raso uma das asas ficara cravada. Do motor saía uma fumaça escura.

Tirei as calças, tênis, entrei no rio e nadei até a aeronave. O nível da água estava pouco acima da minha cintura. Logo que subi na fuselagem, avistei o piloto, um sujeito grande, jovem, com uma cara ossuda. O sangue esguichava com pressão do ferimento na testa.

Forcei a porta direita, parcialmente fora da água, e entrei. Disse ao piloto que não se preocupasse, eu o levaria até meu carro e pediríamos socorro usando meu celular. Você tem muita sorte, afirmei, enquanto o desprendia do cinto de segurança, muita sorte mesmo, despencar do céu e continuar vivo.

Foi nesse momento que ele apagou, enquanto eu dizia que ele era um sujeito privilegiado. Antes, soltou um suspiro abafado, quase um gemido. Chequei sua pulsação, zero.

Uma sensação de pavor tomou conta de mim.

A água começava a entrar na aeronave. Abri a porta do lado direito, para evitar que fôssemos arrastados, sem muita certeza de que meu raciocínio estava correto.

Esbaforido, engolindo água, nadei de volta até a margem, agora com medo das piranhas. Tentei ligar o telefone celular que estava no bolso da minha calça, não havia sinal.

Voltei para o avião, entrei na cabine e sentei no banco do copiloto. Fiquei alguns minutos ouvindo a água bater na fuselagem, pensando no que fazer. Talvez o melhor fosse tirar o rapaz do rio. Não havia, no entanto, a menor chance de carregá-lo até a camionete. Era mais forte que eu, o rapaz, talvez pesasse uns oitenta quilos. Eu poderia arrastá-lo até o carro. A ideia me perturbou. Carregar cadáver.

Também me ocorreu que não faria nenhuma diferença deixá-lo ali, até o resgate.

Do asfalto, eu poderia ligar para a polícia. Em menos de três horas, eles chegariam.

Chequei mais uma vez a pulsação do rapaz. Foi então que notei a mochila de couro, presa pela alça atrás do banco.

Dentro, encontrei um pacote inconfundível, desses que você vê na televisão, em reportagens sobre apreensão de drogas. Uma massa compacta e branca, envolta num plástico grosso e lacrado com fita adesiva. Fiz um pequeno furo na embalagem e experimentei o pó esfregando-o na gengiva. Não era entendido no assunto, mas também não era leigo. Até minha língua ficou anestesiada. A garganta também.

Fiquei ali, pensando no posto policial por onde teria que passar, a caminho de Corumbá. A ideia de um montão de dinheiro fez com que eu não demorasse nem um minuto para tomar minha decisão.

Não sei quem disse que o homem não é honesto por muito tempo quando está sozinho, mas é a pura verdade.

No mesmo ímpeto, também tirei o relógio do pulso do piloto e me mandei.

Um ano antes, eu era gerente de telemarketing numa central em São Paulo, responsável pela venda de aparelhos de ginástica, desses que você dobra, coloca embaixo da cama e não usa nunca mais. Já tinha vendido coisas piores como cartão de crédito, filtro de água e cintas de emagrecimento. Vivia no meu limite, encharcado de café, correndo pelos corredores da central feito um coelho apavorado, preparando relatórios e coordenando equipes de vendas, através de um sistema de rádio, sempre com a sensação de que não iria dar conta do recado.

Fazia parte das minhas atribuições ensinar novas telefonistas a utilizarem powerpoint, word, excel e outlook, um treinamento pesado e longo, que invariavelmente servia como gatilho para minhas crises de enxaqueca. Eu tinha acabado de preparar uma funcionária muito jovem e inexperiente, e logo no seu primeiro dia na mesa operadora, pela manhã, quando fui monitorar suas primeiras ligações, notei que ela estava articulando as palavras com dificuldade. Isso, depois da pedreira do treinamento. O que há na sua boca?, perguntei.

E então ela me mostrou o piercing que colocara na ponta da língua no dia anterior.

O que me matou foi sua expressão, ela sorria, encabulada, como se tivesse feito uma travessura. Ou como se fosse possível trabalhar daquela forma, sibilante, cuspiando as palavras para pessoas que não querem falar conosco, que desligam na nossa cara quando percebem que se trata de venda. É venda? Tchau, eles dizem. Não estou interessado. Não quero comprar nada. E batem o telefone na nossa cara. E ela, minha funcionária, com piercing na língua.

Como você vai falar com nossos clientes?, perguntei.

Ela sorriu, sem graça, jogando a cabeça para trás.

Só me lembro de uma onda de ódio subindo pelo meu corpo e do tabefe seco que lhe dei.

Todo mundo achava que eu era um sujeito tenso, mas controlado. Eu mesmo pensava dessa forma.

A primeira coisa que me ocorreu naquele momento foi que a gente nunca entende como um cidadão responsável e trabalhador saca uma arma e mata um motorista numa briga de trânsito. É muito simples, na verdade. Acontece da mesma forma que eu estapeei minha funcionária. A arma está ali, no porta-luvas. De repente, um rapaz te fecha num cruzamento, você salta do carro e dá um tiro na testa dele. É simples assim.

Imediatamente carreguei a moça para minha sala, ela assustada, eu mais ainda, tome água, eu disse, sente-se aqui, use esse lenço. Pedi desculpas de todas as formas possíveis. Mas eu mesmo não conseguia me perdoar, muito menos entender como fora capaz de agir daquela maneira com a moça. Ela permaneceu quieta, os olhos no chão. Como um cachorro que apanha. Só possuía o mesmo terno preto roto, desde o primeiro dia de treinamento aparecia na empresa com ele. Uma moça asseada e puída. Pálida. Parecia uma garrafa de água. Vazia. Você está cansado de ver tipos como ela por aí, bem comum. Com uma bolsa

ordinária no ponto de ônibus, apertando botões nos elevadores, vendendo ingressos no cinema. Naquele dia, ela tentava não explodir num choro convulsivo diante de mim. Posso ir ao banheiro?, ela perguntou. Nós dois ali, um de frente para o outro, eu não sabia o que fazer. Desculpa, eu disse. Mil vezes desculpa. Ofereci meu banheiro, gerentes têm esse privilégio, mas ela preferiu usar o dos funcionários. Voltou cinco minutos depois, sem o piercing, cara lavada, pediu permissão para voltar para sua mesa.

Os dias seguintes foram terríveis. Era como se nós dois tivéssemos cometido um crime. Havia um clima tão pesado entre nós, que ela mal conseguia me dizer bom-dia. De tanto remorso e constrangimento, eu evitava até mesmo passar perto da sua mesa. Esperei que ela me denunciasse. À noite, na cama, eu não dormia, pensando nessa possibilidade. Mas ela não me denunciou.

Isso durou uma semana. No oitavo dia, a moça não apareceu. Ao ver sua cadeira vazia, senti um pressentimento ruim. Logo depois, alguém da família telefonou e ficamos sabendo que ela havia se jogado do décimo andar.

No enterro, vi de longe o marido de cabelos espetados e visual exótico, com argolas na orelha e no nariz, a filha de dois anos no colo.

Não foi por minha causa, eu sei. Ela já estava de olho no abismo. Eu só dei o impulso para que ela saltasse.

Quem era mesmo essa garota, perguntou meu chefe quando voltou de viagem e ficou sabendo da notícia. Dias depois, a história do tabefe era conhecida por todas as vendedoras, que se recusavam a receber minhas ordens e a falar comigo. A notícia se espalhou como um vírus pelo prédio e arredores. Funcionários de outros andares, de outras empresas, viravam o rosto no elevador ou no restaurante a quilo, onde eu almoçava todos os dias. É ele, cochichavam, quando eu passava. Foi por causa dele, diziam. O tapa. Virei uma espécie de celebridade. O cara do tapa. Eu era a peste, o demônio. Alguém escreveu no painel de comunicação da central: “monstro sem coração, fora!”

Não tenho outra alternativa, informou o gerente geral, quando me dispensou.

Logo entrei em parafuso. Não conseguia sair da cama e tomava tanto remédio para dormir que parecia uma máquina que ligavam e desligavam.

Você está horrível, disse meu primo Carlão, quando, por acaso, me visitou em São Paulo. Por acaso ele me convidou para passar uns tempos com ele.

Foi assim que me mudei para Corumbá. Por acaso.

Um quilo e cem marcava a balança de chão, no banheiro.

Diziam que nos Estados Unidos valia o dobro, e na Europa, o triplo; mas eu não tinha planos de levar aquilo adiante. Nem coragem. Na verdade, eu estava cagando para dinheiro. Queria apenas o suficiente para não ter que trabalhar por mais um tempo.

Pesei a droga mais duas vezes, para ter certeza da quantidade.

Guardei tudo de volta na mochila, subi na cadeira, abri a tampa que dá acesso ao forro e coloquei a mochila atrás da caixa-d'água.

Meu quarto fica na periferia de Corumbá e pertence ao filho de um cacique da tribo guató, que não fala guató nem sabe canoagem.

O espaço é maior que meu endereço anterior, um moquiço de frente para a estrada 26A, onde só havia sapos e cerrado. Foi difícil me acostumar naquele lugar, com moscas zumbindo, lama e caipiras sem nada para oferecer, exceto fraternidade. Lá eu me sentia oco, e à noite, de olhos fechados, não conseguia esquecer o barulho de São Paulo nem meu escritório, na avenida São Luís, com suas paredes descascadas e iluminadas pelo painel de neon da academia de ginástica defronte a minha janela.

Às vezes, ainda sonho com minha vendedora suicida, sua face desbotada, e acordo com o som seco do tabefe, como se alguém me atacasse. Mas agora já consigo pensar em São Paulo como uma espécie de atomizador, que me transformou numa coisa mínima, fraca e esmagável, capaz de dar uma bofetada na cara de sua própria funcionária. Uma doença, na verdade, aquela cidade. Como as que acometem os soldados, quando colocam uma farda e vão para guerra. Ou os subordinados, quando seguem ordens. Não que você goste de ir para o campo de batalhas ou seguir ordens. É mais uma questão de coerência, afinal você está ali para fazer certas coisas. Tem que se ajustar. E rápido, a gente se enquadra. Poderia ter sido pior, eu penso. Poderia ter matado um motorista no trânsito. Poderia ter fraudado sistemas. Desviado dinheiro. Ou me atirado do décimo andar. De qualquer forma, eu tinha caído no poço, afundado e apodrecido como um tomate caído no asfalto depois da feira. Escapara por pouco. Era nesses termos que eu pensava naquela cidade. Prometi nunca mais voltar para aquela vida. Nunca mais, câmbio.

Foi Rita, a mulher do meu primo, que me ajudou a sair do buraco. Na primeira vez que eu a vi, ela estava tomando sol, de biquíni, perto da bomba de gasolina, e já naquele momento dava para ver umas faíscas de eletricidade saindo do corpo dela para queimar o meu. Tinha vinte e seis anos e vendia cosméticos em domicílio. Não era bonita. Mas tinha um lance no seu rosto que agradava todo mundo, logo de cara. Quando Carlão me falou dela pela primeira vez, contando ainda que, por ela, abandonara a mulher e as filhas, falou exatamente desse aspecto de Rita, sua curiosidade, seu sorriso, sua gargalhada, e resumiu muito bem a figura. O nariz era um pouco grande; o cabelo, tingido; os pés, ossudos e mínimos, mas você não prestava atenção em nada disso quando estava ao lado dela.

Quando Carlão saía para as compras ou viajava, ela descia até a bomba e me fazia companhia. Subia no meu quarto com café fresco. Íamos nadar em alguma lagoa ali perto. Este lugar é fim de mundo, ela dizia. Parada final. Olha só onde você veio parar. Se der mais um passo, cai no além. Se errar a direção, cai na Bolívia.

Às vezes, ficávamos quietos, um ao lado do outro, fumando e olhando a estrada vazia, até que um dia, ela me perguntou quem era a moça que me telefonava todos os dias. Nossos rostos estavam tão próximos, eu quase podia sentir o seu hálito de café. Minha namorada, eu falei. E Sulamita é nome de gente?, ela perguntou. Pensei que fosse minério da região. Fosfato de alumínio, essas coisas. Ri. Ela continuou séria e disse que estava se apaixonando por mim.

Caí fora no outro dia, não queria ter problemas com meu primo.

Agora eu estava ali, sem emprego, e com um quilo de cocaína escondido no alçapão.

Antes de tomar banho, desci as escadas, cruzei o corredor ao lado da bicicletaria e ofereci os peixes para a velha índia, mãe do cicleteiro. Serafina, era seu nome.

Havia mais alguns guatós na vizinhança, eu os via lá, com seus olhos puxados, de chinelos de dedo, jogando futebol nos fins de tarde, fazendo todo tipo de trabalho, lanternagem, segurança, faxina, eles não se acostumavam mais com a vida na ilha, de onde foram expulsos pelo Exército e para onde puderam voltar mais tarde, quando padres da região começaram a espernear para defendê-los. Serafina preferiu a cidade depois que o marido teve que ser internado no hospital por conta de problemas cardíacos.

O único problema era morar com o filho, ela dizia, agora que o velho cacique tinha morrido. A família vivia apinhada em dois cômodos. Serafina dormia com os três netos na cozinha, colada ao quarto do casal. Havia colchonetes encostados às paredes e roupas secando atrás da geladeira. A graxa da bicicletaria estava, aos poucos, entrando na casa e subindo pelas paredes.

A nora não fazia parte da tribo e se irritava quando a velha falava guató. Os indiozinhos ganhavam bofetadas da mãe por qualquer motivo, e vez ou outra sobrava também para Serafina, que era colocada na calçada de castigo.

Nessas ocasiões, eu a levava para o meu quarto. Ela ficava confusa, desorientada, você acha, ela perguntava, que foi por que eu mexi na geladeira? Peguei uma banana. Será que foi por causa da banana?

Foram todos ao supermercado, ela disse naquela noite, daqui a pouco estão de volta, cheios de latas e bolachas, completou, suspirando. Tenho aqui linguiça frita. Quer comer?

Pensei que seria bom não sair de casa, com todo aquele pó no alçapão fazendo tic tac na minha cabeça, feito uma bomba-relógio.

Comi depressa, agradei e voltei para o meu quarto para ver se davam alguma notícia na televisão sobre um avião desaparecido.

A notícia que eu esperava só apareceu no meio daquela manhã. A repórter afirmava que o piloto estava desaparecido desde domingo. Seu nome era José Beraba Júnior e isso eu sabia pelos documentos que encontrei na mochila. O que eu não sabia é que o rapaz era filho de um rico criador de gado da região. As imagens mostravam o piloto num concurso hípico, esquiando em Aspen e com o pai, vacinando gado. Diziam que a busca pelo monomotor desaparecido iria se concentrar nas imediações de Corumbá onde, segundo os radares, havia sido feito o último contato, por volta das dezesseis horas de domingo. Encerrando a matéria, um depoimento da namorada. Sei que Júnior está vivo, ela dizia, e peço a todos que rezem por ele.

Até aqui tudo bem, pensei. Tudo sob controle, câmbio.

Arrastei uma cadeira, alcancei o forro e retirei a mochila do piloto.

Com calma, esparramei seu conteúdo sobre a mesa e, mais uma vez, me detive com atenção em cada um dos objetos: relógio, óculos, carteira, chaves, telefone e duas canetas. E o pacote da droga.

Na carteira, encontrei vários cartões de crédito, duas notas de cem, três de dez e documentos pessoais do piloto. Havia também uma carteirinha da associação dos criadores de gado do Mato Grosso do Sul.

Seria prudente me livrar de tudo, jogando a mochila no rio, tendo ainda o cuidado de colocar pedras no seu interior.

Decidi que faria isso na próxima pescaria.

Coloquei o relógio no meu pulso e guardei o resto na mochila, antes de escondê-la de volta, dentro do forro.

Enquanto me vestia, lembrei-me de uma loja de penhores que pertencia a um velho árabe, perto do cemitério Santa Cruz, onde eu havia penhorado a aliança de casamento da minha mãe, logo que me mudei para Corumbá.

Às onze da manhã, a cidade tremia sob o sol. Estacionei atrás do cemitério e, quando saltei do carro, as lentes de meus óculos embaçaram. Cheguei na loja banhado de suor e ofereci o relógio ao árabe.

Ele observou com cuidado o autocolante com holograma verde, na parte de trás do relógio, onde estava escrito seu número de série.

Depois, fez algumas contas na calculadora e me ofereceu uma quantia que aceitei prontamente, assinando de bom grado o recibo de penhora.

Voltei para o carro apalpando o dinheiro em meu bolso, pensando que, pelo menos por enquanto, eu podia me virar.

Antes de voltar para casa, comprei uma balança de precisão, embalagens de plástico, fita adesiva e um saco cheio de estrelas vermelhas.

Elas seriam a minha marca, câmbio.

Por volta das sete horas, estacionei em frente à delegacia e esperei Sulamita. Ela saiu, acompanhada do detetive Joel. Tchau, Doçura, ele disse. Tchau, Tranqueira. Era assim que eles se tratavam. Doçura e Tranqueira.

No caminho para casa, compramos uma pizza. Jantamos com a televisão ligada, tomando cerveja, eu sempre atento aos noticiários.

Mais tarde, na cama, tentei sacar de Sulamita algumas informações importantes sobre minha nova empreitada. Enfileirei uma pergunta atrás da outra, com calma, para não dar bandeira. No meio, cravava alguns elogios. E beijos, câmbio. E depois, recomeçavam as perguntas.

Assim, fiquei sabendo que o esquema de drogas em Corumbá não era diferente do resto do Brasil, o que queria dizer que não havia mais cartéis nem máfia, mas sim uma rede de negociantes que misturava na mesma maçaroca locadoras de automóveis, fazendas de gado, revendedoras de autopeças, matadouros, roubo e desmanche de carros, depósitos, táxis-aéreos, com o propósito de facilitar o tráfico. Era difícil entrar naquele esquema. Você tinha que ter coisas, e eu não tinha nada. Você tinha que conhecer as pessoas certas, e eu nem era de Corumbá. É assim que funciona o atacado, disse Sulamita, completando que, no varejo, os traficantes não se ligavam a nenhum esquema especial. É este o meu lance, pensei. Avulso, câmbio. São pessoas que trabalham sozinhas, disse Sulamita, ou mulas, recrutadas aqui na periferia, desempregados, gente endividada que topa levar a droga para qualquer lugar. Esses, nós pegamos em blitz. Quer dizer, não estou falando de mim. Não faço isso. Auxiliar administrativo é um cargo sem função específica. Você vai tapando buracos, fazendo o que os outros não querem ou não gostam de fazer. Essa é minha rotina. Estou sempre atolada em inquéritos e oitivas, operando no que eu chamo de “língua do quê”. Que o elemento acima citado não sabe de nada. Que nunca viu a vítima. Que nunca matou. Que nunca roubou. Que não estava na cidade no dia do crime. Que não tem nada a declarar. Estou cansada de tudo isso, disse Sulamita. Vou cair fora, já prestei concurso para chefe de necrópsia.

Já eram quase onze quando meu celular tocou. Era Rita.

Estou triste, ela disse, nem consigo comer. Posso ir aí? Tive a impressão de que ela estava embriagada.

É engano, respondi.

Você está com a bauxita?

Não tem ninguém com esse nome, falei.

Duvido que você não pense em mim.

E desligou.

Sulamita estava próxima, temi que ela tivesse ouvido.

Engano, falei.

Não sei se ela acreditou. Pelo menos, não disse nada.

Dormimos juntos naquela noite. Ou melhor, Sulamita dormiu. Eu fiquei acordado, olhando para o teto e pensando. No cadáver, câmbio.

Coisa horrível despencar do céu e morrer assim.

O sol tomava conta de tudo sem piedade. As pessoas corriam como se fosse possível escapar do calor. Em alguns lugares, você notava o asfalto derretendo. Nessa cidade, a vida tinha a ver com isso, o céu azul, o chão fumegante e as pessoas tentando fugir da fornalha. Aqui as coisas apodrecem mais depressa, isso é o que dizem. Mais vermes, câmbio.

Estacionei o carro na esquina e fiquei observando a mansão que ocupava todo o quarteirão, com palmeiras em posição geométrica, como se fossem soldados. Doze soldados, contei. Ao fundo, a porta do quartel. Estavam lá, pensei, reunidos e desesperados. Esperando o guerreiro morto.

Um segurança uniformizado abriu os portões de ferro, e um carro de polícia deixou o local.

No jardim, dois cachorros que mais pareciam bodes peludos seguiam pachorrentos o trabalho do rapaz que limpava a piscina com uma peneira de haste longa. Moscas zumbiam.

Que diabos eu estava fazendo ali?

À noite, rolando na cama, a ideia de que eu estava ao lado do piloto no momento exato de sua morte e, pior ainda, de que eu fora capaz de roubar o defunto, vinha me aporrinhar, me assustar, me encher de pressentimentos ruins. Era como se isso nos tornasse sócios, câmbio. Eu e o cadáver. De repente, ele era um problema meu. Ele e aquela cocaína toda no meu alçapão. E então me pareceu ótimo o plano de ir até a casa da família e deixar uma carta anônima, com um mapa indicando o local do acidente. Seguir na Estrada Velha, entrar na trilha dos carandás. O percurso pontilhado em vermelho, com marcações precisas, guiaria a família. Demorei quase uma hora para desenhar o mapa sinistro. Um x no local. Seu filho morreu aqui. P.S.: ele não sofreu, câmbio.

Mais do que a imagem do cadáver abandonado no rio, o que me angustiava era pensar no que se passava no interior daquela casa. Temos certeza de que ele está bem, dissera a namorada na televisão. A mãe chorando. Disso eu entendia, câmbio. De mães que se acabam assim, podres de tanto chorar. Antes de aprender que as pessoas morrem, aprendi que elas desaparecem. Saem de casa e evaporam. Nos deixam atônitos, observando a cama vazia, que é quase um grito, uma porrada, pela manhã. Você sonha com elas todas as noites. Sonha que elas estão vivas, sonha que elas telefonam, sonha que elas voltam para casa. São sempre os mesmos sonhos, você acaba mesmo acreditando que elas estão vivas. E tem também as pesquisas, que dizem que setenta por cento dos desaparecidos voltam. Você pode até não acreditar mais em Deus, mas acredita nas pesquisas. Agarra-se àquelas porcentagens como se fossem uma oração. E aqueles números, mais aqueles sonhos, fazem com que aquela pessoa vire uma espécie de morto-vivo. Um zumbi. Tudo isso eu conhecia muito bem.

Ainda hoje, não conseguia pensar na minha mãe como alguém que fazia bolos para casamento, enfeitando com glacê os degraus da escada doce que levava aos píncaros do rococó, onde os noivos de açúcar sorriam para sempre. Lembrava dela quase como um apêndice sangrento do telefone. Sempre

grudada ao aparelho. Esperando meu pai ligar para dizer que não tinha morrido nem nos abandonado nem perdido a memória. Que estava vivo. Que ia voltar. Quase vinte anos depois, mais morta do que viva, minha mãe ainda mantinha o telefone no colo e esperava.

A verdade é que os mortos precisam morrer de verdade. Precisam ser colocados no caixão e enterrados. Ou incinerados. Você tem que estar lá quando jogarem a última pá de areia.

Que diabos eu estava fazendo ali? As ideias que surgem na noite, todas, as que parecem boas e as que parecem péssimas, são sempre péssimas. Alarmes falsos. Propagandas enganosas. Aviso ao consumidor: não tente fazer isso acordado. Um mapa do local do acidente! O que me importava se eles estavam sofrendo? Eu nem conhecia aquela gente.

Depois que o segurança desapareceu no jardim, com os cachorrões no seu encaço, me aproximei do portão e fiquei observando o rapaz da piscina. Parecia não ter pressa nenhuma. A tragédia lá dentro não tinha nada a ver com suas folhas secas. Nem com o cloro que estava sendo jogado na piscina. E ainda havia um gramado a perder de vista para cuidar, com pérgolas e tufo de plantas que a gente não costuma ver em Corumbá.

Se eu quisesse ajudar, melhor seria ligar para polícia. Anonimamente. Ou para a própria família. Pelo menos, era um jeito de ficar quite com o cadáver, que me dera aquela cocaína toda de presente. Se bem que ele não me dera nada. Achado não é roubado, já dizia o ditado. A verdade é que eu não devia nada a ninguém. Não havia razão para me meter com aquelas pessoas.

Acendi um cigarro, pensando que talvez, um dia, alguém tenha chegado bem perto da minha casa para contar onde estava o corpo do meu pai. Num terreno abandonado, atrás de uma fábrica de cimento. No fundo do rio. Com duas balas na testa. Enterrado num quintal da periferia.

O senhor é o motorista?, perguntou o segurança, surgindo de repente, sem me dar chance de escapar.

Estava só olhando o jardim, poderia dizer. Uma beleza de gramado, não é verdade? Minhas rosas estão esturricadas. As margaridas morreram. Nada vinga embaixo deste sol. Não era nem um pouco difícil puxar conversa ou cair fora, mas no susto respondi que sim e me deixei ser encaminhado para dentro da mansão. No trajeto, tomei coragem. É para isso que vim, pensei. Vou entrar lá e contar tudo. A ilusão deles era como um cachorro que precisava ser sacrificado. Vou acabar com a esperança negra deles. Entre e faça o serviço completo, eu disse a mim mesmo. Vá lá e dê o tiro de misericórdia, câmbio.

Servido? Dalva, a cozinheira, uma mulher baixinha de pernas grossas, comia carne assada e couve, os cotovelos apoiados na mesa. Limpava o prato com pedaços de pão. Com a boca cheia me contou toda a história do rapaz. Fora passar o fim de semana na fazenda de um amigo. Telefonou no domingo depois do almoço avisando que chegaria em uma hora. Gostava de voar, o rapaz. Vivia pelo cerrado. Comprando droga, pensei. De vizinhos bolivianos.

Meia hora depois, fui levado para um escritório, onde havia muitas fotos da família. E de vacas expostas em feiras. Premiadas. Fiquei ali, sentado, sozinho. Pai e filho abraçados, na parede. As botas dos dois são iguais, chamam atenção, notei. Botas hereditárias. O relógio que eu havia penhorado está no pulso do rapaz.

De repente, começaram os gritos. Era voz de mulher, não me interessa nada o que eles vão fazer, ela

dizia, você é o pai, é você, você, é você quem tem que fazer alguma coisa, eu quero o meu filho de volta, traga o meu filho de volta.

A porta foi fechada, mas ainda assim era possível escutar a loba uivando. São todas iguais, as lobas. Os mesmos uivos. Que cortam a gente lá no fundo como navalha.

Pouco depois, o homem da fotografia entrou no escritório, com as mesmas botas da fotografia. Parecia confuso. Disse que já havíamos conversado pelo telefone. Ontem, ele disse.

Expliquei que não, deve ter sido outro motorista, falei. Mas ele não me ouviu. Estava apressado. Já tenho informações a seu respeito, são as melhores.

Eu estava ali para contar como foi o acidente. Afinal, era para isso que eu tinha entrado naquela casa. Falar da explosão e da queda. Para matar o cachorro desenganado. Posso levar o senhor até o local, pensei em dizer. É uma merda sentir pena dos outros. Fiquei ali, com a mão no gatilho, e acabei aceitando o emprego e acertando um bom salário.

O senhor pode começar quando?, ele perguntou.

Amanhã.

Fui embora pensando que a qualquer momento eu poderia telefonar e inventar uma desculpa. Ou simplesmente não aparecer. Sumir do mapa.

É exatamente por isso que a gente se fode na vida. Você sempre acha que pode cair fora a tempo.

Reck, ressoa a corrente. Toda aquela graxa deixava Moacir ainda mais preto. O barulho estava me irritando. De cócoras na calçada, o índio tentava consertar a corrente da bicicleta do rapaz que, bêbado, ao seu lado, divertia-se com a cachorrada da vizinhança. Uns bichos esbodegados, esqueléticos, feios de dar dó. Os cães e os homens. Trapos sujos. Latiam. Mijavam nos postes. Reck. Um sol de rachar.

Enquanto Moacir manejava o pedal, girando a corrente aos trancos, o guidão da bicicleta se soltou. Cacete, disse o bêbado, caindo na gargalhada. Seria melhor jogar tudo no lixo, pensei.

Fechei a janela e deitei na cama. Li novamente o bilhete que Rita havia deixado com Serafina naquela manhã. Reck. Reck. “Obrigada por desligar o telefone na minha cara. Hoje é meu aniversário. Você – só você, apenas você – está convidado para a festa, às nove horas. Assinado, Rita.”

Abri uma lata de cerveja e fiquei, reck, pensando no que fazer.

Seria bom me refrescar nas águas geladas das grutas, mas eu me sentia pesado demais para boiar. Muito calor. Pensei várias vezes em telefonar para a família do piloto e cair fora. O problema era que não fazia parte dos meus planos voltar para São Paulo. Nem para o comércio. Já tinha vagado embaixo do sol de Corumbá, com os classificados embaixo do braço, com o propósito de encontrar algo parecido com o posto do Carlão, onde fazia todo serviço, desde operar a bomba de gasolina até cuidar da borracharia local, com tempo ainda para sentar à sombra e ficar caraminhando, e tudo o que encontrara foram pastelarias e lojas de bombas hidráulicas em fundos de quintal. E outras porcarias. Tudo quente. Nada para mim. Mas o trabalho na casa do fazendeiro era bom. Ao menos teria ar-condicionado, isso contava muitos pontos em Corumbá. Temos ar-condicionado, escreviam os comerciantes em placas ornamentadas para atrair clientes. Dez graus a menos são a fórmula da felicidade naquelas bandas. É isso que estavam me dando: um carro bom, com ar-condicionado, para eu dirigir. Além do mais, o que importava se aquela era a casa do piloto que eu havia visto morrer? O que importava se eu abandonara o cadáver no rio? Não matei ninguém, câmbio. Ainda que tivesse arrancado o rapaz do avião e o carregado no lombo até a cidade, nada iria mudar. Estaria morto do mesmo jeito. Todos vamos morrer um dia. Que importava se eu tinha afanado a cocaína? Que atire a primeira pedra, câmbio. Todos nós roubamos alguma coisa, em algum momento. Quase todos. Pelo menos uma vez. Ou vamos roubar. O Brasil é cheio de gente escrota, essa é a verdade.

À tarde, mais calmo, tomei um banho frio, tirei a droga do alçapão e comecei o trabalho. Já havia decidido: passaria adiante aquele pó, faria algum dinheiro e assunto encerrado. Lance avulso e único. Para não correr risco, porque é assim que as pessoas se fodem. O provisório vira um esquema fixo. Você começa a ganhar dinheiro e então alguém se sente lesado. Alguém a quem você deve ou alguém que deve a você. Ou um invejoso mesmo. Um vizinho bisbilhoteiro. Um inimigo instantâneo. Desses que aparecem do nada, sem que você sequer perceba. Um sujeito a quem você tratou sem consideração. E aí ele liga

para a polícia e te entrega. Sulamita havia dito isso também: as apreensões não têm muito a ver com a competência dos investigadores. Aliás, nada a ver. É puro disque-denúncia, ela disse. 0800dedo-duro. As pessoas nos telefonam dando nome e endereço dos traficantes. A ficha completa. No comércio da droga, ela falou, só uma coisa é totalmente garantida: alguém vai te sacanear. Você fica na fila, aguardando. É como ter uma moto, é certo que um dia você vai sofrer um acidente. Pode não morrer, mas vai cair. É assim que funciona. Portanto, pensei, nada de me entusiasmar com o dinheiro fácil. Nada de comprar mais pó. Aquela pacoteira era só um brinde, apenas isso. Um presente do cadáver. Essa era a parte mais complicada, pensar que minha sorte, as coisas boas que aconteciam comigo naquele momento, a droga e o emprego tinham a ver com o defunto. Um acaso? Um sinal? Fosse o que fosse, pecado imperdoável é não agarrar as oportunidades, é isso que eu tinha aprendido na minha vida de vendedor.

O trabalho de pesar e embalar o pó me ajudava a colocar o pensamento em ordem. Em cada papelote, eu colocava um grama e lacrava com a estrela vermelha. Vira isso num filme e me pareceu uma estratégia eficaz. Logo, meus clientes associariam aquela estrela a um pó sem farelo de mármore, de vidro, talco ou anfetamina. Venderia barato também. É essa a lógica do comércio, melhor e mais barato.

Quando o índio parou de fazer barulho, abri novamente a janela. Na esquina, o amolador de facas chegou com sua tralha acoplada a uma bicicleta velha. Três donas de casa se aboletaram ao seu redor, empunhando sombrinhas coloridas. As faíscas saíam do esmeril, junto com um zumbido que entrava na minha cabeça como agulhas. Ou abelhas.

Um pouco mais tarde, as crianças voltaram da escola em bandos. Moacir fechou a bicicletaria. Os homens, a caminho de casa, paravam no bar da esquina. A rua logo se encheu de pivetes, rindo e correndo em bandos. Jogavam pelada.

Fumei um cigarro e fiquei observando o sol se pôr atrás do casario. A temperatura começava a ficar suportável.

Às quinze para as oito, Moacir apareceu na calçada e perguntou se podia falar comigo. Fiz sinal para ele subir.

Havia tomado banho, mas a graxa continuava entranhada no corpo. Seu suor era escuro, oleoso. O topete, uma pasta brilhante. Gambitos, ombros caídos, não parecia um filho de cacique e estaria fodido se fosse obrigado a caçar uma onça como seus antepassados. Talvez nem soubesse o que era dançar na roda do cururu ao som da viola de cocho, coisas que Serafina adorava me contar em detalhes. Agora, aos domingos, ficava na frente da TV, cuidando das crianças e esperando a mulher voltar dos cultos evangélicos. Diziam no bairro que ela ia se encontrar com Alceu, o açougueiro. Onde mais ela poderia arranjar carne sem dinheiro?, perguntava Serafina.

Moacir, um pouco sem jeito, quis saber se eu podia antecipar o pagamento do aluguel. Falou dos remédios que precisava comprar para a mãe e para as crianças. Pobre se fode mesmo é na farmácia.

Peguei parte do dinheiro que consegui com a penhora do relógio e acertei o mês seguinte. Fiz algumas perguntas e, sem ouvir nada do que ele dizia, fiquei pensando se Moacir não era a pessoa que eu procurava, uma espécie de mula, para operar no meu negócio clandestino. Estava há muito tempo no bairro. Conhecia toda gente. E nossa proximidade permitiria que eu tivesse controle da situação.

Perguntei-lhe se queria um serviço extra. Dinheiro fácil.

Se for fácil mesmo, ele disse, se esganiçando numa risada.

Achei que seria preciso usar toda a minha lábua de operador de telemarketing para convencer o índio, mas, quando abri a gaveta ao lado da minha cabeceira e retirei os cinquenta papelotes, Moacir já estava convencido. Começou a tagarelar, a dizer que ele próprio já cogitara ir até Puerto Suárez e abrir seu próprio negócio, que era um desperdício ter a Bolívia no nosso quintal e não aproveitar, que conhecia um rapaz lá, Juan, que empacotava cápsulas e era amigo do maior bambambã, Ramirez, e outro, Wilsão, que levava até Araraquara meio quilo de pó no próprio estômago, e que isso, “de engolir droga”, dava “a maior grana”. Wilsão fora preso depois, aí é que está o problema, ele disse. Bebia e falava demais o Wilsão. Quando me perguntou se Sulamita nos daria cobertura, respondi que sim e não, não e sim, tergiversei, depende, você tem que ser discreto, falei, não comente nada com ela, deixe Sulamita por minha conta.

Antes de ele ir embora, insisti que fosse discreto.

Mais tarde, me arrependi, fui atrás do Moacir para desfazer a sociedade, mas ele não estava mais em casa.

Sulamita me telefonou quando eu voltava para casa. Haviam acabado de encontrar o avião caído no rio Paraguai, e ela e Joel participariam do resgate.

Eu devia ficar quieto, na minha, esperando. Em vez disso, peguei minha camionete e me mandei. Eu já havia aprendido. É na espera que você começa a trocar ideias com o diabo, câmbio.

Saindo da estrada 26A, em direção à base do Morro da Onça, começa o trecho de chão batido. O ar é agradável e tranquilo, e você sente o aroma de flores do mato. No rádio, o de sempre: música e entulho. Luciene e Josias se embriagaram e fumaram maconha durante toda a tarde de sábado. Depois de preso, Josias confessou que recebeu dos céus a ordem demoníaca de esquartejar a garota tão logo ela dormisse. Como ela demorava para dormir, Josias decidiu estrangulá-la antes do esquartejamento. Os pedaços da moça foram jogados no Córrego Fundo.

Abri a janela e repeti, até aqui tudo bem, câmbio. Não sou o Josias, não esquartejei ninguém. Não conheço Luciene. Nem estou boiando no Córrego Fundo, câmbio.

Na altura da primeira ponte, um carro policial seguido por uma ambulância passaram por mim. Sabia bem onde eles estavam indo e senti um certo alívio. E medo também.

Contornei o posto e estacionei perto do restaurante. Se aquilo era mesmo uma festa, eu era o primeiro a chegar.

No galpão, estreito e mal-ajambrado, não cabiam dez mesas. Era decorado com desenhos de tuiuiús, antas, maritacas, biguás, garças e gralhas que Carlão mesmo tinha pintado, e que eu apelidara de Pantanal Horror Show. Já funcionara como restaurante, mas agora o local só vendia badulaque para turista porque Rita não era boa cozinheira como a ex-mulher do Carlão.

A cozinha ficava ao fundo, dando para um pátio grande, aberto. Imaginei que Rita e Carlão haviam decidido fazer a festa fora por causa do calor.

Encontrei Rita sozinha, sentada numa espreguiçadeira, fumando e bebendo. Usava um vestido verde, leve, com a saia levantada e amarfanhada no colo, de modo que suas pernas cheias e bonitas ficavam à vista. O cabelo preso num coque embolado fazia uma espécie de ninho no seu cocuruto.

Você é o primeiro a chegar, ela disse. Vai ganhar um prêmio. Uma passagem só de ida para qualquer lugar bem longe de Corumbá.

Sentei na cadeira ao lado, e imediatamente ela colocou os pés cheios de unhas vermelhas no meu colo. Estava bêbada.

Perguntei pelo Carlão e ela me disse que ele tinha ido buscar cerveja. Vai ser uma grande festa, convidei até um grupo de violeiros. Você gosta de dançar?

Respondi que não.

Vou tentar te ensinar, mas não é fácil. Você tem que deixar que eu conduza.

E os outros convidados?

Estão chegando. Junto com a comilança. Encomendei tudo. Um bolo enorme, desses que sua mãe sabia fazer. Em camadas. E você, seu grosso, ainda não me disse parabéns. Quantos anos você me dá?

Parabéns.

Quantos?

O quê?

Anos? Quantos anos?

Sei lá. Não muito.

Chuta, ela disse, batendo com o pé direito na minha coxa.

Vinte e dois.

Quase. Não vou ser precisa, porque não quero que daqui a dez anos você saiba minha idade.

Tirei seus pés do meu colo, mas ela voltou a colocá-los.

Nunca vou envelhecer, ela disse. Encho minha cara de creme. E aos quarenta, se estiver feia, me mato. Prefiro morrer jovem a ficar pelanquenta. Você me acha bonita?

Acho. Cadê o Carlão?

Quem faz aniversário sou eu, não é o Carlão. O negócio hoje é comigo.

Ela se levantou e me puxou pela mão. Vamos tomar uma cerveja, ela disse, enquanto a festa não começa.

Na cozinha, ela abriu a geladeira, pegou duas latas e me entregou uma. E então, enlaçou os braços em volta do meu pescoço. Senti a lata gelada na minha nuca, e o frio desceu espinha abaixo.

O que estamos fazendo aqui?, ela perguntou.

A festa, eu disse. Bolo, dançar et cetera.

Estou falando do nosso futuro. Plano de vida. Projeto. Por que a gente não se manda?

O Carlão está demorando, falei.

Não vai me dizer que seu plano é casar com uma policial corrupta, que você mal conhece.

Ela não é corrupta, eu disse.

Mas é policial. E todo policial é corrupto. Vamos falar a verdade: as férias foram ótimas. Você sarou daquele seu piripaque e eu já me diverti um montão no Pantanal. Foi legal com Carlão. Isso é, até conhecer você, foi bem legal. Mas o Carlão é um velho.

Comecei a rir. O Carlão é só três anos mais velho que eu, falei.

São exatamente esses três anos que fodem tudo. É a mesma diferença entre uma mulher de trinta e sete e outra de quarenta, entendeu? Um diferença fundamental. Não estou mais a fim dele. Foi legal e tudo mais, mas chega. Corumbá é o fim da picada. Você é de São Paulo e eu também não sou daqui. Esse lugar não é para nós dois. Sei muito bem que você está doido por mim. Desde o dia em que você pisou aqui, vi o jeito como me olhava. Sei por que você se mandou daqui. Você não quer magoar o Carlão. Mas pode anotar, nós dois temos que ficar juntos.

Só naquele momento é que ela me contou que Carlão tinha viajado para Campo Grande. E que não havia festa nenhuma. Também não é meu aniversário, ela disse.

Aí, ela já estava dando risada e me beijando. Até aquele dia, posso dizer que tentei evitar. Quando a coisa entre nós começou a esquentar, me mandei. E quando ela me ligava, eu não atendia, e se atendia, dispensava. E quando começava a pensar na Rita, lembrava-me logo do dia em que o Carlão me chamou até o escritório e me mostrou uma arma, dizendo que, naquelas bandas, era assim que eles resolviam os

problemas.

Se tudo isso fosse um filme, estaríamos naquele momento em que você tem vontade de falar para o personagem para ele cair fora. É uma cena tensa, o personagem bate na porta da casa maldita e pergunta, tem alguém aí? Ninguém responde e ele entra assim mesmo. E lá dentro tem um assassino ou um cadáver, ou as duas coisas juntas. No filme, o sujeito vai em frente e o resto você já sabe. Muito sangue. Adrenalina pura. Na vida real, você não entra. Em compensação, faz coisas piores. Você assalta um cadáver. Você contrata um índio fodido para vender o pó que roubou do cadáver. Fode com a mulher do seu primo. Você faz tudo isso porque acha que pode cometer um erro, só um, mais um só, e mais outro, só mais uma cagada de nada e depois é só voltar e continuar o seu caminho, o seu filme, porque a trilha da vida continua lá, imóvel, esperando você fazer suas cagadas para depois voltar.

Quando me dei conta, a gente estava no chão, ela grunhindo, eu ressumando, os dois num frenesi desajeitado como o dos cachorros que eu via copular nos terrenos baldios ao lado da minha casa. Mal conseguimos arrancar nossas roupas, fomos vestidos, com a calcinha de Rita esfolando meu pau. O calor e o medo de ser flagrado aumentavam meu desejo, deixei que ela comandasse, a cadela. Trepada em cima de mim, lambe a minha cara, ela dizia, me morde, me chupa, mete, mete, mais fundo, e, então, de repente, quando eu estava pronto para gozar, ela começou a me chamar de cachorrinho, e foi como se essa palavra tivesse o poder de me sugar para fora de nós dois e me fazer entender o que se passava, você vai ficar nos meus pés, ela disse, cachorrinho, vai me obedecer, vai ser meu escravo, fui tomado de um terror, cachorrinho, coleira, ela repetia, quebrando o ritmo, não deixando que eu gozasse, foi só aí que saquei o lance e decidi colocar as coisas nos seus lugares. Tirei ela de cima de mim, coloquei-a no chão, ela abriu as pernas, mas eu não caí naquela greta. Prendi sua cabeça entre minhas pernas, e fiz o resto sozinho, com minhas mãos, até gozar.

Deixei ela lá, deitada, com a cara lambuzada de porra.

Tomei duas xícaras de café.

Sua cara não está nada boa, disse Dalva, quando entrei na copa.

Estava atrasado, mas ninguém parecia se importar com isso. O clima na casa nada tinha a ver com o do dia anterior. Havia muita gente no jardim, amigos, políticos e jornalistas, e da cozinha não paravam de sair bandejas com suco e café. A gente até conseguia ouvir algumas gargalhadas se prestasse atenção. Você ficou sabendo?, perguntou Dalva.

Eu já sabia de tudo e repetia para mim mesmo: até aqui tudo bem, câmbio. Tudo sob controle.

Horas antes, acordara assustado dentro da camionete, com Sulamita debruçada na minha janela. O que você está fazendo aqui?, ela perguntou, me dando um beijo. Eu estacionara na frente da sua casa, esperando que ela voltasse do resgate.

Amanhecia, fomos até a padaria do bairro caminhando de mãos dadas, Sulamita com a calça suja de barro, molhada até os joelhos. Tratei logo de falar do meu novo emprego, frisando o nome da família para que ela fizesse a associação inevitável, e, quando isso aconteceu, fui tomado por uma sensação de mal-estar, como se estivesse atolado em lama. Que coincidência, ela disse.

Depois, enquanto tomávamos café, ela me contou que o avião ficara preso num banco de areia, com a cabine fora da água, que haviam resgatado a aeronave e que existia uma chance de o piloto estar vivo.

Achei que não tivesse entendido direito.

Ele não estava lá, ela repetiu.

Quem?

O piloto.

Não estava no avião?

O cinto de segurança estava solto, e as duas portas da aeronave, destravadas.

Disse que havia a hipótese de o rapaz estar desmemoriado, vagando pela mata. Ou gravemente ferido, em algum local nas proximidades. Duas equipes, uma por terra e outra por ar, vasculhavam agora o Pantanal.

Falou também que todo o pessoal da investigação fora remanejado para acelerar a busca. Quando temos um caso assim, ela disse, é sempre a mesma história: o governador cobra do secretário, que cobra do diretor, que cobra do chefe do departamento, que cobra do delegado e a coisa estoura na infantaria.

Mais tarde, em casa, embaixo do chuveiro, precisei repetir para mim mesmo, em voz alta, que não havia como me envolverem naquele episódio. Não podiam me incriminar. Me prender. Eu não fizera nada. Exceto roubar. Checara duas vezes o pulso do rapaz. Um pó muito bom, câmbio. Relembrei tudo, cada detalhe, organizando meus pensamentos. Não era difícil imaginar o que ocorreu depois que deixei a cena do acidente. Meu erro foi desprender o piloto do cinto de segurança e não fechar as portas da

aeronave. Foi um descuido da minha parte. Morto, câmbio. Solto, ele foi carregado pela correnteza. Podre, câmbio. Era questão de tempo, iam encontrar o cadáver preso em alguma curva do rio. Já havia lido, em algum lugar, que as bactérias da morte trabalham rápido. Esta ideia também me atormentava, o corpo boiando, o rosto na lama, o ventre inchado, com moscas zumbindo ao seu redor.

Por outro lado, havia nisso um certo conforto. Até aqui tudo bem, eu dizia para mim mesmo. Não sou eu o cadáver. Não vou apodrecer. Nem boiar, câmbio.

No resto da manhã, fiquei na garagem, acompanhando as notícias no rádio. O assunto não saía do ar. Diziam muitas coisas. Que a região descampada facilitava o trabalho de varredura e que o piloto seria encontrado nas próximas horas. Diziam que o piloto era faixa preta em judô. Que possuía um grande preparo físico. Que havia ganhado o último campeonato de hipismo no Rio de Janeiro. Família rica. Repetiam isso muito, a riqueza. Todo aquele dinheiro, pensei, não evita que você acabe assim. No pântano. Diziam também que Júnior era um rapaz muito querido por todos. Bonito. Bom moço. Só não falavam que ele gostava de enfiar a fuça no pó. É incrível como basta uma tragédia para que uma pessoa comum se transforme em herói.

Foi ainda nesse mesmo dia, um pouco mais tarde, que eu a vi pela primeira vez. Dona Lu, é assim que todos a chamavam. Lu de Lourdes.

Ela não tinha cinquenta anos, era compacta e parecia ser feita de algum material que quebra com facilidade. O tipo de pessoa que, se eu fosse Deus, pagava para jogar no meu time. Falava olhando na sua cara, sem afetação, de um jeito muito feminino, não sei lidar com tipos assim. O resultado de certas combinações, riqueza com bondade, beleza com bondade, riqueza com beleza ou até mesmo só bondade ou beleza pura é muito destrutivo. Acaba com a gente. Você fica reduzido a pó, essa é a verdade.

Dona Lu postou-se perto do carro, esperando que eu abrisse a porta. Um cheiro suave, de mulher rica, logo tomou conta de tudo. Demorei para entender que minha função era aquela também, abrir portas.

Pedi que eu a levasse à igreja. No caminho, fez algumas perguntas, se eu era casado, se tinha filhos, família, se gostava de Corumbá. Falou que eu trouxera sorte para sua família. Que a polícia acreditava que seu filho estava vivo. Ela mesma tinha certeza disso. Você vai gostar dele, ela disse.

Ela também perguntou se eu era religioso. Lembrei ter lido em algum lugar que as pessoas preferem celebridades a Papai Noel. Atrizes, na minha opinião, são mais interessantes que santos. Entre Madonna e Ave Maria, eu também ficava com Madonna, mas isso a gente só pode dizer em pesquisas, não para dona Lu.

Não havia ninguém na igreja. Só o frescor, a penumbra, e ela, ajoelhada, rezando. Fiquei com pena, com vontade de encurtar o caminho que ela teria que percorrer. Pensei que se eu contasse que o rapaz estava morto, se a levasse lá e mostrasse o cadáver e ela o enterrasse como manda o figurino, com velório e flores, se ela chorasse no túmulo, não teria, como minha mãe, que manter a caçarola quente por muito tempo. A morte, crua, não é o mais difícil. Pior é o mistério. A dúvida. Eles é que acabam conosco.

Fomos para casa em silêncio, e, pelo retrovisor, vi que dona Lu chorava baixinho.

Aquilo me deixou arrasado. Lembrei da minha mãe chorando, as lágrimas pingando sobre as claras em neve. Pensei na quantidade de noivas felizes que comeram o bolo de lágrimas da minha mãe em suas

festas de casamento.

À noite, fui encontrar Sulamita na delegacia. Havia uma festa de despedida, era seu último dia de trabalho. No dia seguinte, ela seria transferida para o Instituto Médico-Legal, como chefe do necrotério.

Tomavam cerveja, sentados nas mesas.

Sabe qual será o trabalho dela, me perguntaram.

Eu não tinha ideia. Eles riam, queriam brincar comigo.

A Sulamita vai conversar com cadáveres, disseram. Risos. Agora é sério, me falaram, o cadáver é a caixa-preta do avião. Está tudo gravado naquele pedaço de carne, é só você sentar e saber ouvir. O defunto. Os mortos falam de verdade. Contam tudo. Quem fez. Como fez. É assim que você racha o crime, disseram. Alguém completou: meus melhores professores foram os grandes assassinos. O duro, disseram, é aguentar aquele cheiro.

Um rapaz que eu nunca tinha visto por ali, com umas pernas finas e a pança enorme, lembrou uma investigação em que o detetive, novato na época, e que depois morreu de infarto, foi até o banheiro da casa da vítima, pegou um perfume e espalhou pela casa. Imaginem só o cheiro. Carne podre com perfume. Gargalharam. Aquele fedor, disse o delegado, que se chamava Pedro Caleiro, aquele cheiro quente de podridão junto com o perfume, ele disse, quase matei o Raul, aquela besta, a gente suava como porcos. Riram muito. Principalmente Dudu, assistente do delegado, um tipo loiro de olhos azuis, com cara de weimaraner velho. Foi ele quem sugeriu que Sulamita usasse Vick Vaporub.

Era uma noite quente, sufocante, deixei de prestar atenção no que diziam. A imagem da dona Lu, chorando, por trás dos óculos de sol, não me saía da cabeça.

O que há com você?, perguntou Sulamita.

Devo ter bebido muito, falei, e saí para vomitar lá fora, no corredor, onde havia alguns pneus e outras tralhas atravancando a saída.

Sulamita trouxe um copo de refrigerante. Sentou ao meu lado, segurou minha mão. Você está melhor?

Respondi que sim.

Ela disse que a família dela queria me conhecer. Minha mãe vai fazer um almoço para você no domingo.

Perguntei se ela se incomodaria se eu fosse embora.

Sulamita foi carinhosa comigo, eu te levo até o carro, ela disse.

Quando estava saindo, ouvi ela perguntar para o Joel, você me dá uma carona, Tranqueira?

Claro, Doçura.

Em casa, fiquei me revirando na cama, olhando para o teto, sem conseguir dormir. A imagem do cadáver boiando no rio não saía da minha cabeça.

Às três horas, levantei, fui até o telefone público da esquina e liguei para a família Beraba.

Tenho uma informação importante, falei para quem atendeu o telefone.

Quem está falando?

A voz era do fazendeiro, reconheci.

Seu filho está morto, eu disse.

E desliguei.

Primero Brian estourou os miolos. Dez dias depois, Robbie se enforcou. E na sequência, Justin bebeu veneno para ratos. E Max, três dias depois, seguiu o caminho do Brian, do Robbie e do Justin. Pensei com meus botões, o pessoal daquela região, Texas, não sei bem onde era, Wisconsin, aquela gente deve acordar a cada manhã e se perguntar: quem vai se enforçar hoje? Quem vai se jogar do décimo andar?

Não é coincidência, concluíram os especialistas. Sei lá onde li essa história, mas a teoria é que se trata de uma epidemia. Um se mata e a coisa se espalha como uma gripe. Um vírus poderoso. A notícia sai em todos os jornais, na televisão, no rádio, e aqueles defuntos que horas antes eram só um estudante tímido, só um viúvo, um pacato vendedor de eletrodoméstico ou um filho de imigrante chinês, sem nenhum talento ou brilho, transformam-se em celebridades como artistas de cinema ou jogadores de beisebol. Uma fama negra, é verdade. Estrelas infecciosas.

Os outros, os que não se matam, fomentam a morte e fazem o espetáculo. Isso também faz parte da doença. Fofocam, comentam, se lambuzam de verdade. Comem jornais. Vivem daquilo. O enterro é um grande acontecimento, com a presença do prefeito, que presta homenagem ao enforcado com um belo discurso. Alunos fazem uma cantoria de mãos dadas. Luto é declarado e a bandeira do time é hasteada. Parece até a entrega do Oscar local. São um prêmio, as homenagens. Você se mata e, em troca, fica famoso na sua cidadezinha. Por alguns dias. E algum tempo depois, outro se enforca, e mais outro, num círculo vicioso, que paradoxalmente dá vida àquelas cidades mortas como nomes tão conhecidos quanto Frostproof.

Uma epidemia, dizem os sociólogos. E não adianta lavar as mãos. Não adianta usar álcool. Nem máscara. A única forma de você não estourar os miolos é desligar a televisão. Desligar o rádio. Não ler jornais. Sair da cidade.

Eu mesmo me sentia contaminado. Na minha opinião, era também um surto o que estávamos vivendo em Corumbá. De outro tipo, mas igualmente perverso. Em todos os jornais, no rádio, na televisão, só se falava no acidente do piloto. A diferença é que ninguém se matava. Dava pena ver a dona Lu. Emagreceu um bocado. Eu tinha praticamente que carregá-la até o carro, nas vezes em que íamos para a igreja. E nessas ocasiões, os urubus a cercavam, quase pediam autógrafo. Está doendo muito?, era o que eles queriam saber. Quanto dói ter um filho desaparecido? Bandos atrás de carniça. Gostavam de sentir dó daquela mulher rica e bonita, que estava bem fodida, apesar de ser rica e bonita. Sentiam-se bem com isso. A desgraça de dona Lu permitia que eles se sentissem piedosos. Esse, aliás, é outro sintoma da epidemia. A bondade patológica que surge na comunidade. Em vez da febre e da diarreia, de repente, aparece esse sintoma, a compaixão.

Os jovens da cidade se organizavam e saíam em busca do piloto nas imediações da Estrada Velha. No local do acidente havia, agora, uma cruz. E flores. Júnior está vivo. Faixas como essa se espalharam pela

cidade.

O pior eram as vigílias. Às vezes, eu chegava para trabalhar e não tinha outra forma de entrar na garagem a não ser pisando nas flores e velas. Recolhíamos os ramalhetes, abríamos caminho, jogávamos tudo no lixo, mas logo eles traziam mais flores, mais lixo e bloqueavam a entrada novamente. Numa segunda-feira, havia também sacos de batata frita e latas de Coca-Cola jogados por ali. No picadeiro. Onde as pessoas sofriam um pouquinho para se divertir bastante. Com o infortúnio alheio. Em vez de irem ao parque ou ao cinema, padeciam na nossa calçada, de mãos dadas, com rezas e cantorias. E depois, quando estavam cansados de se divertir chorando, voltavam para suas casas, saciados.

Não havia sossego. De dia, indignação, e à noite, pesadelos. Neles, havia sempre um bolo de vários andares, como os que minha mãe preparava, e no topo, no lugar dos noivos sorrindo, via-se um avião destroçado em volta do qual urubus e gaviões giravam incessantemente. Eu observava a nuvenzinha escura de aves e, quando me levantava para espantá-las, percebia que eu próprio estava girando com os urubus. Era no voo que eu acordava, com a vertigem do enlevo. Ou da queda, não me lembro bem.

A epidemia não demorou muito tempo. Um mês, talvez. Um pouco mais. E quando estávamos no ápice, com toda a cidade se divertindo muito, o inevitável aconteceu. É assim que funciona a epidemia, dizem os imunologistas. Tem um pico, e depois começa a ceder. Baixar. Cair de verdade.

No momento em que começamos a ter um pouco de paz, dona Lu afundou de vez. Ela não se conformava. Como o seu filho, tão amado, meu único filho, meu amor, podia não entrar mais por esta porta? Eu quero meu filho, ela repetia para o marido como uma menina mimada.

Ouvíamos seus soluços da cozinha. Os médicos vinham dopá-la. Mas ela acordava e voltava a uivar. Às vezes, ficava confusa, perguntava-nos se Júnior já havia acordado, se tomara café. Às vezes, me chamava para mostrar os álbuns de Júnior quando criança. Passamos tardes assim, vendo fotos do passado.

Lembro que um dia, ao voltar do banco onde fora pagar algumas contas, fui procurá-la no escritório para entregar os recibos, e a encontrei debruçada sobre a escrivaninha, aos prantos, sem nenhum pudor, chorando como uma criança pequena, onde está o meu filho?, ela perguntou quando entrei. Eu quero o meu filho, ela disse, num sussurro, quase implorando, olhando nos meus olhos, era assim que ela falava com a gente, se enfiando nos nossos olhos, sem medo, e quando você respondia, ela escutava com uma atenção infantil, acreditando, como se as pessoas não fossem capazes de mentir.

O que eu podia dizer naquele momento? Que o filho dela servira de pasto de piranha?

É verdade que eu havia dito isso. De outra forma. Não para ela, mas para o marido. Se ela atendia o telefone, eu desligava. Mas em duas ocasiões, no meio da madrugada, do telefone público da esquina da minha casa, quando tive certeza de que era o fazendeiro no telefone, falei com todas as letras: seu filho está morto.

E desliguei. Eu achava que essa informação ajudaria, que a partir dela, eles avançariam, procurariam o cadáver no rio ou então começariam a aceitar a ideia de que o filho morrera, no mínimo isso, mas o curioso é que em nenhum momento eles sequer levaram essa hipótese em consideração. Há um doido ligando aqui, disse Dalva certa manhã. Um psicopata.

E assim, meus avisos foram só mais um ingrediente do pesadelo da família. Eles me ouviam e, no dia seguinte, continuavam acreditando que o filho seria encontrado. Não interessava que o filho tivesse caído num rio cheio de piranhas. Isso eles sequer consideravam. As piranhas. Criavam gado havia décadas, estavam cansados de perder bois para as piranhas naquele mesmo rio em que o filho deles tinha caído, mas esse detalhe eles ignoravam.

Um mês e uma semana depois do acidente, recebi meu primeiro salário e saí com Sulamita para comer pizza num restaurante perto do mirante, no morro de Santo Inácio, de onde a gente via, ao fundo, um pedaço do rio Paraguai.

A noite estava quente, abafada, e sentamos numa mesa de fora para apreciar a paisagem.

Sulamita andava um pouco triste e eu achei que seu desânimo tinha a ver com minha relutância em ser apresentado para sua família. Fazia algumas semanas que ela insistia no assunto, eu enrolava um pouco por causa da Rita. Não que eu não gostasse de Sulamita. Mas Rita era outra história. Rita era borbulhante como água de cachoeira, tudo nela era viço e força, ultrafeminina, pernas de fora, sempre cheia de anéis e colares e tamancos e trejeitos, fiquei louco por tudo aquilo.

Carlão acreditava que ela estava atendendo clientes, e Sulamita pensava que eu estava fazendo hora extra na casa dos Beraba, e a gente ia para os motéis da cidade, enchíamos a banheira e ficávamos lá, fodendo e nos refrescando do calor.

Um dia, estávamos abraçados na cama, depois de fazer amor, quando perguntei por que ela não caía fora se o relacionamento com o Carlão estava ruim. Acho que naquela época eu também andava pensando num lance mais sério com Rita. Por quê, ora por quê, ela disse, porque eu tenho coração. O Carlão largou um casamento de anos e duas filhas para ficar comigo, e agora, que estou com você, numa boa, agora que estou apaixonada por você, eu simplesmente digo tchau? Sem mais nem menos? Não, não sou este tipo de mulher. Quero fazer com jeito, ela falou. Sem magoar ninguém.

Depois disso, saquei qual era a da Rita e tirei o pé do acelerador. Na verdade, vi que estava na hora de acabar com aquele caso. Mas não era fácil. A gente tinha uma conexão maluca, ela sabia me manter por perto. Claro, a gente passou a brigar muito também. Principalmente por causa da Sulamita. Ou do Carlão. Eu não gostava de deixar Sulamita na mão, e isso irritava Rita. O Carlão também me exasperava. Às vezes, ligava três vezes seguidas para fazer perguntas idiotas. Um chato, porra. E você nem casou e já age como marido, ela dizia. Aí a coisa esquentava. Brigávamos, ela telefonava, eu não atendia, ou vice-versa, eu implorava, ela implorava, os dois diziam não e sim, e sim e não, e fazíamos as pazes, e brigávamos outra vez, voltávamos atrás, e nos ofendíamos, depois fazíamos as pazes novamente.

Nosso relacionamento esquentou de verdade numa quinta-feira, quando saí para beber cerveja com Carlão e ele me contou que iria ter um filho com Rita. Fiquei puto.

Naquele sábado na pizzaria, naquele calor dos diabos, sem vento nem nada, eu finalmente concordei com Sulamita e disse que ela podia marcar o almoço com a família no domingo.

Ela me deu um beijo e falou que me amava. Mas estava triste ainda, eu percebia. Triste e gamada.

No domingo, acordei decidido a colocar minha vida nos trilhos. Rita me ligou e fiz questão de dizer isso para ela, vou conhecer a família da Sulamita, talvez a gente fique noivo. Você é ridículo, respondeu

Rita, e desligou na minha cara, antes que eu dissesse que ridícula era ela com aquele papo de bebê.

Quando estava me preparando para sair, Moacir bateu na minha porta. Fazia uma semana que eu tentava conversar com ele, saber que porra ele estava aprontando, por que andava tão relapso, não abria mais a oficina, dormia até tarde, as tralhas, as latas velhas da oficina ficavam largadas na entrada da casa, e as crianças do bairro já começavam a roubar aquelas porcarias.

Ele também estava bebendo. Pelo menos era o que a Serafina andava me contando. Mas o que me preocupava mesmo era Eliana. Era verdade que a gente estava fazendo algum dinheiro. Não muito, porque minha estratégia era vender barato para furar a concorrência. Mas era um dinheiro picado, que entrava todo dia, todo dia Moacir deixava algumas notas de cinco e de dez por baixo da porta do meu quarto, pegava a parte dele, e isso era bom para mim e bom para ele, eu gastava tudo sem dar bandeira, gastava em motéis e restaurantes com a Rita, e com a Sulamita também, havia comprado um anel para Sulamita, que ia levar para o almoço, e uma bandeja para a mãe da Sulamita e uma faca de churrasco para o pai, eu gastava tudo, mas sem dar bandeira, ao passo que Moacir, um vacilão, que história era aquela de não abrir a oficina? E Eliana, que vivia de roupa nova, empetecada? Por que ela pintou o cabelo de loiro? Para chamar atenção?

Na sexta, ao sair para o trabalho, notei que todo mundo na casa de Moacir, inclusive Serafina, ganhara um par de tênis novo. Do mesmo modelo. O que é isso?, perguntei. Um time de futebol? Expliquei a Moacir que ele estava dando bandeira. Você acha que as pessoas do bairro não percebem? Vocês, que vivem descalços, de repente aparecem de Reebok novinho? Acha que as pessoas não veem a ganância?

Vou tomar cuidado, ele disse. Jurou que iria falar com Eliana, mas notei que ele já fedia a álcool e fiquei mais preocupado.

Esse papo é sério, falei.

Estou sabendo, respondeu Moacir. Perguntou quanto tínhamos ainda de droga.

Duzentos gramas, um pouco menos, respondi.

Só isso? Nem precisa de papelote, ele afirmou, me dá tudo, tenho um comprador único.

Fazia um sol de rachar quando entrei no carro, e a paisagem tremia como se fosse um filme ruim.

Roubaram seu carro? Vá até Puerto Suárez e veja se ele não está por lá. Era isso o que eu lera sobre a cidade. Agora eu rodava pelas ruas enlameadas de Puerto Suárez, mas minha camionete não havia sido roubada. Estávamos lá, eu e Moacir, para negociar.

Desde que nosso suprimento acabou, Moacir não saía do meu pé. Parou de beber, tomou jeito e, enquanto martelava seus bagulhos velhos na sua oficina quente e suja, tentava me convencer a encontrar seu amigo Ramirez. O boliviano. Ou melhor: quase amigo. Sou amigo de um cara que trabalha para ele, dissera Moacir. Juan. Outro boliviano. O esquema deles não tem erro, você só tem que usar seu carro.

Quanto mais eu resistia, mais Moacir tentava me convencer. Com uma camionete dessas, eu já estaria cheio da grana, ele dizia. Sabe qual é meu plano?

Era até engraçado, aquelas bicicletas depenadas naquele moquiço fodido, e o índio falando em futuro. Meu plano é cair fora, eu disse. Projeto dar no pé. Vamos ganhar um dinheirão com Ramirez, ele garantia. Ramirez é como você: não quer problemas. Quer dinheiro. Você e o Ramirez têm muito a ver, sabe? Vão ser amigos, tenho certeza. Ramirez só se dá com gente como você. Se tudo der certo, se a gente entrar nessa, sabe o que eu quero fazer com minha parte? Uma oficina de verdade, uma oficina com macaco hidráulico gigante, sabe, macaco hidráulico? Que levanta o carro? Bem no centro de Corumbá. Contrato dois para trabalhar comigo. Todo mundo de uniforme. Se você for comigo a Puerto Suárez e conhecer o Ramirez, vai ver que é mole levantar uma grana.

Claro que eu não levava nada disso a sério. Na realidade, foi a reação da Sulamita, no dia seguinte, ao descobrir a calcinha de Rita no meu quarto que me fez mudar de ideia. De quem é?, ela perguntou. Sei lá, respondi, me preparando para uma briga que não aconteceu. Na verdade, o que se deu entre nós foi um anticlímax. Primeiro um grande silêncio, e depois, um vazio, um buraco, Sulamita não dizia nada, comecei a inventar coisas, ela ficou sentada na ponta da cama, controlada, mordendo o lábio, ouvindo eu repetir que não sabia como aquela calcinha tinha ido parar lá, juro que não sei, eu repetia, deve ser coisa dos índios, aqueles pivetes são foda, eles entram nas casas, mexem em tudo, e, então, Sulamita me interrompeu e começou a dizer que, sempre que recebia um cadáver no necrotério, não conseguia deixar de pensar que, horas antes, aquele pedaço de carne estava respirando, o coração batendo, o sangue fluindo. Doía pensar, ela disse, que ele, o cadáver, tinha um projeto antes de morrer, uma viagem, uma casa, um filho, um perdão, qualquer coisa, você sempre acha que pode deixar seu sonho para amanhã, você pensa “amanhã eu cuido disso”, mas então você leva uma bala na cabeça, ou morre atropelado por um caminhão, ou o coração explode, e pronto, tudo acabado. Não tem amanhã. Falou ainda que, naquele domingo em que conheci os pais dela, enquanto comíamos a peixada que sua mãe passara a manhã cozinhando, na mesa, todos juntos, ela mal conseguia respirar de tanta felicidade. Finalmente, ela disse, achei que havia encontrado o homem que iria ser o pai dos meus filhos. Que era eu. Projeto família,

claro. Eu, o pai. Provedor. Cheio de responsabilidades. De repente, ela continuou, consegui ver um futuro legal para mim e para minha família. Meu sonho estava ali, bem na minha cara, e eu achei que daríamos conta dele. Do sonho. Eu e você. O fato de o pai, a mãe e a irmã terem gostado de mim só fez confirmar seu sonho. Juntaríamos dinheiro, ela disse, e compraríamos uma terra no Pantanal. Construiríamos uma casa. Criaríamos gado. E agora, ela disse, essa calcinha, essa calcinha fedida, de mulher vulgar, acabando com tudo.

Sulamita não foi ríspida nem acusadora. Estava triste, desamparada, e foi por isso mesmo que seu sonho me acertou em cheio naquela noite como uma porrada, quase pude sentir um gosto de sangue na minha boca. Criar gado no Pantanal, uma família, nos imaginei como a dona Lu e o José Beraba, sem o filho morto, claro, mas aquele tipo de casamento sólido, desses que só mesmo o dinheiro consegue erguer, negócios, gado, um futuro certo como uma fórmula matemática, e foi pensando nisso que me ajoelhei perto de Sulamita e queimei aquela calcinha com meu isqueiro, jurando nunca mais fazer nada que pudesse magoá-la, nada, eu disse, e pedi desculpas, falei que queria o mesmo que ela, casamento, terras, filhos, o que você decidir está bom para mim.

Um homem não pode passar o resto da vida transando com mulheres destrambelhadas como a Rita.

Eu e Sulamita fizemos amor naquela noite de um jeito diferente, sem fúria nem ânsia, como era com Rita, e muito menos da nossa maneira usual, entusiasmada e carinhosa, foi algo fundador, pulsante, eu a rasgava em impulsos, mergulhava, ia em direção a algo muito entranhável, uma toca, lá no fundo, uma gruta, e voltava à tona, gemendo, feliz, afundava e submergia, muito devagar e também com muito ímpeto, sempre com esse balanço, avançando e recuando, até gozar.

No outro dia, procurei o Moacir e falei, vamos tocar aquele projeto.

O lance, explicara Moacir, é ideal para nós, que não temos dinheiro. Ramirez não quer clientes. Quer sócios.

Deixei bem claro que aquela seria a primeira e a última vez que me metia em algo assim. Mas não vá dizer isso para o Juan, ele falou. Ganhamos a grana e caímos fora. Também não quero foder minha vida, respondeu Moacir. Vou montar uma oficina legal, é só isso que eu quero.

Falei também com Sulamita, menti, disse que possuía uma grana guardada. Vamos juntar nossas economias e comprar uma terra pequena. Começar, câmbio.

Agora, andando pelas ruas esburacadas de Puerto Suárez, procurávamos o bar onde Juan, amigo de Ramirez, estaria nos esperando. Eu havia ligado para Dalva e dito que não trabalharia naquele dia, estou com diarreia, falei. Dalva me ensinou uma receita com água e maisena, faça isso e amanhã você vai estar bom.

Como ela está?, perguntei.

A dona Lu? Muito mal, respondeu Dalva.

Desliguei o telefone com uma tristeza no peito, eu queria tanto que a dona Lu sarasse, também falei isso para Dalva, mas pense, ela respondeu, como é que a gente sara da morte de um filho?

Tomamos refrigerante; o dono do boteco mantinha o rádio sintonizado numa estação brasileira, ouvindo notícias do Brasil e propagandas de produtos brasileiros, fiquei escutando e pensando que não

devia haver no mundo castigo pior do que nascer em Puerto Suárez.

Dez minutos depois, Juan chegou no bar usando chapéu e uma camisa vermelha. Vamos no seu carro, ele falou.

Entramos na camionete, até aqui, eu disse para mim mesmo, tudo bem, câmbio. Juan era um sujeito simpático, gostava de falar português. Vire à esquerda e vai em frente, ele disse. Na verdade, o português dele era tão nojento quanto o meu espanhol, e se ele achava que estava falando português, eu também acreditava que estava me comunicando em espanhol. À esquerda novamente, ele falou. E depois perguntou se eu gostava de puerco. Respondi que si, mucho. Aqui se faz um puerco assado manífico, ele disse, apontando um bar que não tinha nada de magnífico. À direita e depois à esquerda, ele falou.

E então Juan começou a contar como aprendera português, com las telenovelas, ele falou, mais uma vez à esquerda, é assim que aprendi, à esquerda agora, mas eu também me arrisco, veja o caso do puerco, eu não sabia como se falava puerco em português, ele disse, mas deduzi que era como em espanhol: puerco.

Não é puerco é porco, eu disse.

No?, ele falou, rindo. Falo mal assim? A partir daí, ele começou a me chamar de Porco. Porco para cá, Porco para lá, o que eu podia fazer?

Moacir não participava da conversa, ficava olhando pela janela, absorto, como uma criança que é carregada pelos pais.

Estávamos saindo da cidade quando Juan me mandou estacionar, apontando uma casa sem reboco. O bairro era ainda mais pobre e desolado que o centro, e dali se tinha uma visão boa da área. Dois rapazes armados, sem camisa, faziam a segurança do local.

Fomos levados para o interior do imóvel, atravessamos a sala, onde um casal, sentado cerimoniosamente num sofá caindo aos pedaços, se intimidou com nossa aparição. Passamos pela cozinha, em direção aos fundos da casa até chegarmos num quintal amplo, cimentado, parcialmente coberto. Ramirez estava lá, ao lado de uma prensa artesanal, organizando o trabalho de compactar a pasta base. Fui apresentado como Porco, o amigo de Moacir. Agora era oficial, pensei. Porco. Você vão ter que esperar um pouco, disse Juan. Só preciso da chave do seu carro.

Não gostei daquilo, mas Moacir se adiantou, tirou a chave da minha mão e a entregou para um rapaz que acabara de chegar e que estava ao lado de Juan.

Vimos Ramirez embalar a droga com habilidade. Tiras de papel filme transparente eram colocadas nos buracos da prensa. Com uma colher, ele ajeitava a droga sobre o plástico e depois lacrava as cápsulas prontas com fio de nylon.

Enquanto observávamos, o portão lateral se abriu e minha camionete entrou, dirigida pelo rapaz que pegara a chave minutos antes.

Mais dois jovens saíram da casa e começaram a conversar com o motorista sobre o melhor local para camuflar a droga. Eu me sentia aflito, o que está rolando?, perguntei para Moacir. Calma, ele disse. Não tem erro.

Nesse momento, o casal que estava na sala quando chegamos, juntou-se a nós, cada um carregando

uma garrafa d'água. Finalmente entendi o que aqueles dois pobres coitados, marinheiros de primeira viagem como nós, estavam fazendo ali. Ramirez deu as instruções e nos vinte minutos seguintes, o casal engoliu uma pacoteira de cápsulas, quase oitocentos gramas da droga. O entorpecente seria transportado dentro do corpo deles, naquele mesmo dia, para algum lugar do sul Brasil.

A moça parecia uma roedora assustada, prestes a ser caçada. Num determinado momento, achei que fosse desmaiar.

Juan saiu, levando o casal, e só então Ramirez começou a conversar conosco.

Nessa altura, já tinham arrancado o escapamento da minha camionete. Fiquei apavorado quando compreendi qual era o esquema: levaríamos dez quilos de coca, e não dois como eu havia combinado com Moacir. Cinco seriam coletados por outro agente de Ramirez no dia seguinte e o restante era nosso. Pelo trabalho, ganharíamos quarenta dias para saldar nossa dívida.

Puxei Moacir de lado. Você ficou louco?, perguntei. Não foi o que combinamos.

Fica frio, ele disse. Está tudo certo.

Entrei em pânico.

Fui para o banheiro, minha vontade era largar o Moacir e a camionete naquela birosca, e então Moacir veio atrás de mim, você acha, ele falou, que eu vou colocar todo mundo, Eliana, meus filhos, minha mãe, em risco? Você acha que sou louco? Acredite em mim, ele falou. Vai dar certo.

Quando Ramirez nos explicou como seria a passagem na fronteira, achei que só podia ser uma piada. É isso mesmo, disse Ramirez, quanto menos vocês souberem, melhor. Fiquem tranquilos. Passem pela fronteira como se não houvesse nada.

E se nos pararem? E se nos prenderem?

Não vai acontecer nada disso, disse Moacir. O Ramirez garante.

No caminho de volta, eu tremia dos pés à cabeça. Você não tem a mínima noção do que estamos fazendo, eu dizia para Moacir, você é um doido, um inconsequente, na sua tribo não existe nada disso, você se acha muito esperto, mas não passa de um índio tonto. Ele ria, tranquilo, olha ali o Juan, apontou, quando estávamos próximos de cruzar a fronteira. Ele vai nos ajudar, disse Moacir. Vi Juan estacionando o carro, de onde desceram a roedora apavorada e o rapaz com os buchos cheios de droga. Juan se mandou.

Já íamos passar pelos guardas quando os dois infelizes praticamente entraram na nossa frente. E então, sete policiais, além dos que já estavam na guarita, apareceram e rodearam o casal, que foi algemado e carregado sei lá para onde.

Quanto a nós, nem nos revistaram. Passamos numa boa. Vendo os dois se foderem.

Assim que tomamos uma distância segura, parei o carro, seu índio burro, eu gritava, sentindo minhas pernas tremerem.

Estava tudo certo, desde o início, disse Moacir. Eu sabia.

Sabia do quê?

Eles, Ramirez e Juan, os dois entregaram o casal. Eles fazem isso. É normal. Entregaram os dois para a gente poder passar.

Seu puto, eu disse. Você sabia disso?

Liguei o carro e saí. Índio de merda, eu falei. Você não vale nada.

No resto da viagem, nem olhei na cara do Moacir. Ele começou a contar uma história longa, que o Ramirez tinha cinco irmãos, e que ele conhecia o segundo, e que não sei quem foi preso, cala a boca, eu disse, você só está me deixando mais nervoso ainda.

O que você está fazendo aqui?, perguntou Sulamita, logo que entrei no necrotério. Tive a sensação de que ela não queria que eu a beijasse.

Sulamita havia pedido várias vezes que eu não fosse até lá, nem mesmo para buscá-la depois do expediente. Aquele lugar não é como uma delegacia, dissera, ou uma repartição pública. Às vezes, me sinto como se estivesse na cozinha do diabo. É lá que eu trabalho. Onde o demônio cozinha a desgraça. Temos uma geladeira imensa, enferrujada, toda manhã meu coração dispara só de pensar no que vou encontrar naquelas gavetas. Você não pode imaginar o cheiro que fica impregnado nas nossas roupas e nos cabelos. Cheiro de carniça, de enxofre, de lixo, pense em qualquer fedor que você conhece. O de lá é pior, ela dissera. É um ranço espesso, quase dá para pegar com a mão. Não quero que você me visite. Nem você nem ninguém.

Não pensei em nada disso quando decidi procurá-la. Havia telefonado duas vezes, mas, pelo jeito, atender chamadas não era o forte daquele necrotério. Minha cabeça fervia, eu tentava me acalmar, precisava de um pouco do conforto que a simples presença de Sulamita me trazia, e por isso estava lá.

Uma hora antes, eu estava na cama, ouvindo Moacir desmontar meu carro na oficina, nervoso por saber que havia ali dez quilos de cocaína, quando Rita bateu na minha porta. De shorts, botas e tranças no cabelo. Não podia ter escolhido momento pior, pensei. Fumando. Com a maior cara de pau. Inacreditável, a Rita. Queria saber que “lance estranho” era aquele que estava “rolando entre nós”. Por que eu não atendia o celular? O que ela tinha feito de errado? Você não me ama mais?

Uma cínica, a Rita. Os seios livres, embaixo da camiseta, e as unhas pintadas de uma cor berrante, alaranjada, como se estivessem querendo me pegar numa armadilha.

O Carlão me contou que você está grávida, eu falei. Estou sabendo de tudo. Do bebezinho que vocês vão ter. Uma bela família, eu disse. Não sei como você é capaz de fazer isso com Carlão. Grávida e vir aqui atrás de mim. Falei também que ela me dava nojo. Uma coisa, Rita, é a gente se divertir, outra é você ter filho com o Carlão.

O filho é seu, ela respondeu. Assim, na lata. E depois explicou, confusa, que realmente havia conversado com o Carlão antes mesmo de falar comigo, apesar do filho ser meu e não dele, é seu, ela dizia a todo momento, não é dele, é seu de verdade, eu só estava preparando o terreno, você sabe, não é dele, mas Carlão é muito legal, é seu, e lembra como Carlão ajudou quando você estava todo fodido? Quando aquela vendedora se matou por sua causa? Não estou a fim de magoar o Carlão, ela falou. Falou: não precisamos fazer isso com as pessoas. Espicaçar. A Sulamita também não merece sofrer. Sou assim, não gosto de fazer ninguém sofrer. E depois, ela concluiu, nós dois temos brigado tanto, não sei o que acontece, parece até que tem uma urucubaca rolando em cima da gente. Você nem atende meus telefonemas, não tive oportunidade de falar sobre a gravidez.

Empurrei Rita para fora, não acredito, eu disse, vai embora e me deixa em paz, e então ela se agarrou no meu braço, gritando que o filho era meu sim, seu idiota, ela dizia, seu merdinha idiota, quem você pensa que é? Fiquei com medo de que os vizinhos ouvissem.

Fale baixo, porra.

É seu o filho. Coloque isso na sua cabeça. Estou grávida de um mês. Agora você quer fugir da sua responsabilidade? Acha que pode me engravidar e se mandar?

Ficamos quietos, pensativos, na porta do meu quarto. Lá embaixo, Moacir continuava martelando meu carro.

Como vou ter certeza de que você não está mentindo?

Ela riu, cansada.

Não estou brincando, eu disse. Você mente tanto para o Carlão. Aliás, quem me garante que esse filho não é mesmo do Carlão? Ou de sei lá quem? Quantos caras você tem, Rita?

E então, Rita me deu um tapa na cara; na hora, lembrei da minha vendedora suicida. Não é qualquer um que tem estrutura para receber um tabefe desses. Vou dizer a verdade, Rita falou. O filho não é seu, eu jamais teria filho com um cretino como você.

Eu não estava preparado para tomar aquela “invertida”. Fiquei observando Rita sair, fria, descer as escadas, furiosa, não sabia se gritava, se corria atrás e a pegava pelos cabelos, se batia a porta com toda a minha força, minha vontade era, ao mesmo tempo, de agredir e pedir desculpas. Bater e recuar. Foi por isso que procurei Sulamita.

Fiz mal em vir?, perguntei.

Tentei abraçá-la, mas ela se esquivou.

O que foi?

Essa zica, ela disse. Já expliquei para você. Fico com um cheiro estranho quando estou aqui. Você sente?

Cheiro de xampu, eu falei, depois de aspirar seu cabelo.

Mesmo?

Claro, você está cheirosa como sempre, insisti. Mas era mentira. Um odor pútrido e nauseante vinha de toda parte, inclusive de Sulamita.

Ela sorriu. Quer ver uma coisa?

E então me pegou pela mão e me levou para dentro do necrotério, uma sala imensa, revestida de azulejos que já haviam sido brancos um dia, e que agora eram apenas sujos. No centro, três mesas de inox em ruínas. Numa delas, estava um cadáver, embaixo de um lençol que cobria quase tudo, exceto os pés.

Sulamita me explicou que as autópsias eram feitas ali. Estupros, homicídios, tem de tudo, ela disse. Gente daqui e gente da região. Todo dia recebemos corpos. É difícil ficarmos um dia, um mísero dia, sem que chegue alguém.

Contou que era esse o seu trabalho. Coordenar a equipe de autópsia. Receber os cadáveres, guardá-los, limpá-los, colocá-los na mesa para o legista trabalhar. Falou também que assistia às autópsias.

E sem que eu lhe pedisse nada, me levou até a mesa central e retirou o lençol que cobria o corpo de uma mulher ainda jovem, cujas pernas e braços estavam repletos de escoriações. Havia um brinco em forma de coração na sua orelha direita.

Essa morreu ontem, ela disse.

Notei que Sulamita estava pálida.

Estupro seguido de morte, ela continuou. Acabaram de encontrá-la jogada num lixão.

Ficamos olhando o cadáver por alguns segundos.

Tem certeza, ela perguntou, que não estou com esse cheiro?

Tenho, respondi, apertando-a em meus braços.

Então Sulamita começou a chorar. Não posso mais, ela disse, não posso, não aguento, não posso e não aguento, ela repetia sem parar. Parecia um vinil riscado. Preciso ir embora, ela falou. Não posso mais. Disse que, quando ouvia o barulho do rabeção estacionando, seu coração pulava como um sapo fugindo de cobra. Não aguento. Tenho a sensação de que vou vomitar meu próprio estômago. Não posso mais. Chefe de necrotério, ela disse. Sabia que é essa minha função? Só no dia que recebi minha carteira de trabalho assinada e li o registro é que me dei conta do que ia acontecer na minha vida. Até então, eu pensava que se tratava de uma promoção, que eu deixaria de ser auxiliar administrativo, de fazer trabalhos burocráticos, para ganhar mais. Não compreendia que ia trabalhar nesse mundo horrível de pessoas que fedem e apodrecem. Claro que eu sabia do que se tratava, eu prestei concurso, estudei, conhecia o nome de tudo, de cada instrumento que usamos, todos os tipos de cinzéis e pinças e serras que cortam o crânio, sabia tudo, os termos técnicos, os procedimentos, sabia, mas não entendia o que eles significariam na minha vida. Esse ranço. Você sente, não sente?

E começou a chorar de novo, apertando suas próprias mãos contra o rosto.

Peguei Sulamita pelo braço, vamos sair daqui, eu falei.

Atravessamos a rua, sentamos num boteco em frente ao necrotério, onde as famílias dos cadáveres também se aboletavam para comer um sanduíche frio enquanto esperavam para fazer o reconhecimento de seus mortos. Tudo aqui é assim, ela disse, contaminado, não tem para onde escapar, não dá para tomar um café em paz, sem encontrar esses fodidos sofrendo porque morreu o filho, a mãe, o irmão. Ontem, uma mãe que perdeu o filho de dois anos, afogado na piscina, batia a cabeça na parede e gritava.

Pensei no quanto minha própria mãe teria sido feliz se um dia alguém tivesse nos telefonado do necrotério, se tivéssemos ido até lá, reconhecido o cadáver do meu pai, para depois enterrá-lo e acabar com o assunto. É esse o significado da palavra enterrar. Colocar ponto final. Enterrem os mortos e cuidem dos vivos, quem disse isso? Enquanto não enterramos os mortos, os vivos ficam lá, sangrando. Acabam conosco os mortos. Com a dona Lu. Eu havia notado que nos últimos dias, ela não se importava mais em encontrar o filho vivo. O cadáver do filho já bastava. Estava naquele ponto em que o cadáver era melhor que nada. Antes o cadáver. Era assim mesmo que as coisas se davam. Eu sabia disso por experiência própria, há momentos que até uma péssima notícia é bem-vinda. Achamos um braço. Um pedaço do crânio. Achamos o assassino. A cova. Qualquer coisa serve.

Pedimos Coca-Cola e Sulamita começou de novo a dizer que se sentia mal com aquele cheiro de decomposição, de coisa podre, para eu não chegar perto, meus cabelos estão fedendo, minhas roupas, esse odor gruda como chiclete, não adianta só tomar banho com sabonete, ela disse, se não passo álcool no corpo inteiro, o cheiro não sai.

Tentei acalmá-la, enquanto eu próprio me acalmava, falando dos nossos planos, das terras que

comprariamos, disse que logo ela poderia pedir demissão daquele lugar e se livrar daquele fedor. Então você sente?, ela perguntou. Não, eu disse, claro que eu sentia, e era de fato insuportável, uma mistura de formol e carniça, com o sol em cima, cozinhando tudo.

Enquanto nós dois não tivermos condições de sustentar meu pai, minha mãe e minha irmã, não posso sair daqui, ela disse. Eles dependem de mim. As coisas eram mais complicadas do que eu pensava, pai, mãe e irmã já formam um inferno completo, pensei, e ainda assim continuei com minha mentira, falei que os fazendeiros, os criadores de gado, os agricultores, eles também tinham famílias, claro que vamos conseguir sustentar a nossa. A nossa, eu falei, como se também fosse a minha. Embora fosse a dela. Só dela. Quando comprarmos nossa terra, eu falei, você larga tudo isso. Vamos ter gado, vamos ganhar algum dinheiro.

Eu tinha certeza de que nada daquilo ia acontecer, mas eu sentia tanta pena da Sulamita, tanto carinho por ela, que continuava a fazer promessas, quem ouvisse podia até acreditar que eu não mais pensava na Rita, embora Rita não me saísse da cabeça sequer um segundo.

Tenho tentado, ela falou, não olhar para o rosto dos cadáveres. Foi essa a dica que me deram quando cheguei aqui, não olhe.

Lembrei do piloto, dos olhos dele. Às vezes, sem que houvesse razão, do nada, aqueles olhos apareciam nas minhas lembranças. E o suspiro final. Quando levava dona Lu na igreja, eu também lembrava daqueles olhos. Olhos de quem vai morrer. São os olhos que morrem primeiro, essa é minha impressão. Antes de tudo. Embaçam. E se apagam.

Disseram, continuou Sulamita, olhe a lesão no fígado, a lesão no estômago, olhe a fratura no crânio, olhe a lesão, somente a lesão. Mas quem disse que eu consigo? Vou direto nos olhos. No rosto. Não consigo evitar, todo dia que venho para cá digo para mim mesma, hoje, sua burra, você não vai ver a cara de ninguém. Chego aqui e quando dou por mim, estou lá, com os olhos cravados na cara do defunto. Parece até que quero ver aquela cara de morto. Que gosto de ver. Embora eu deteste. Mais um, eu penso, mais um para minha galeria fúnebre. Sei bem como é a boca, o nariz, é só fechar os olhos e o rosto de todos eles passam por mim como um filme de terror.

Depois de pedir um café, que era morno e tinha um gosto de borra no final, ela contou que também fazia parte do seu trabalho ajudar nas exumações. Desenterram o cadáver e eu tenho que ficar ao lado, assistindo. Aqui é assim. Uma tarefa pior que a outra. Tenho que fazer suturas, depois que eles são todos estripados. Além de descrever a roupa que eles usam, a cor dos cabelos, dos olhos, dos dentes, e isso não é o pior, o pior é à noite, na cama, ter que fechar os olhos e dormir. Essa é a pior parte. Para depois acordar e vir para cá. Isso é que é terrível.

Ontem, ela disse, a maca, que não é ergométrica porque nem isso o Estado consegue fazer direito, o Estado caga para seus mortos, a maca entortou quando eu estava carregando um velho que tinha morrido de ataque cardíaco, e o velho rolou para o chão. Eu comecei a chorar e pensei, não basta que esse homem morra, eu tenho também que fazê-lo cair?

Ficamos mais um tempo no bar, já eram quase cinco horas e o sol continuava forte, como se ainda estivéssemos no início da tarde. Comentei isso com Sulamita e ela completou, é verdade, ela falou, esse

é outro problema de meu trabalho. Tudo nesta cidade apodrece mais rápido.

Saiam da frente, disse a mãe da Sulamita, chegando na mesa com a travessa fumegante. Peixe a urucum, era o prato. Especialidade da minha sogra. Eu já havia experimentado o caldo de piranha e carne de jacaré, mas esse é meu forte, repetiu a velha.

Era domingo e havíamos passado a manhã pescando, eu e meu sogro. No caminho, deixamos Sulamita e Regina na gruta vizinha à fazenda Vista Alegre, ajudamos Sulamita a tirar Regina da cadeira de rodas e a colocá-la na água, e seguimos adiante para a pescaria.

Era época das chuvas, o rio estava cheio, suas margens tinham subido muito, formando um lençol d'água que se perdia de vista. Mais para dentro, disse meu sogro, é lindo de morrer, tem as baías, os corixos, as vazantes, as cordilheiras, as salinas, vou te levar lá um dia. Para mim, ele disse, se existe Deus, ele é o Pantanal. Temos de tudo, temos matas, temos cerrado, temos campos limpos, temos os pássaros mais lindos que você pode imaginar. Onde canta o sabiá, pensei. Tem palmeiras, pensei. Hoje vou te ensinar a pescar, ele falou. Eu sabia pescar, conhecia toda aquela área, tinha andado à beça com Rita por toda aquela região, era um dos nossos programas preferidos. Às vezes, alugávamos um barco e desligávamos o motor, no meio do rio, e ficávamos lá, deixando a vida passar. Só eu e a Rita.

Sogro, eu o chamava assim, e ele me chamava de meu filho. Para mim, ele disse enquanto pescávamos, agora você é meu filho. E então, começou a vender Sulamita para mim, você não sabe como esta mulher é valiosa, ele disse, preciosa e valorosa, os adjetivos desaguavam como cascata. Agora ela está brincando com Regina, ele falou, que adora nadar. Só nadando Regina sente que as pernas não são um estorvo, acho que é isso, ele falou. Na cadeira de rodas, ela é só tronco, na água, as pernas renascem, eu penso. Sulamita tem uma paciência que você não imagina. Sulamita é um grande coração. Não foi fácil para nós, ele continuou, para mim e para minha mulher, ter a Regina. Um filho aleijado é quase um filho pela metade. É um peso para gente, digo isso com todo amor. No início, a mãe delas nem queria olhar para a menina, achava que tinha parido um monstro. Mas a Sulamita, que era uma menininha de cinco anos, nos deu uma verdadeira lição de amor. Foi ela quem primeiro se apaixonou pela Regina. Quanto mais a Regina crescia, mais torta e mais feia ficava, mais Sulamita a amava. Você viu como as duas se dão bem?

Eu havia visto e até me esforçava para conversar com Regina, embora não entendesse seus grunhidos. Ela está falando que quer sorvete, traduzia Sulamita, quando saíamos os três. Ela está falando que quer suco. Ela está me pedindo para trocar a fralda. Sulamita, e apenas Sulamita, entendia aquela linguagem, que era tão torta e deformada quanto o próprio corpo da irmã.

Depois da pescaria, fomos buscar Sulamita e Regina na lagoa. Regina estava exausta e dormiu no carro, quando voltávamos.

Agora, cheios de fome, estávamos ao redor da mesa, junto com dois primos de Sulamita, uma tia viúva, outra tia viúva e a avó de noventa anos. Que chique, disse a tia, quando Sulamita mostrou o anel que eu havia lhe dado. Não era de noivado, mas agora era como se fosse. A própria Sulamita dizia que era de noivado. Coisa fina, repetia a tia. Um chiquê. Chique mesmo, repetia a outra tia. Eu também havia levado Serafina, expliquei que ela era uma espécie de mãe para mim, e a índia permanecia quieta,

comendo sem parar, comia e olhava, sem entender nada do que se passava.

Sulamita havia sugerido que convidássemos também o Carlão e a Rita, queria conhecê-los, mas inventei uma história longa de que Rita andava muito enjoada por causa da gravidez. Não queria ver a fuça daquela vadia na minha frente. Cara de pau. De botas e mão na cintura, querendo saber o que estava “rolando entre a gente”. Rolando merda, era o que eu devia ter respondido.

Depois daquele dia no necrotério, eu e Sulamita decidimos acelerar nossos planos. Ou melhor, Sulamita decidiu. Iríamos comprar nossa terrinha e casar. Ela queria casar antes, mas eu funcionava como um mau condutor. Avançava e parava. Mais parava do que avançava. Empacava. Atrapalhava o fluxo. Às vezes, eu me animava de verdade, cheguei a falar do casamento para dona Lu, numa tarde em que fui levá-la ao médico. Agora, ela vivia indo a médicos, porque não conseguia mais dormir, só com bolinhas. Fico muito feliz por você, comentou dona Lu. Eu queria tanto que meu filho se casasse com a Daniela, mas Júnior não pensava em compromissos sérios. Um danado, ela disse. Pediu para eu avisar quando soubéssemos o dia da cerimônia, queremos dar um presente para você e para sua noiva. Gostamos muito de você. Eu, meu marido e a Dalva também. Você, ela falou, é muito qualificado para o emprego de motorista, tenho falado isso para o José, e ele também concorda. E você também tem sido muito bom para nós nesse momento. E ficou quieta. Era sempre assim, dona Lu falava até a borda, e então, se calava e ficava no banco de trás, quieta, vazando como um cano furado.

Meu sogro vivia de jornal embaixo do braço, assinalando anúncios de venda de terras. Todas eram muito caras ou muito longe. Isso era o que eu dizia. Temos que fazer a coisa certa, eu repetia.

Amanhã, disse meu sogro, vou falar com um corretor. Havíamos almoçado e estávamos um pouco anestesiados, largados no sofá, a família toda, com a televisão ligada. Eu havia levado Serafina de volta para casa, e passamos o resto da tarde assistindo àquelas porcarias dominicais. Acabei dormindo, ali, com a cabeça encostada no ombro da Regina, que também dormiu.

Acordei às sete horas e Sulamita tinha ido para o necrotério. Era dia de plantão.

Me despedi de todos, vou dormir, eu disse. Amanhã pego cedo no batente.

Auhnsjfgfl, grunhiu Regina, quando a beijei. Como é que eu podia entender aquele rugido?

Domingo à noite. Moacir berrava, Eliana berrava, e as crianças berravam.

Fiquei parado no corredor, pensando se devia ou não me intrometer.

Eliana disse: ela é que me azucrina, não sou obrigada a tolerar essa índia maluca, que quase pôs fogo na minha casa. Moacir: não mude de assunto, quero saber quem te deu esse pedaço de picanha. E essas moelas.

Mais gritos. Falou-se em carnes e açougue. Em Alceu. Algo se quebrou. Um vidro. E outros gritos.

Cocei a cabeça, acendi um cigarro, o demônio estava agitado. A coisa hoje está feia, disse um vizinho quando me viu descer do carro, um tipo aposentado, que vivia metendo o bedelho onde não devia. Estão nessa gritaria a tarde toda, ele falou.

Os xingamentos não paravam. Vagabunda. Pinguço. Safada. Puta. Broxa. Foi só quando ouvi a palavra “traficante” é que decidi bater na porta.

Moacir abriu.

O que está acontecendo aqui?, perguntei. Os vizinhos estão alvoroçados.

Moacir saiu e fechou a porta. Eliana continuou a proferir insultos. Essa mulher, ele disse. Você já ouviu os boatos? Dela com o Alceu? Sabe quem é o Alceu, aquele açougueiro? Um meio vesgo?

Não, eu disse.

Estou de saco cheio, ele falou. Essa mulher está me enlouquecendo.

Fiz o que pude para acalmar Moacir, levei-o para beber uma cerveja no bar da esquina, mas para piorar as coisas, Alceu, o açougueiro, teve a mesma ideia.

Viu como ele olha para mim? Depois diz que não está olhando, que é vesgo. Olha lá ele olhando aqui. Minha vontade é furar os dois olhos desse safado.

O cara é vesgo, eu falei. Está olhando para porta, não para nós.

Será?

Conheço esses vesgos, eu disse. Você precisa se acalmar. A Eliana é uma mulher séria.

Você acha?

Não tenho dúvidas.

E esse Alceu?

Vende carne, eu disse. Só isso. Um vesgo.

Será?

Claro, a Eliana te ama, respondi. É isso que estou dizendo.

Voltamos para casa, Moacir parecia sob controle. Contou que o agente do Ramirez tinha tido um problema no Paraguai e que ainda não buscara o carregamento. Viria na semana seguinte. Cuidado, eu comentei, você já está falando como traficante.

Rimos. Amanhã, ele falou, vou te passar uma grana. Só hoje já vendi quase cem gramas.

Nos despedimos, subi para o meu quarto, e quando estava quase dormindo, Carlão me telefonou. Você está acordado?

Mais ou menos.

Quero muito falar com você.

Senti um frio na espinha. O que é?

Você pode vir aqui?

Amanhã?

Não. Preciso da sua ajuda. Agora.

Pelo jeito, aquele domingo não queria acabar.

O rosto de Rita parecia um punhado de carne crua, a boca inchada, hematomas, não havia nada em ordem naquela cara. O nariz sangrava, e um dente havia sido quebrado. No sofá, chorando, ela dizia que ia perder o filho.

Vamos levá-la para o hospital, eu disse para o Carlão.

Tomara que ela morra, repetia meu primo. Essa filha da puta. Larguei minha família por causa dela. Duas filhas. Tomara que o filho também morra, é isso que desejo para esta vaca.

Carlão saiu da sala, Rita nem olhava para mim, soluçava, descontrolada, fui para perto do telefone, minha ideia era pedir uma ambulância, mas então, Carlão voltou para sala com uma arma. Só então entendi que ele sabia de tudo.

Vamos sair, ele disse. Para o carro. Os dois. Já.

Calma, Carlão. Vamos conversar, falei.

Agora você quer conversar, seu filho da puta? Você fez uma infeliz se matar em São Paulo, eu fui lá, te peguei na sarjeta, te trouxe para cá, ofereci minha casa, ofereci emprego, você veio para cá, comeu minha comida e aproveitou que estava fácil, fodeu minha mulher, engravidou minha mulher.

Não sou sua mulher, disse Rita.

Cala a boca, sua piranha.

Você não é meu marido, insistiu Rita.

Só não mato vocês dois aqui mesmo porque não quero a minha sala suja de sangue de dois porcos. E também porque não quero só matar, quero enterrar também. Andando, os dois.

Antes de sairmos para o posto, onde estava o carro do Carlão, passamos na garagem, ele pegou uma pá e a entregou para Rita. Vi sangue escorrendo nas pernas dela, calma, eu sussurrei, tudo vai ficar bem.

No carro, ele me perguntou se caso eu fosse poupado iria cuidar desse infeliz que iria nascer, o que não aconteceria porque ele me mataria junto com Rita. Isso é certo como dois e dois são quatro, ele disse, mas suponhamos que eu seja otário e deixe vocês dois livres?

Nem bem consegui abrir a boca para dizer que sentia muito, que nem eu nem Rita queríamos que aquilo acontecesse, o que era mentira, porque nós dois nos desejamos desde o primeiro dia, ela de biquíni tomando sol, fiquei louco desde o primeiro instante, mas era verdade que estava arrependido, minha vontade era nunca ter chegado perto de Rita, mas, antes mesmo que eu abrisse a boca, ele começou

a gritar, fecha esta matraca seu grande filho da puta, seu grandessíssimo filho da puta, ele dizia, calhorda de uma figa, cala a boca porque, se eu ouvir sua voz, juro que mato os dois aqui mesmo e depois meto fogo no carro.

Rodamos por mais de vinte minutos, o carro chacoalhando por causa da estrada de terra esburacada, depois entramos numa pequena trilha muito mais esburacada, por onde andamos mais dez minutos.

A noite estava clara, víamos o terreno a nossa volta, as árvores, toda a paisagem. Carlão estacionou, apagou as luzes, e logo que saímos, ele entregou a pá, ordenando que Rita cavasse embaixo de uma piúna. Cava mais, ele dizia. Mais fundo. Mais rápido. Mais forte. E quando ela caía, ele se aproximava e a chutava, dizia que nem para isso ela servia, para cavar a própria cova. Me passou a pá.

Quando o buraco estava fundo o suficiente, Carlão pediu para que nós dois entrássemos e ficássemos de costas para ele.

Obedecemos. Rita, chorando, apertou minha mão.

Larga a mão dele, sua piranha, gritou Carlão.

Não largo, ela disse. Se vou morrer, quero morrer assim.

Tentei puxar minha mão, mas Rita me agarrava.

Fechei os olhos, esperando o pior. E então começamos a ouvir barulho de passos na mata. Achei que era alguém se aproximando, mas logo notei que o som se afastava de nós.

Tomei coragem, olhei para trás e vi Carlão indo embora, a arma na mão.

Rita soluçava, tremia, fique calma, eu disse.

Achei que havíamos chegado ao fundo do poço. Mas as coisas ainda iriam piorar bastante.

Colapso, câmbio, eu disse para mim mesmo no hospital. Eu tentava ficar calmo, Sulamita também. Mas Sulamita tinha uma característica curiosa, era capaz de afundar na lama da sua própria vida, sucumbir no seu atoleiro particular, mas, quando se tratava do lodaçal dos outros, pronto, ela crescia, ligava o seu trator e saía removendo e empurrando entulho com grande habilidade.

Foi ela quem tomou a rédea da situação. Foi ela quem chamou um táxi e nos buscou, depois que telefonei para o necrotério, onde ela fazia plantão, de madrugada, contando o que tinha acontecido. Havíamos andado mais de duas horas até encontrar uma pousada para pedir ajuda, Rita mal conseguia falar. No caminho do hospital, inventei um monte de mentira para Sulamita, disse que eu estava com Carlão e Rita tomando uma cerveja, na casa deles, quando os dois começaram a brigar, que fomos jantar na pousada, e Carlão, bêbado, perdeu o controle e surtou na volta para a casa. Graças a mim, eu disse, o pior não aconteceu.

No hospital, depois que Rita foi atendida, Sulamita insistiu para que eu denunciasse Carlão. Esse seu primo é um psicopata? Quase matou a menina. É bem provável que ela perca o bebê. Você sempre me pergunta por que não convivo com meu primo, respondi, pronto, agora você sabe. O Carlão é doido, a Rita é maluca, a vida deles é uma confusão, e não estou a fim de fazer parte disso.

Eu havia sido bem claro para Rita antes da Sulamita nos buscar na pousada. Falei: se você contar alguma coisa para Sulamita, se você magoar a minha noiva, falei assim mesmo, noiva, se você magoar minha noiva, eu mesmo quebro a sua fuça. Depois me arrependi de ter sido tão rude. Naquele momento, Rita já tinha deixado de ser uma garota de sorriso bombástico, mais parecia um fiapo, uma coisinha insignificante, e, no entanto, sua capacidade de acabar comigo, de me reduzir a pó, continuava enorme.

Rita ficou três dias internada, e, nesse período, foi Sulamita quem cuidou dela. Levava roupas ao hospital, revistas, frutas, sentava-se na cabeceira de Rita, segurava a mão dela e dizia, fique tranquila, você não perdeu o bebê. Está tudo bem. Você vai ficar boa. Vamos te ajudar. Quer que eu avise sua mãe? Seu pai? Seus irmãos? Rita não tinha ninguém, pelo menos era o que ela dizia. Nós somos sua família, dizia Sulamita, morrendo de pena da Rita. Vamos cuidar de você. Repetia esse papo de família sem parar.

Precisamos dizer essas coisas?, perguntei certa vez no ouvido de Sulamita. Rita estava dormindo, mas eu temia que ela só fingisse. Claro que precisamos, respondeu Sulamita. Ela é sua prima. Não é minha prima, eu disse, Carlão é meu primo. Ela é sua prima, sim. E podia estar na minha maca, disse Sulamita. Em vez de conhecê-la aqui, o mais provável, considerando tudo o que aconteceu, era que eu a recebesse lá, no necrotério, daquele jeito, você sabe como. Fria. No entanto, ela está quente. Temos que cuidar dela. Coloque sua mão no braço dela, está quente, não está? E repetia a pergunta como se quisesse ter certeza de que Rita estava viva. O tato é a grande diferença, ela disse. Quer dizer, na minha maca, o tato é

o mesmo, é pele, é carne, mas é uma coisa fria. Parece humano, é humano, mas a temperatura acusa outra coisa. Nojento. Foi essa a palavra que ela usou. E Rita está quente, continuou, temos que ficar felizes. Você não acha que ela está quente?

Falávamos baixo, Sulamita acreditando que Rita estava dormindo, mas eu via naquela boca inchada e roxa uma certa intenção que eu conhecia, era o início do sorriso da Rita, um sorriso-projeto, sorriso de pistoleira que não vale um tostão furado.

Quando Rita recebeu alta, Sulamita foi buscá-la no hospital. Eu estava cheio de trabalho na casa dos Beraba, dona Lu era levada de um médico a outro, não só em Corumbá, mas em Campo Grande também, e eu sempre a acompanhava. Ela se sente segura com você, havia me dito o fazendeiro. Na verdade, ele não estava mais aguentando a barra, o José. Não dava conta de ver a mulher sendo comida viva pelos vermes da morte do filho. A polícia mesmo, que antes afirmava que iria encontrar o rapaz, ou o corpo do rapaz, agora já não dava nenhuma esperança. Já deviam contar com a possibilidade de Júnior ter desaparecido no rio. E José Beraba não aguentava mais sofrer. Não suportava ver a esposa sofrer. Ia para a fazenda e largava a mulher morrendo comigo e com a Dalva. Cada dia era um novo problema de saúde, uma dor na nuca, outra nas têmporas, na nuca e nas têmporas ao mesmo tempo, os braços anestesiados, insensibilidade nas pernas, taquicardias, vômitos, sempre um sintoma novo. E novos médicos. Se Júnior aparecesse, mesmo morto, eu sabia, as doenças desapareceriam. Aconteceu o mesmo com minha mãe. No início, a doença é só uma ficção, uma espécie de chantagem que o corpo faz com a alma, e depois, com o tempo, vira câncer de verdade. Foi o que aconteceu com minha mãe, e bem diante dos meus olhos. Câncer no pâncreas. Metástase. Dona Lu mesma me contou que nos últimos vinte e sete anos sua vida foi amar aquele filho. Tudo era secundário. Que Deus me perdoe, ela disse, mas depois que meu filho nasceu, até ele mesmo, o Senhor Todo-Poderoso, ficou em segundo plano. Primeiro vinha meu filho, depois o resto. Depois Deus. Depois o marido. Depois a lembrança dos seus queridos pais. Depois ela própria. O que vai ser de mim?, perguntava para Dalva, no meio da noite, quando a cozinheira ia lhe fazer companhia, durante as viagens do fazendeiro. O mal dela, que ainda não era uma doença, era um sintoma, mas que seria câncer no futuro, chamava-se “onde está o meu filho?”. “Quero o meu filho de volta.” “Me devolvam o meu filho.” Esse era o problema.

Eu não tinha como pensar em Rita. O que vamos fazer com ela?, perguntou Sulamita na ocasião da alta. A Rita é bem grandinha, respondi, ela pode se virar.

E à noite, quando cheguei na casa de Sulamita, não acreditei, Rita, com aquela cara de piranha e aquelas unhas vermelhas descascadas, estava na mesa, jantando com minha família. O meu sogro e a minha sogra. E a minha cunhada.

Eles receberam e trataram Rita com o maior carinho. A maior consideração. Rita dormia no quarto com a Regina e tinha cama e roupa lavada. Ela precisa se alimentar, dizia a mãe da Sulamita. Dava caldos para Rita.

Aquilo estava me deixando maluco.

Um dia, aproveitei que estávamos só nos dois na sala e falei, olha aqui, Rita, se for mesmo verdade esse papo de que o filho é meu, saiba que eu não vou assumir nada. Toma essa grana, tira essa merda de

bebê da sua barriga ou então foda-se. Vai ter esse pirralho longe de mim. Você não tem o direito de foder a vida do Carlão e logo depois foder a minha. Seu projeto de nos foder em série já foi concluído. Dê-se por vitoriosa, eu disse.

Eu falava estas coisas esperando que Rita me desse mais um tapa na cara, que jogasse o dinheiro no chão, mas ela não reagia. Eu quase não reconhecia Rita. E aquela gargalhada? Onde estava?

Ela está tentando te enganar, câmbio. Foi naqueles dias que comecei a sentir algo estranho, era como se meu rádio interior, aquele que nasceu dentro de mim na época em que eu trabalhava com telemarketing, quando passava dias inteiros falando câmbio, na escuta, era como se aquele mesmo rádio interior comesse a funcionar, a me dizer coisas, independentemente de minha vontade. Um rádio clandestino. Uma voz interior, algo meu, mas ao mesmo tempo independente, de moto-próprio, que me dizia: cuidado, perigo. Dizia: ela pensa que você é tonto, que você nasceu ontem, câmbio. Perigo. Perigo, câmbio.

Minha cabeça parecia uma panela de pressão. Tudo me preocupava, Rita, Sulamita, dona Lu, Moacir, a cocaína, tudo.

Vamos sair daqui, eu disse para Sulamita numa sexta-feira, e fomos passar o fim de semana num hotel fazenda da região. Moacir tinha acabado de me dar mais uma bolada e eu nem pensava em economizar. Não é muito caro?, perguntou Sulamita quando entramos na recepção da pousada, um ambiente aconchegante, com um grande sofá azul e poltronas floridas, onde alguns turistas programavam passeios. Isso deve ser muito caro, cochichou Sulamita. Menti, falei que dona Lu era sócia e tinha nos dado de presente. Sulamita não me deixava mais gastar dinheiro, se a gente gasta, não junta, ela dizia, e só podemos mudar se juntarmos. E não gastarmos. Juntar e gastar. E economizar. Repetia isso a toda hora como se fosse uma oração.

Mas eu gastava tudo, não conseguia me controlar. Serafina tinha me pedido dinheiro para visitar a tribo dela, paguei a visita. Meu sogro pediu dinheiro para consertar o telhado dele, paguei o conserto. Não diga nada para Sulamita, ele falou. E depois ele pediu mais dinheiro, não entendi bem para quê, e eu dei. Depois, ele disse que ia construir um quarto no fundo, para mim e Sulamita, dei mais dinheiro. Se meu pai pedir grana para você, não dê, advertiu Sulamita. Eu desconfio, ela falou, que meu pai tem uma segunda família. Falou tarde, o velho tinha levado uma boa grana para a amante dele. Se é mesmo que ele tinha uma amante.

Ainda hoje, quando fecho os olhos, lembro daquele fim de semana. Só saímos do quarto para fazer trilhas e nadar. Eu passava as manhãs boiando nas lagoas, sentindo o sol no meu corpo e, depois do almoço, dormíamos e fazíamos amor. Sulamita às vezes saía para andar a cavalo, mas eu ficava no quarto, pensando que tudo iria ficar bem, câmbio. Nem tudo, câmbio. Cuidado, câmbio. Meus pressentimentos, eu pensava, eram um falso alerta. São reais, câmbio. Cuidado. Não são reais, eu repetia. Afinal, quem não se impressiona ao ver tanto sofrimento? Ainda bem, eu pensava, que era Rita quem sofria, que era Carlão quem sofria, que era dona Lu quem sofria, câmbio. Antes eles do que eu, eu pensava. Até aqui tudo bem, eu pensava. Estava seguro naquele quarto, de cortinas azuis, e tudo azul como o céu azul lá fora. Negro, câmbio.

Quando voltamos, no domingo à noite, encontramos a mãe de Sulamita entristecida. A Rita foi

embora, ela disse com expressão de desconsolo. Deixou um abraço para vocês. Gostei tanto dessa menina, disse minha sogra, era tão paciente com a Regina.

Ela deixou alguma carta?, perguntei.

Não, só mesmo um abraço.

Saí dali arrasado, me sentindo um bosta. Como podia ter tratado Rita, grávida, daquela forma? Não sabia onde procurá-la e me ocorreu a ideia absurda de pedir ajuda ao Carlão. Cheguei a telefonar para meu primo, mas desliguei o telefone quando ele atendeu com a voz embriagada. Andava bebendo o Carlão. E chorando na porta da casa da ex-mulher. Era isso que me diziam.

À noite, fiquei sentado em frente à oficina, na esperança de que ela aparecesse. O tempo passava, e sob a escuridão da madrugada, olhando a rua deserta e a fila de postes de eletricidade, a única coisa que existia era um silêncio estranho, que só me permitia ouvir meu coração latejando dentro da minha cabeça.

Já estava quase amanhecendo quando fui para o meu quarto. E mal me deitei, a gritaria começou. Eles que se fodam, pensei, enfiando a cabeça embaixo dos travesseiros.

Só levantei quando ouvi as sirenes.

Desci do jeito que eu estava, de shorts, sem camisa. Moacir tinha enchido Eliana de porrada, devia ser moda em Corumbá bater na mulher. Era assim que os casais se entendiam, na porrada. Arrancando sangue.

Dois policiares conversavam, encostados na viatura, enquanto outros dois agentes, dentro da casa, tentavam resolver a situação.

Fiquei ali, tenso, disfarçando numa conversa fiada, só pensava na droga.

Ele é gente boa, falei.

Tem mulher que merece mesmo uns petelecos, afirmou um dos policiais.

Algumas até gostam, disse o outro.

Rimos, achei que a coisa fosse acabar por aí.

Mas, então, o policial que estava dentro da casa, saiu na porta e pediu as algemas.

Achamos quase dez quilos de pó aqui com o malandro, ele disse.

Dez quilos. Quase dez quilos.

Parte II

O LADRÃO

*“What world does a dead man belong to? Other world.
What world does money belong to? This world.”*

Charles Dickens

Quanto você tem?, perguntou Ramirez.

Estávamos novamente na varanda de sua fábrica, em Puerto Suárez. Os esgotos, naquela região, corriam a céu aberto, e um fedor de excremento cortava o ar. Eu me sentia zozzo, me perdera no caminho, à direita, à esquerda, à direita, à esquerda de novo, tentava me lembrar do trajeto realizado na minha primeira visita, mas errava, arriscava-me mais uma vez e confundia-me sempre, precisei voltar ao centro da cidade, telefonar para Juan, anotar as coordenadas e agora estava lá, constrangido, suando, vai dar merda, câmbio.

Juan ouvia nossa conversa enquanto ensinava duas mulheres a manusear a prensa. Uma terceira, mais jovem e mais gorda, com uma máquina elétrica, cortava o cabelo de Ramirez bem curto, de modo que sua cabeleira negra ia ficando espetada como as cerdas de um escovão de limpeza.

Seja claro, insistiu Ramirez. Odeio quando alguém começa com achismos. Quero saber exatamente quanto você tem para me dar.

Eu não tinha nada, gastara tudo. Moacir, quando o visitei na prisão, no dia anterior, dissera o mesmo, nada, gastara tudo, pagando crediários, nada, não sobrou nada, ele dissera. Prestação de geladeira, de televisão, máquina de lavar, a casa de Moacir mais parecia showroom de loja de eletrodomésticos, tudo por causa daquela infeliz, ele dissera, a Eliana, tudo, faço tudo para agradar aquela mulher, e não adianta nada, ela está, sim, me chifrando, ele contou, peguei um bilhete do açougueiro combinando um encontro com ela atrás do açougue. “Eu também te amo”, estava escrito na cartinha, dissera Moacir, abalado.

Eu fora visitá-lo para tratar do nosso problema, para pedir que Moacir ficasse de bico fechado, que não me envolvesse em nada, e também para ver o que faríamos com Ramirez, mas Moacir só estava mesmo preocupado com Eliana, enlouquecera com o fato de a mulher estar apaixonada pelo açougueiro. Se Alceu escreveu “eu ‘também’ te amo”, ele falou, frisando a palavra também, é porque Eliana andou dizendo “eu te amo” para ele. Você não acha?

Eu tentava trazê-lo para a realidade, como vamos tirar você daqui?, perguntei mais de uma vez. Prefiro ficar preso a ver Eliana com o Alceu, ele respondeu. Como vou olhar para as pessoas do bairro? Meus vizinhos? O que eles vão dizer? E meus filhos?

Foda-se a Eliana, eu disse para o Moacir. Dá um pé na bunda dessa vadia, que além de tudo é feia como o diabo. Feia? A Eliana? Moacir não gostou, só ele podia falar mal da sua anã obesa. Não ofenda Eliana, ele retrucou. A Eliana é minha vida, e a culpa nem é dela. Conheço minha esposa, ela não cairia por um vesgo como o Alceu, que vive carregando cabrito no lombo. A questão é o açougue. Ela está apaixonada pelo açougue. Fico pensando, será que o açougue é mesmo dele?

Agora, diante de Ramirez, eu me esforçava para entender o que era dito, nossa conversa não era fluida, eu estava nervoso e muitas vezes o espanhol se enroscava em minhas ideias, me confundia e, para

piorar, o barulho da máquina de cortar cabelo também se metia nas frases, o quê?, eu repetia, inseguro, o que você está dizendo? O Porco é surdo? Ramirez se exasperava, e então Juan era obrigado a deixar a prensa de lado, e usar seu portunhol para traduzir as palavras do traficante.

É muito simples, disse Ramirez, Moacir me contou que sua mulher é da polícia, não é isso? Fale com sua mulher, diga para devolver a droga apreendida. Eu me atrapalhei nessa parte, nem me passava pela cabeça colocar Sulamita na confusão. A primeira coisa que me ocorreu foi que eu era uma besta, como fora confiar em Moacir? A gente pensa que o diabo entra pela porta de trás, que vem com os inimigos, mas a verdade é que nós mesmos abrimos a porta para o demônio no momento em que confiamos em alguém. Índio escroto. Boquirroto. Como é mesmo o nome da sua mulher?, perguntou Ramirez. Ex-mulher, respondi. Ex, repeti, estou separado, na verdade, nem éramos casados, só namorados. Ela trabalhou na delegacia como auxiliar administrativo, expliquei, mas agora está no necrotério. Ah, Porco, deve ser por isso então, concluiu Ramirez, que você foi pego. Vou te dizer uma coisa: você não devia ter se separado. Nenhuma mulher gosta de levar um pé na bunda. Ela te denunciou. Foi isso. Não dei pé na bunda de ninguém, respondi, e não fui pego. Moacir foi preso, não eu. Caguei para o que aconteceu, afirmou Ramirez. Você está me dando prejuízo.

Ramirez falava sem me olhar, mirava apenas o espelho que tinha nas mãos. A parte da frente do seu cabelo já era um escovão perfeito, mas a de trás ainda não tinha sido aparada, parecia uma asa de urubu.

Veja só em que situação você está me colocando, Porco. Você veio aqui, pegou dez quilos em consignação. Cinco, respondi. Dez, ele insistiu, fazia parte do nosso trato entregar os outros cinco em Corumbá. E isso não aconteceu. Por duas vezes meu colaborador tentou apanhar a droga, que seria levada para Araraquara, e o Moacir não estava lá. E agora, você me diz que toda a carga foi apreendida. E que você não tem como pagar. Quando sua namorada nos delatou, ele disse, vamos com calma, interrompi, ela não denunciou ninguém. Conte da discussão entre Moacir e a mulher, foi por causa da briga que a polícia apareceu, insisti, não houve delação. Claro que foi, ele respondeu. Foi sua namorada, ele falou.

Agora a máquina de cortar cabelo parecia estar dentro da minha cabeça, cortando meus pensamentos. Eu suava, empapei minha camisa de trabalho, vou ter que passar em casa antes de voltar para casa dos Beraba, pensei.

Vamos resumir a conversa, ele disse. Um: que Moacir fique de boca fechada, porque se abrir a matraca, temo pela vida dele. Esses caras que falam muito, ouvi dizer, morrem enforcados na cela. É uma pena, mas acontece. Dois: vocês me devem cinquenta mil dólares. Trinta da carga, e vinte do prejuízo. E três: eu lhe dou um mês, nem um dia a mais, para saldar a dívida. Estou sendo bom para vocês. Eu gosto do Moacir. Quatro: se você não pagar, que fique bem claro, vou lá na sua casa, acabo com você, Porco de uma figa, acabo com sua namorada, com os parentes dela, acabo com a família de Moacir e me sinto vingado. Agora, ele disse, se manda que eu quero cortar meu cabelo em paz.

De volta à estrada, eu me sentia tão desanimado, você está fodido, câmbio. Onde vou arranjar cinquenta mil dólares? Senti uma vontade enorme de estar com a Rita, dentro de um barco, ouvindo o barulho da água, onde andaria Rita?

No rádio, diziam que a inglesa N.K., caixa de supermercado, acabara de ganhar dois milhões de libras na loteria, o que são quase oito milhões do nosso dinheiro. Uma pena, pensei, que aquilo tinha acontecido com N.K. e não comigo. As coisas muito ruins, eu pensei, e as coisas muito boas só acontecem com os outros. Só os outros têm a cabeça decepada pela hélice de um helicóptero. Só os outros perdem quase tudo na bolsa. Em compensação, só os outros ganham tudo na bolsa. Na loteria. Só eles. A vida são os outros, pensei. São eles. Nós, o resto, ficamos aqui, vendo e ouvindo a vida deles nas revistas de celebridade e nos noticiários de TV.

Minha única solução, pensei, enquanto ultrapassava um caminhão caindo aos pedaços, minha única solução é a dona Lu. E se eu conversasse com ela? E se eu contasse a verdade? Dona Lu vivia dizendo que gostava de mim. Gosta de você para dirigir o carro dela, câmbio. Para abrir e fechar portas. Para dizer obrigado, sim, senhora. Pois não. Se eu fosse o Júnior, pensei, ela pagaria. Você não é o Júnior, câmbio. O Júnior são os outros, câmbio. Eles. Que têm helicópteros. Aquela droga, no entanto, era do Júnior, pensei com meus botões. Digo, não aquela droga específica, mas a anterior, a que já tinha sido vendida. De certa forma, o Júnior estava envolvido no meu imbróglio. Pensando bem, não fosse Júnior, eu não estaria naquela enrascada.

Em casa, enquanto trocava de roupa, já atrasado para ir ao trabalho, notei que estava sem dinheiro. Subi no alçapão para pegar as últimas notas que Moacir me dera um dia antes de ser preso. E então, ao fazer isso, vi a mochila do Júnior.

Peguei-a, despejei seu conteúdo sobre minha cama: cartões de crédito, chaveiro, carteira de identidade, de habilitação. Olhei novamente as fotos nos documentos. Bonito, o Júnior. Boa pinta. Coloquei os óculos e fui me ver no espelho. Só eles nascem ricos. Juniores. Só eles despencam de seus aviões particulares.

Liguei o celular. Você tem novas mensagens, estava escrito na tela. Digite seu código, falou a gravação. Tentei os números do dia e ano do nascimento de Júnior. Nada. As mensagens foram liberadas quando digitei parte do número do RG dele. Filho, dizia dona Lu, que horas você vai chegar? Seu pai quer jantar mais cedo, amanhã ele viaja. Me liga. Te amo, meu bem. Outra mensagem, da Daniela, a namorada: Oi, amor, a Gi convidou a gente para ir na casa dela hoje. O Ricky e a Laura também vão. A Gabi está aqui também. Quando chegar, me liga em casa.

Os outros recados eram da dona Lu, e era óbvio que tinham sido deixados depois do acidente. Na realidade, eram apenas soluços, gemidos, uma dor pulsante, que entrava no cérebro da gente como se fosse um objeto agudo. Se eu tivesse que definir o momento preciso em que aquela ideia de chantagear a dona Lu surgiu na minha cabeça, eu diria que foi ali, na cama, ouvindo aquelas gravações. Minha sensação era de que algo veio à tona naquele momento, uma parte de mim que estava submersa no fundo do meu pântano, o mal, câmbio. E se você chantagear a família, câmbio? E se você disser que sabe onde está o cadáver? E se você pedir dinheiro pelo cadáver? Câmbio.

Eu gostava muito da dona Lu, mas isso não me impediu de ter aquela ideia horrorosa. Isso, eu pensei, é pura maldade. E eu sou bom. Se não sou bom, pelo menos, pensei, não sou péssimo. Sou um tipo comum. Quase bom. Sou neutro, na verdade. Eu peço sempre. Empurrei, sim, aquela vendedora para o

abismo. Com um tapa. Tive, sim, um caso com a mulher do meu primo. Menti bastante na vida. Mas não faço certas coisas. Não mato. Não roubo. Nem sou capaz de me aproveitar da dor de uma mãe. Nem de chantagear uma mãe que sofre. Dinheiro, câmbio. Com o cadáver do próprio filho. Oportunidade, câmbio. Uma mãe que você conhece e que se chama dona Lu. Cinquenta mil dólares, câmbio. Se aquela ruindade estava dentro de mim, querendo aflorar, eu iria acabar com ela.

Você está sendo burro, câmbio. Era isso que dizia meu rádio interno, que já não era mais possível desativar. Eu pensava e meu interlocutor particular, câmbio, contrapensava, sempre tentando me mostrar que eu estava errado, que a bondade, câmbio, como Deus, era uma invenção, que o homem já nasce ruim e fica pior com o tempo, e que eu devia, sim, seguir adiante no meu plano diabólico.

Eu ainda estava nessa confusão, havia trocado de roupa e estava novamente encharcado, pronto para voltar ao trabalho, mas sem coragem de enfrentar o calor lá fora, vou telefonar para a casa dos Beraba, pensei, e dizer que não me sinto muito bem, e foi neste momento que Dalva me chamou no celular.

Onde você está?, ela perguntou. Pediu aflita que eu fosse para o hospital. Urgente.

Guardei tudo de volta no alçapão e saí correndo.

Um horror, um horror, disse Dalva, quando cheguei ao hospital. E continuou: aquela moça, a namorada do Júnior, esteve em casa esta manhã. Dona Lu tinha começado bem o dia, até conseguiu que ela bebesse um pouco de leite. Demos uma volta no jardim, ela tomou sol na varanda, estava boazinha mesmo, conversamos, ela perguntou se você ia demorar, disse que gostaria de ir à igreja, enfim, vai ser um dia melhor, pensei, mas então a Daniela chegou, você sabe como é a Dani, nunca vi nada tão estragado, menina mimada, chegou, vinda do salão, as unhas dos pés e das mãos pintadas com maior capricho, dava até para sentir o cheiro do esmalte, sabe? Esmalte fresco? E começou a dizer que estava sofrendo, deprimida, que não aguentava mais, eu só vendo, aquelas unhas vermelhas. Então a moça vai à manicure e depois sofre? Toda manicurada? Isso eu não entendo. Sofrimento não tem unhas vermelhas. Veja a dona Lu. A mulher não escova nem os dentes, se não coloco a pasta na escova, nem isso ela consegue fazer. Pentear o cabelo. Sou eu quem veste a dona Lu. E a outra na manicure. Logo as duas estavam chorando, abraçadas, chamei a menina de lado e falei, escuta, Dani, é melhor você ir embora, dona Lu está muito fraquinha, ela não dá conta de tanta emoção, eu disse. Mas a Dani se fez de tonta, me abraçou, chorou e ficou lá, soluçando, reclamando da vida como se fosse a própria viúva. Quando foi embora, dona Lu precisou se deitar, você sabe, a coitada está tão magra, tão fraca, não consegue manter o esqueleto em pé. Na hora em que fui levar a sopinha do almoço, eu a encontrei caída ao lado das caixas vazias dos remédios que ela havia engolido. Um horror.

Fiquei arrasado não só por causa da dona Lu, mas por ter passado a manhã pensando numa forma de enganar aquela mulher que tentara o suicídio. E que gostava de mim. Confiava em mim. Como poderia fazer mal à dona Lu?

Dalva saiu para comprar frutas e seu José foi para casa tomar um banho, não demoro, ele disse. Fiquei sozinho na antessala, observando a movimentação das enfermeiras.

Eram mais ou menos quatro horas, quando escutei um farfalhar, dona Lu era silenciosa como uma gata velha, entrei no quarto e a encontrei acordada. Perguntei se ela precisava de alguma coisa. Expliquei que seu José e Dalva já deviam estar de volta, que eu não sairia dali, que ela podia ficar tranquila. Ela sorriu de um jeito desamparado, segurei sua mão e disse que entendia perfeitamente o que eles estavam vivendo. E então comecei a contar a história do meu pai, de uma maneira que jamais havia feito. Durante anos, era como se eu tivesse vergonha do que ocorrera com meu pai. Como é que uma pessoa acorda, toma café, beija sua esposa e filho, sai para trabalhar, dizendo “até mais tarde” e nunca mais volta? A mim sempre pareceu que o problema era eu, não meu pai. Minha mãe. Ela sim era o problema. Nós dois, juntos e embrulhados, formávamos um belo fardo para meu pai. E depois, devo dizer, eu tinha dificuldade de entender um fim daqueles. Não é assim que as pessoas acabam, eu pensava. Aquilo era uma falha no sistema. Um erro de alguém. Era isso que eu pensava, mas, naquele dia, contei a história em outros

termos. Talvez porque me parecia, pelo menos ali no hospital, que eu e dona Lu fazíamos parte do mesmo clube, o clube dos que não sabem o que aconteceu com sua própria família. O clube dos últimos a saberem. Eu mesmo me surpreendi com minha coragem naquele dia. É preciso uma certa dose de desfaçatez para se falar de abandono, ainda que não haja culpados. Falei sem constrangimento, contei que meu pai saiu de casa e evaporou como éter, não apareceu sequer na loja de sapatos, onde era gerente. Estamos apavoradas, diziam as vendedoras para minha mãe. Não sabemos o que fazer com os pedidos. Com os pagamentos. Onde está o talão de nota fiscal? Saiu com a roupa do corpo, repetíamos. Como se isso fosse a prova de que não estávamos envolvidos no desaparecimento. E à noite, na cama, minha mãe soluçava, abraçada a mim, e dizia que algo terrível tinha acontecido com papai, algo muito ruim, ela falava, isso me enchia de pavor, eu imaginava algo tão aterrador que sequer podia ser visualizado, não era como um incêndio, um tiroteio, era pior, era o mal na sua essência, sem forma definida, implacável como uma queda no abismo. Se estivesse vivo, ela dizia, ele me telefonaria. Mas o fato é que meu pai jamais ligou. Nunca soubemos se ele morreu, se foi assassinado, se foi atropelado e enterrado como indigente ou se fugiu com outra mulher.

Falei também das visitas regulares a hospitais e delegacias de polícia, as pistas falsas, as viagens em vão, nossa espera infinita, que só acabou no dia em que minha mãe morreu. Ao enterrar minha mãe, enterrei também meu pai. Na mesma cova. Foi preciso enterrar meu pai, eu disse. Isso foi muito importante. O funeral. Sem um enterro, ao menos simbólico, eu não conseguiria seguir em frente.

Ela estava de olhos fechados, parecia não ouvir, continuei falando por mais um tempo, até notar as lágrimas escorrendo pelo seu rosto e caindo no travesseiro.

A enfermeira entrou para aplicar uma injeção e perguntou se ela preferia que eu saísse. Ela não respondeu, segurava minha mão, não com força, mas segurava. Esperei ela tomar a medicação e a deixei ali, quando vi que havia dormido.

Mais tarde, Daniela veio fazer uma visita, trouxe flores e chocolate. Ela está dormindo, eu falei. Daniela sentou ao meu lado, a calça justa, cabelão na cintura. Emanava riqueza, a Daniela. A riqueza saía dos poros dela e ficava brilhando na nossa frente como purpurina.

Eu não tenho mais esperanças, ela disse.

Do quê?

Júnior está morto. Não vamos mais encontrá-lo.

E por que você vem aqui?

Como?

Por que você fica atrapalhando a dona Lu?

Falei sem pensar, mas já que tinha falado, continuei, perguntei por que ela continuava visitando dona Lu, atormentando dona Lu, por que ela não tocava a própria vida, arranjava outro namorado, viajava para a Europa, vai ser melhor para todo mundo, eu disse. Deixe a dona Lu em paz.

Daniela começou a chorar.

Mas eu estava sem paciência.

Vou tomar um café, falei, se quiser ir embora, espere a enfermeira ou alguém da família chegar.

Enquanto bebia um espresso, fiquei pensando na quantidade de moribundos que estava ali. Muitos não voltariam para casa. Era só uma questão de tempo. Dali, iriam direto para o cemitério. Se ao menos eu arranjasse um corpo, câmbio, poderia levar meu plano adiante.

Não vou fazer nada disso, pensei. Vai sim, câmbio. Nada disso. Nem pensar. Nunca. Não com a dona Lu. Não faço estas coisas. A vida toda, eu me senti feito de um material ordinário, do tipo que é abandonado pelo pai, mas isso, eu pensei, é muito diferente de ser ruim. Não sou perverso. Estuprador, alcoólatra. Psicopata. Sequestrador. Ladrão. Não tenho coragem de fazer certas coisas. Sequestrar. Há um limite para tudo. Estuprar. No que diz respeito ao bem, pensei, se não sou neutro, pelo menos sou insignificante. O que já é ótimo, moralmente falando. Ser um zero é melhor que estar no negativo. Menos cinco, menos dez. Na escala do mal. Principalmente no mundo de hoje. Cheio de maldade. Não devo contar nessas horas. Devo fazer parte daquele grupo que, se houver mesmo um julgamento final, não vai merecer o paraíso nem o inferno. Vão me deixar aqui mesmo, sobrando na Terra. Um tipo que não cheira nem fede.

Mas e Sulamita? Sulamita poderia me arranjar um cadáver, câmbio. Não importa o quanto eu dissesse a mim mesmo que era incapaz de fazer certas coisas, meu rádio clandestino continuava ligado, colocando ideias horríveis na minha cabeça. Você pensa que existe uma grande distância entre pensar e agir. Você diz para si mesmo que pensar não é fazer, você diz: só estou pensando coisas escabrosas o que não quer dizer que eu vá fazer coisas escabrosas. É assim que nascem os planos. É só um exercício mental, você diz. Você arma tudo e na hora H você cai fora. Você elabora um plano hediondo que consiste basicamente em se aproveitar do sofrimento dos enlutados. Os detalhes são macabros: você liga para dona Lu, câmbio, e diz que sabe onde está o corpo do filho dela. Você conta uma história verossímil que tem a ver com um pescador que encontrou um corpo nas águas do rio Paraguai. Você diz para a dona Lu, se a senhora quiser seu filho de volta, vai ter que pagar. Duzentos mil dólares.

Com o dinheiro, eu saldaria minha dívida e daria um jeito na minha vida. Quanto mais eu avançava no meu plano macabro, mais me sentia enojado. E atraído. Como é que eu podia pensar num absurdo daqueles?

No fim do dia, quando estacionava meu carro em frente à bicicletaria de Moacir, Serafina veio falar comigo. Ela havia acabado de chegar da sua tribo e estava preocupada com o filho. Pelo menos foi o que imaginei que ela estivesse dizendo enquanto eu subia as escadas que davam acesso ao meu quarto. Nervosa, ela só conseguia falar guató. Calma, Serafina, tudo vai ser resolvido, eu disse, louco para ficar um pouco sozinho.

Só quando finalmente me liberei da índia é que notei a presença de Sulamita, sentada na minha cama.

Oi, ela disse, me mostrando a mochila do Júnior.

Você pode me explicar o que é isso?

Era folga de Sulamita e ela havia decidido me esperar em casa. Chegara por volta das três e fizera uma arrumação no quarto. Organizei suas gavetas, ela disse, troquei o lençol, limpei o banheiro e, quando estava na cama assistindo à televisão, de banho tomado, ouvi um telefone tocando. E não era o meu. Notei que o som vinha do teto. Peguei uma cadeira, abri o alçapão e no desvão do telhado encontrei a mochila com o telefone e os documentos do piloto desaparecido.

Das telhas de amianto vinha um bafo quente que me deixava sem forças. Tirei a camisa e me deitei ao lado de Sulamita.

Da próxima vez, desligue o telefone antes de escondê-lo, câmbio. Se ela queria a verdade, era muito fácil, pensei, era só abrir minha boca, câmbio, as palavras jorraram sem nenhuma dificuldade ou censura. Conteí tudo o que aconteceu, falei da pescaria no rio Paraguai, da explosão no céu, da queda do monomotor e de como o rapaz morreu bem diante dos meus olhos. Falei da minha tentativa de salvá-lo. Sabe por que vocês encontraram o cinto de segurança destravado e as portas da aeronave abertas?, perguntei. Porque eu tentei salvá-lo. Eu repetia essa informação com certo orgulho, queria que Sulamita entendesse que antes de mais nada eu havia tentado ajudar o piloto, mas ela me interrompia a todo instante, por que você não avisou a polícia? Por que você está trabalhando na casa da família dele? Você está mentindo, ela dizia. E esta mochila? E este celular? Nem se preocupava em ouvir a resposta, pare, eu disse, pare e escute, não toque em mim, ela falou. Meu erro, expliquei, meu erro foi ter destravado o cinto de segurança, esse foi meu erro e, se eu tiver que ser julgado, será por isso, e por ter deixado as portas do avião abertas. E este celular? E esta mochila? O que ele podia fazer com estas coisas?, perguntei. Ele estava morto, eu disse. Achei que não faria falta nenhuma, nem a ele nem à família. Você estava naquele avião, ela afirmou. Você conhecia aquele rapaz. Conteí tudo novamente, expliquei que provavelmente o piloto fora levado pela correnteza e devorado por piranhas, essa é minha teoria, eu disse.

Lá fora, as crianças brincavam de pular corda, e por um momento, só o que eu ouvia eram as chicotadas no asfalto, sincronizadas com as batidas no meu coração. Sem avaliar as consequências, conteí o resto da história, disse que encontrei um quilo de pó dentro do avião, que vendi a droga, que foi este o motivo de eu não ter comunicado o acidente à polícia. Falei sobre meu trato com Ramirez, disse que Moacir era meu parceiro e seguí contando até chegar na conversa que tivera com o boliviano naquela manhã. Conforme eu avançava, Sulamita se retraía, prostrada, como se minhas palavras fossem um gás paralisante, no final, ela estava sentada na minha cama, a cabeça apoiada nas mãos, os olhos cravados no chão, dizendo que aquilo não era possível, não é possível, ela repetia.

Contei também sobre meu emprego e a forma como fui parar na casa dos Beraba. Falei alguma coisa sobre urubu e carne podre, no fundo, eu disse, devo ter saudade de ver minha mãe chorando, talvez esse

trabalho seja mesmo só para sofrer com a dona Lu, da mesma forma que eu sofria com minha mãe, a dor vicária talvez seja uma forma de prazer vicário, eu disse, não usei essas palavras, fui mais confuso, falei da minha mãe e do meu pai, da falta que os dois me faziam, misturei tudo com a dona Lu e arrematei com promessas, nada vai mudar, eu disse, vamos continuar nossos planos, no fundo não fiz nada errado, estou me esforçando ao máximo, eu falei, você tem que confiar em mim.

Senti uma paz enorme depois de despejar meu pecado fumegante sobre Sulamita, foi como se aquele fardo agora fosse dela também, meu e dela, tão nosso quanto a ideia do casamento que ela me enfiara goela abaixo, pensei. Sentei na cama, tentei abraçá-la, mas ela se esquivou. Eu devia, disse Sulamita, sair daqui e ir direto para a delegacia.

Ficamos ainda um tempo em silêncio, e então ela me perguntou como eu fora capaz de agir contra ela? Não tem nada a ver com você, respondi, e ela seguiu me inquirindo, o que vai acontecer agora? O que vai acontecer com você? Comigo?

Se você me ajudar, completei, podemos encontrar uma saída. Como? Ela quis saber. Você acha que é capaz de trapacear com a polícia, enganar a família do Júnior, driblar os traficantes, engabelar todo mundo? Como é que você vai arranjar cinquenta mil dólares para pagar Ramirez?

Perguntei se havia alguma forma de recuperarmos o pó. O que você está dizendo?, ela gritou. Você acha que posso entrar na delegacia, pegar a droga e dizer “Joel, isso aqui é do meu namorado”? Meu Deus, você não tem noção de nada. Você está louco.

Talvez, eu disse, se você explicasse para os seus amigos na delegacia, câmbio, mas não tive coragem de completar. Nesse momento, Sulamita se jogou na cama, de bruços, soluçando, dizendo que eu não tinha o direito de fazer isso com a vida dela, com a família dela, como é que você teve coragem de acabar com tudo desse jeito? Com meus sonhos? Não acabei com nada, eu disse, tudo o que eu fiz foi por nós dois, pare com esse papo-furado, ela falou, você é um egoísta.

Aquilo tudo estava me fazendo muito mal, o calor, o choro de Sulamita, e lá fora o amolador de facas, trabalhando no seu esmeril. Pensei que não seria má ideia amolar minhas facas, só para poder sair dali.

Exatamente no momento em que eu pensava nisso, Sulamita se levantou, pegou suas coisas e foi embora. Bateu a porta, sem nem mesmo se dar o trabalho de se despedir.

Tomei uma ducha fria, e isso me deixou mais agitado. Não preguei os olhos a noite toda. Fazia muito calor, e eu me revirava na cama, pensando no que fazer. E se Sulamita me entregasse? E se Ramirez me matasse? O dia mais quente do ano, disseram no rádio. Disseram: dezesseis morrem pisoteados em evento religioso. Disseram: invasão no reduto Talibã. Disseram: Irã enriquece urânio a vinte por cento.

Até aqui tudo bem, eu dizia para mim mesmo. Não sou religioso, não sou insurgente nem moro no Irã. E ainda posso fugir, voltar para São Paulo, câmbio. Retomar meu trabalho de telemarketing. Vender as novidades que ninguém quer comprar.

Eu sentia uma sensação esquisita, que alternava um profundo desespero com uma calma artificial, mal conseguia relaxar e já estava nervoso novamente, saía para a rua, fumava um cigarro, andava até a esquina, tentando me livrar daquela aflição, pensando que o máximo que poderia me acontecer era ser morto por Ramirez, ser preso ou voltar para São Paulo. A “anticidade”. Era nesses termos que eu pensava em São Paulo. A contracidade que me transformara num contraeu. Capaz de estapear funcionárias. Ainda assim, era uma opção. Além do mais, ainda que me caçassem e me prendessem, havia um limite para a desgraça. Eles, digo Ramirez e a polícia, não poderiam me deter duas vezes nem me matar duas vezes, eu dizia para mim mesmo, então isso é tudo, prisão ou morte, como se prisão e morte fossem apenas palavras sem significado. Era assim que eu me tranquilizava. E de repente, era como se eu despertasse de um estado confuso e entendesse exatamente o que significava ser preso e morrer. Ou voltar para São Paulo.

No sábado de manhã, fui ao supermercado com Serafina, comprei presunto, pão, bolacha e cigarro, e depois partimos em direção ao presídio para visitar Moacir.

Ele estava ainda mais abatido do que no nosso primeiro encontro e muito preocupado com as crianças. Fez a mãe prometer que iria tomar conta dos filhos, não deixe a Eliana bater nelas, ele disse, a Eliana é muito nervosa. Serafina queria entender o que estava acontecendo e fazia muitas perguntas. Mãe, ele respondeu, nem adianta explicar, a senhora só tem que cuidar dos meninos, só isso.

No final, ele pediu que a mãe nos deixasse a sós por um momento e me contou que fora Eliana quem o entregara. Como você sabe?, perguntei. Ela mesma me disse, esteve aqui ontem, a Eliana. Ela sabe de mim?, perguntei. Não, ele respondeu, claro que não. Ela viu a droga empacotada na minha oficina e, na hora da briga, quando os policiais chegaram, ela me denunciou. Foi isso o que aconteceu.

E, então, seus olhos ficaram vermelhos, ele se esforçou para não chorar enquanto me contava que Eliana afirmara com todas as palavras que o denunciou porque o odiava, ela disse que tem nojo de mim, ele continuou, que pareço um porco sujo no meio daquelas bicicletas. Por acaso graxa é sujeira?

Eu não sabia o que dizer, talvez seja mentira, arrisquei. É graxa, ele falou. Tentei acalmá-lo, falei que iria conversar com Sulamita, veria como arranjar um advogado, e ele me respondeu que não era

necessário, já tinha acertado tudo. Como?, perguntei. Um amigo meu, você não conhece. Insisti para que ele não me envolvesse. Você está maluco?, perguntou. Quem vai cuidar dos meus filhos? Da minha mãe? Conto com você, ele falou.

Fiquei desconcertado com sua resposta. Também não fazia parte dos meus planos cuidar da família de Moacir, e, pela maneira como as coisas estavam colocadas, a contrapartida para minha liberdade seria uma espécie de casamento com Eliana. Assumir seus filhos.

Não deixe faltar nada, ele pediu.

Claro que não, afirmei. Nunca.

Fui embora, com Serafina confusa, me fazendo mais perguntas.

Quando chegamos, encontramos Eliana voltando da feira com os indiozinhos, cada um segurando um pastel na mão. Perguntei se precisavam de algo, ela me disse que a única coisa que desejava era se ver livre da Serafina. Não posso mais ficar com essa velha na minha casa, ela falou.

Levei Serafina para almoçar num boteco ali perto, mas nenhum de nós conseguiu tocar no prato.

Mais tarde, liguei para Sulamita, o que está acontecendo?, perguntou meu sogro, do outro lado da linha. Ela está estranha, ele disse. Calada. Venha aqui para conversarmos, continuou o velho, quem sabe não ajudo vocês? Sou bom conselheiro. Sou seu amigo. Aliás, continuou, preciso de um favor seu. De pai para filho. Um adiantamento, ele falou, como se eu fosse seu patrão. É que surgiu uma oportunidade de comprar o fusca do meu vizinho, ele disse. Hoje não dá, sogrão. E avisa Sulamita que eu liguei, câmbio.

Passei o resto do dia no quarto, Serafina ao meu lado, trançando palhas, silenciosa, e sua presença, em alguns momentos, chegou a ser confortante. De vez em quando, ao fechar os olhos, meu plano, câmbio, se formava lentamente como uma onda gigante que começava a partir de uma fissura nas minhas placas tectônicas, na parte mais profunda e negra do meu oceano, e vinha rolando, ganhando potência e volume. O argumento para que eu seguisse adiante também era forte: se eu fosse rico quando meu pai desapareceu, e se, naquela época, alguém telefonasse me propondo uma troca, meu dinheiro pelo cadáver do meu pai, eu não teria hesitado sequer por um segundo. Teria pago. Meu plano, em si, não faria nenhum mal a dona Lu. Dinheiro, ela tinha de sobra. Num certo aspecto, eu estaria até prestando um favor à família, já que é enterrando nossos mortos que eles morrem de uma vez por todas e nos deixam em paz. O problema, câmbio, era o cadáver. Onde arranjar um cadáver?

Domingo foi pior que sábado. Sulamita não atendia meus telefonemas. Eu me sentia embotado, lerdo e pesado por conta do calor.

Serafina me trouxe um caldo frio de peixe. Enquanto eu o engolia, na cama, a índia me ensinou, pela primeira vez, uma expressão em guató, *infâni*, cujo significado, ela explicou, é “está ruim”.

Só saí da cama quando, por volta das três horas, Dalva me telefonou, perguntando se eu podia buscar seu José no aeroporto.

No caminho, o fazendeiro me disse o quanto a saúde da dona Lu o preocupava, eu sei, ele disse, sei bem dentro de mim, que Júnior está morto, mas ela só vai acreditar quando vir o corpo do filho. A palavra “corpo” me encheu de coragem. Aja rápido, câmbio.

Quando voltei para casa, os indiozinhos estavam dentro do meu quarto, brincando de esconde-

esconde. Toquei todo mundo para fora e me deitei, a cabeça fervilhando de ideias.

E então, às sete horas, ouvi barulho na escada.

Corri para abrir a porta e vi Sulamita vindo ao meu encontro.

Ao abraçá-la, percebi, pelo cheiro azedo que suas roupas e cabelos tresandavam, que ela vinha do necrotério.

Ela me pegou pela mão e disse que precisava me mostrar uma coisa. É muito importante.

Infâni, pensei, enquanto íamos em direção ao meu carro.

Sulamita retirou o lençol, descobrindo o corpo nu de Moacir sobre a maca do necrotério. Dei um passo para trás, num súbito pânico, sem conseguir desviar os olhos do corte grosseiramente costurado, que começava no púbis e acabava na altura do peito. Era isso que eu temia, câmbio. As pernas também haviam sido abertas e cerzidas. É um procedimento comum em autópsias de pessoas que sofrem mortes violentas, explicou Sulamita.

Eu mal conseguia ficar de pé, transpirava, nauseado com o cheiro pútrido que se misturava com o de água sanitária. É o fim, pensei, apoiando-me na parede.

A Eliana ainda não sabe, ela disse. E enquanto me contava que Moacir fora encontrado na própria cela, amarrado a um lençol que estava preso às travas da janela de ventilação, só uma ideia me passava pela cabeça: eu seria o próximo.

Foi hoje de manhã, continuou Sulamita, quando os presidiários estavam no banho de sol.

Vão me matar, eu falei. Estão me mandando um recado.

Você acha, ela respondeu, que não pensei nisso quando vi Moacir nesta maca? Que não pensei em você e em tudo o que você me contou anteontem? Nem era para eu estar presente na autópsia. Eu estava saindo do meu plantão. Pedi para a Rosana, a legista que trabalha aqui, me deixar acompanhar o trabalho. Fiz mais que isso, ela continuou, liguei para o Joel e pedi para ler o inquérito do Moacir.

Perguntei a Sulamita se não se pode simular um suicídio. Talvez, eu falei, talvez alguém tenha colocado um lençol naquela grade e obrigado Moacir a se enforcar.

Sabe o que a gente faz quando um cadáver chega aqui?, perguntou Sulamita. A gente se senta ao lado dele e conversa. Um cadáver conta tudo. Reviramos ele ao avesso, nós o rasgamos de cima a baixo, retiramos suas vísceras, os escalpelamos, arrancamos o cérebro para fora. Veja, ela disse, indicando um sulco profundo e irregular no pescoço de Moacir. Essa marca é um sinal do enforcamento, continuou Sulamita. Se fosse crime, ela seria em volta de todo o pescoço, e não só na parte da frente. E também haveria sinais de luta. Olha aqui, disse, apontando a região dos ombros, não tem escoriações nem contusões.

Preciso de proteção, insisti. Eles mataram Moacir, eu falei, seja lá o que você tenha visto na autópsia, aqueles bolivianos me disseram que iriam matá-lo.

Contei minha conversa com Ramirez em detalhes, falei que o próximo seria eu, que, se não pagasse minha dívida, seria encontrado boiando num rio ou enforcado como Moacir. Preciso de proteção policial, eu disse. Repeti várias vezes, implorei para ela acreditar em mim e, conforme Sulamita me pedia calma, eu ficava mais nervoso ainda, você parece, eu disse, você parece aqueles detetives de filme policial ruim que ficam obstruindo a investigação, deixando que pessoas inocentes morram.

Quem é o inocente? Você?, ela perguntou, e não gostei da maneira como fez isso.

Eu tremia, descontrolado. Você não está entendendo, falei. Preciso de proteção.

Você é que não está entendendo, ela me interrompeu. Não fale bobagem. Foi suicídio e quem está dizendo isso não é a polícia nem os bolivianos. Sou eu. Euzinha. E que papo idiota é esse de proteção? Por acaso, você quer ir lá na delegacia agora e confessar que é o dono da cocaína que foi apreendida na casa do Moacir? É esse o seu plano? Se for, vá em frente. Porque aqueles caras só aceitam dar proteção, uma proteção bem merreca que não vai resolver nada se alguém quiser mesmo te matar, se você for lá e fizer o que Moacir não fez em nenhum momento. Abrir a boca. Moacir foi muito decente. Ele te protegeu.

A ideia de me entregar não me parecia de todo má. Mas se eles haviam matado Moacir dentro do presídio, por que não me matariam também?

Sulamita me levou para fora, vá para o carro, ela falou. Voltou minutos depois com uma Coca-Cola. Você tem que entender uma coisa, ela disse. Eu realmente chequei. Fui ao presídio depois da autópsia. Falei com o Joel. Falei com o Alfredão, o carcereiro que encontrou Moacir pela manhã. Alfredão me disse que, quando entrou na cela, ele ainda estava com ereção, tinha acabado de ejacular. Foi suicídio, sim, ela disse. Todos os elementos apontam suicídio.

Ficamos ali, eu tremendo e bebendo Coca-Cola, enquanto pensava se haveria um jeito de me safar.

A única saída era o meu plano. Projeto cadáver, câmbio.

O dia estava chuvoso, e, mesmo assim, as pessoas não paravam de chegar. Algumas só olhavam o defunto e iam embora. Outras não se satisfaziam com pouco, queriam saber detalhes do suicídio. Vinham não porque conhecessem ou gostassem do ciclista, mas por não ser sempre que alguém se matava naquelas bandas. As pessoas aqui, pensei, observando a folgança dos enxeridos, as pessoas aqui não se matam, elas morrem simplesmente. Com um tiro no peito. Elas morrem assim. Desabam de obras. São atropeladas. Ou simplesmente apodrecem. Se eu tivesse que me matar, disse uma velha, jamais seria com corda. Até os cachorros se matam, disse outra.

O caixão fora colocado entre o fogão e o sofá. Serafina, que passara a noite velando o corpo, agora cochilava apoiada sobre o cadáver.

Sentada ao lado do Alceu, Eliana não parava de futricar, como uma abelha feliz. A noite toda zumbindo no ouvido do Alceu, não prestava atenção em mais ninguém além do açougueiro, nem olhava para o cadáver do marido.

Pare de encará-la, disse Sulamita, você não tem nada a ver com isso.

Ela não pode agir dessa forma, falei. Não na frente de todo mundo.

Você nem é da família.

Estou pagando o enterro, insisti, caixão, flores, túmulo. Ela podia ao menos respeitar o defunto.

Devo ter falado alto demais, agora Eliana e Alceu me olhavam, vamos tomar um café, disse Sulamita.

Eu já tinha bebido café a noite inteira. Estava encharcado de café, nervoso, irritado. E com dor de cabeça.

Sáímos e senti a chuva fina refrescar meu corpo.

Aqueles caras, eu disse para Sulamita. Perto do poste. Está vendo?

O que tem?

Nunca os vi aqui no bairro.

Você está me deixando nervosa, ela respondeu.

Larguei Sulamita falando sozinha, entrei novamente na casa de Moacir, acordei Serafina e a levei até a janela. Conheço, ela disse, é gente que mora no bairro.

Quando voltei para a calçada, Sulamita disse que eu precisava me acalmar.

Por que você não acredita em mim?, perguntei.

Ele se matou, pelo amor de Deus, ela falou. Quantas vezes vou ter que repetir que ele não foi morto, ele se matou. Moacir estava numa enrascada e se matou, foi isso que aconteceu.

Mas eu estou correndo risco, insisti. Eles querem me matar. E se eu morrer, se eu aparecer morto, não vá dizer que não avisei.

Às dez horas, saímos de carro, seguindo o agente funerário que, com sua camionete preta, levava o

caixão de Moacir. Bem nesse momento, uma chuva torrencial desabou sobre a cidade.

No cemitério, só Eliana e Alceu mais as crianças estavam com guarda-chuva. O resto, poucos na verdade, assistia embaixo da chuva ao coveiro baixar o corpo no que parecia ser um reservatório de lama.

Depois do enterro, vi Eliana saindo apressada com os filhos, ao lado de Alceu. Serafina a seguia, mas, de repente, notei que Eliana lhe dizia algo, de maneira ríspida.

Aproximei-me e perguntei se havia algum problema.

Ela não cabe no carro, disse Eliana.

Virou as costas e saiu andando, a viúva. A própria viúva alegre.

Antes de estacionar em frente à bicicletaria, pedi para Serafina olhar ao redor, veja bem, eu disse, repare se não há nenhum estranho por aqui, câmbio. Atrás do carro. Olha ali. Do outro lado da rua, eu disse. Na esquina. Não seria mau arranjar uma arma, pensei, enquanto saltava apressado da camionete.

Liguei para Dalva, avisei que não voltaria ao trabalho e passei o resto do dia na cama. Muitas coisas ainda estavam confusas na minha cabeça. Talvez eu devesse pedir demissão dos Beraba. Para não levantar suspeitas mais tarde, na hora agá. O problema é que de fora, câmbio, a visão é outra. Perde-se o miúdo, o buraco da fechadura. Além do mais, uma saída abrupta poderia levantar suspeitas. Talvez, lá na frente, surgisse um detetive do Pantanal, um Joel, de botas e chapéu, dizendo “curioso que o motorista dos Beraba tenha pedido demissão nesse momento e não naquele”. Mas também é verdade que o contrário poderia acontecer, e eu me tornar suspeito não por ter ido, mas por ter ficado. Por ser o namorado de Sulamita. Logo Sulamita, a que cuida do necrotério. Por isso, eu dizia para mim mesmo, eu tenho que fazer cálculos antes de agir. Pesar os prós e os contras, como se diz. Mas tem algo que não se mede, é verdade.

Sempre que acontece um desastre aéreo, fico pensando nessas pessoas que chegam ao aeroporto com antecedência e têm a chance de antecipar sua viagem. Não estariam trocando um voo certo, seguro, para embarcar naquele que vai se espatifar no oceano e matar cento e noventa e oito passageiros? O pior acidente aéreo de todos os tempos, vão dizer os especialistas. As coisas podem também se dar ao contrário. E exatamente por não ter antecipado o voo, fulano morre. Porque o avião marcado com um xis era aquele e não este. E há ainda variações piores. Talvez seja a sua presença que determina a queda do avião. Talvez o nosso destino esteja escrito no nosso código genético. Talvez Deus só queira mesmo acertar as contas com você e todos os outros vão morrer como coadjuvantes em qualquer voo que você embarque.

É isso o que quero dizer. Existem a lógica, a inteligência, a estratégia, os planos, mas há também o mistério da vida. A verdade é que só podemos caminhar até determinado ponto. Dali para frente é sorte. E sorte é sorte. Era nisso que eu pensava, embaixo do chuveiro, quando ouvi baterem na porta.

Enrolei-me na toalha, saí do banheiro e fiquei quieto por alguns instantes, com as luzes apagadas. Sou eu, disse Sulamita. Abra.

Na volta do cemitério, duas horas antes, eu a deixara em casa e sentira alguma coisa no ar, algo não dito, como se Sulamita estranhasse o fato de eu sequer perguntar se ela gostaria de ir comigo para minha

casa. Desde o dia em que ela descobriu o telefone e a mochila do piloto no meu alçapão, desde a nossa discussão, não havíamos mais conversado sobre o assunto. Não estávamos separados, tampouco juntos. Não estávamos brigados, muito menos em paz. Com a morte do Moacir, as coisas ficaram suspensas. Eu poderia muito bem ter facilitado naquele momento em que a deixei na sua casa, vamos resolver esse lance, eu poderia ter dito, mas achei que ela fosse pedir mais explicações, e eu não me sentia em condições de dar nada para ninguém.

Destranquei a porta e Sulamita entrou. Ficamos abraçados por um longo momento, em silêncio. Senti um cheiro bom no seu cabelo. Ela estava bonita, num vestido largo e vaporoso, azul-celeste, que escorregou pelo seu corpo quando desfiz os laços que o prendiam no ombro.

Não foi nada especial. Um pouco de fúria, no calor, só isso, e depois o silêncio, com meu coração batendo, acelerado. E depois ainda, uma tristeza difusa, uma vontade louca de sair dali.

Mais tarde, na cama, fumando, senti minha cabeça novamente entupida de problemas. E então, eu disse para Sulamita: você pode não acreditar, mas Moacir foi morto. E eu não quero morrer. Não vou morrer.

Falei ainda que eu tinha um plano na cabeça. Um plano muito bom que resolveria minha vida. Nossa vida, completei. Você pode me ajudar, eu disse. Podemos fazer isso juntos e continuar nosso caminho. Cuidar da nossa família, como havíamos sonhado. Da Regina e dos seus pais. Da Serafina. Mas você pode desistir também. Pode colocar sua roupa e ir embora. E não voltar nunca mais. Mas se ficar, eu disse, você vai ter que me ajudar. Porque eu vou adiante. De qualquer jeito, sozinho ou com você, eu vou em frente no meu plano.

Foi isso que eu disse.

Então, ela disse:

Quando aquele maldito celular tocou no alçapão, minha vida virou de cabeça para baixo. Você me conhece. Sempre fui muito organizada. Gosto das coisas certinhas. Planejo tudo com antecedência. E faço isso seguindo regras. Se elas existem, se há leis, é para a gente viver melhor, eu imagino. Ordem é tudo na minha opinião. Não é à toa que fui trabalhar na polícia. Tem muito de ingenuidade e idealismo nesta escolha, eu sei, a gente não está na Suécia, a polícia aqui é corrupta, eu sei, mas uma coisa é você ler isso nos jornais, outra é viver e trabalhar como uma pessoa honesta dentro de um órgão público. Você sabe que existe corrupção, mas não vê. A corrupção não é uma coisa que vem de baixo. Não tem a ver com funcionários como eu. Você sabe que tudo é podre, mas vive uma vida honesta, com pessoas honestas fazendo o seu trabalho. E de repente, me vejo no meio de uma embrulhada sem fim. De repente, tem um piloto desaparecido, tem cocaína, tem uma dívida em dólares, e eu estou no meio dessa confusão. E eu amo você. Saí da sua casa, no dia em que descobri tudo, e passei praticamente quarenta e oito horas fora do ar, sem entender lhufas. Só pensava nisso, eu amo aquele cara. Até aquele dia, você era o homem da minha vida, e, então, descubro que você é também uma espécie de traficante. Eu me perguntava o que uma pessoa sensata deveria fazer na minha situação e não havia muitas respostas. Se quisesse ajudar, deveria te denunciar. No dia em que o Moacir morreu, antes mesmo de saber que se tratava de suicídio, percebi que tinha que agir rapidamente. Hoje é Moacir, eu pensei, e amanhã pode ser meu namorado.

Decidi então pedir ajuda ao Joel, lembra do Joel? O Tranqueira? Liguei para o Joel e falei, Tranqueira, preciso muito falar com você. Eu queria entender o que estava acontecendo, ler o inquérito do Moacir, discutir com Joel, contar tudo e, dependendo do tamanho da encrenca, ia chegar aqui e convencer você a se entregar. Joel é muito bom para dar conselhos e sei que posso confiar nele. Mas Joel estava numa reunião naquele momento, e pediu para eu ir até a delegacia mais tarde. E então aconteceu aquela coisa que não devia acontecer. E que tem a ver com Deus, imagino. E com telefone também. É curioso como o telefone tem causado tragédia na vida das pessoas hoje em dia. Parte da nossa vida acontece pelo telefone, e é também pelo telefone que as pessoas se fodem. Joel não desligou direito e prendeu minha linha. Primeiro, fiquei gritando, achei que ele pudesse me ouvir. Mas, de repente, comecei a escutar a conversa. Além do Joel, havia uma outra pessoa, acho que era o Dudu, não tenho certeza. Os dois estavam achacando uma terceira pessoa, proprietário de um ferro-velho. Pelo que entendi, o cara distribuía droga, houve um flagrante, eles estavam cobrando para que o assunto acabasse ali mesmo.

Uma coisa é você saber que o presidente é corrupto, que o governador é corrupto, que o secretário é corrupto. Mas o cara que trabalha com você há sete anos? Ali do seu lado? Que almoça, que janta com você? Que frequenta sua casa? O Joel? Que me ensinou tudo? Eu colocaria minha mão no fogo por Joel. Se Joel, o Tranqueira, que me chama de Doçura, é corrupto, se é assim, todo mundo naquela delegacia deve levar grana. Hoje em dia, não existe mais um ladrão sem parceiros, corrupção é um negócio em rede, uma matilha. Por que então me preocupar se meu namorado rouba um quilo de pó de alguém que já morreu? Claro, você não devia ter entrado nessa com Ramirez, mas a verdade é que você não matou ninguém. Você não prejudicou ninguém. Você não é um assassino. Nem estuprador. É isso que importa. Se você tivesse acabado com a vida de alguém, nesse caso, bem, não há perdão para um homicida. Mas você não é pedófilo. Não que eu concorde com o que você fez. Mas uma coisa é pegar uma arma e matar, outra é fazer o que você fez. Você não é um homicida. É por isso que estou aqui. Claro que se você fosse preso, eu poderia esperar. Mas, poxa, já esperei tanto. Não quero abrir mão da nossa vida nem dos nossos planos. E nossa família precisa de nós.

Agora, ela disse, pegando na minha mão, me conte o seu plano.

Meu plano é uma história de pescaria. Imagine então um pescador solitário no seu barco, num dia tranquilo de sol. Você sabe, há de tudo nesses rios do Pantanal. Coisas horríveis de verdade. Ariranhas e lagartos tão grandes que parecem jacarés. E jacarés com caudas serrilhadas que lembram dragões. E piranhas que são tubarões minúsculos, com mandíbulas que se projetam e dentes tão afiados quanto canivetes suíços. E anacondas de seis metros, que conseguem engolir um boi inteiro. Bichos terríveis. Peçonhentos. Mas o pior de todos, o mais ameaçador e perigoso, o mais impiedoso e predador é o nosso pescador solitário. Que se diverte num dia de sol. Coisa ruim, de verdade. Está ali, mascando um cigarro de palha e pensando na vida, enquanto espera que algum peixe morda sua isca. E de repente, vê algo preso nas ramagens da vegetação. O que é aquilo? Aproxima-se da margem direita do rio e vê um cadáver boiando. Na verdade, o que resta do corpo do nosso piloto.

Tudo isso, continuo, aconteceu há três meses, quando só se falava no acidente e desaparecimento do piloto em Corumbá. O pescador imediatamente entende do que se trata. Ele assistiu às reportagens na televisão, sabe que o acidente ocorreu nas imediações. E sua vida está difícil. Está desempregado, não tem dinheiro. E conhece os Beraba. Quem não conhece? Gente rica da cidade. E então, ali mesmo, enquanto o sol frita seus miolos, bola um plano mirabolante.

Sulamita, na cama, nua, com os braços embaixo da cabeça, ouvia meu plano, os olhos cravados em mim.

A cadeia, ela diz, está cheia de pessoas com planos mirabolantes.

Imagine, continuo, imagine que o pescador recolhe o cadáver e o enterra em algum lugar sem dizer nada para ninguém. Agora, como num filme, você avança no tempo. Três meses mais tarde, a polícia já desistiu da busca e o assunto se acalmou. O que faz o pescador? Ele telefona para a família Beraba e diz o seguinte: eu tenho o corpo do seu filho. Se vocês quiserem enterrá-lo, é só me pagar duzentos mil dólares. E desliga.

E eles vão pagar?, pergunta Sulamita.

Vão pagar qualquer soma, isso eu garanto. Você nunca ouviu dizer que “o homem só começa a ser homem quando enterra seus cadáveres”? É a mais pura verdade. Não há civilização sem os rituais da morte. Sem enterros. Sem eles, voltamos para a caverna. Sem eles, você não honra o defunto, a memória, você não presta homenagem a ele, você não tem túmulo para visitar. Viramos uma espécie de zumbi se deixamos nossos cadáveres por aí, apodrecendo sobre a Terra. No plano pessoal, a tragédia é maior. Lembro que num dia de finados, encontrei minha mãe chorando na cozinha e ela me disse: “se ao menos houvesse um túmulo para visitarmos.” Minha mãe não sofria porque meu pai tinha morrido. Sofria porque não podia decretar aquela morte.

E eles não vão acionar a polícia?

Não. Dona Lu vai fazer tudo para ter o cadáver.

Quanta confiança, ela disse.

Os mortos matam os vivos, respondi, você já ouviu essa frase?

Você tem muitas frases.

Sabe o que ela quer dizer? Enquanto não enterramos nossos mortos, eles continuam vivos, nos matando. É isso que ela diz. Eles nos matam martelando na nossa consciência que nós não cumprimos nossa parte. Não permitimos que eles voltem ao pó. Não somos só nós, os vivos, que queremos enterrar os mortos. Os mortos também querem se livrar do nosso mundo.

Expliquei ainda que gostava muito da dona Lu, gostava de verdade. Acredite, eu disse, não estaremos fazendo nenhum mal a ela ou à família dela, só vamos permitir que ela realize o funeral do filho. E duzentos mil dólares, pode apostar, não significam nada para essa gente. Deve ser o valor de uma única vaca leiteira, que eles têm aos milhares. Vamos matar três coelhos com uma só paulada: ela terá o cadáver do filho, eu terei cinquenta mil dólares e você realiza o seu sonho de deixar o necrotério e ter uma fazenda. Só sua.

O nosso sonho, ela disse.

Claro. O nosso projeto. Com o resgate, pago Ramirez, e compramos uma fazenda.

Você vai blefar?

Com quem?

Com os Beraba. Você vai blefar ou vai entregar o cadáver?

Esta é a sua parte. Temos que arranjar um cadáver.

Hum. Sei.

Eu gostaria muito de ajudar a dona Lu a realizar esse sonho. De enterrar o filho. Acredite em mim, ela sonha com este dia. A dona Lu é muito boa. Você vai gostar dela.

Ficamos algum tempo em silêncio, e então perguntei se ela podia pegar um cadáver no necrotério.

Há um controle da entrada e saída dos corpos. Não é fácil.

Sem cadáver não temos plano nenhum.

Você vai me prometer uma coisa, ela falou: não interessa o que acontecer, não vamos matar ninguém.

Não somos assassinos.

Preciso de tempo para pensar.

Tem que haver um jeito.

Não somos assassinos.

Claro que não.

E se conseguirmos um cadáver, será só um cadáver, disse Sulamita.

Como assim?

Não basta que a mulher de César seja honesta. Tem que parecer honesta.

Do que você está falando? Quem é César?

Não precisamos apenas de um cadáver. De um cadáver qualquer. Eles têm que acreditar que é o cadáver do Júnior. Vão querer uma garantia que temos o cadáver do filho.

Você vai ter que resolver isso também.

Perguntei se não corríamos o risco do corpo do Júnior aparecer boiando em algum lugar. O corpo verdadeiro.

Depois de três meses? Nesse calor?, ela disse. Acho difícil. Minha opinião é que ele teve o ventre perfurado. Em casos de afogamento, se o ventre é perfurado, os corpos afundam e não vêm mais à tona.

Beije Sulamita.

Eu sabia que você iria me ajudar, eu disse.

Nem ela nem eu dormimos naquela noite. A cada hora, um levantava uma nova questão, um novo detalhe. Varamos a madrugada assim. No escuro, cheios de ideias.

Às oito da manhã, estacionei a camionete. Vá sozinho, disse Sulamita, é melhor. Eu espero aqui. Deixe a chave, fico com o carro ligado por causa do ar-condicionado. E seja rápido, ela disse, procure não chamar atenção. Não converse, fale o mínimo necessário.

Pode deixar, respondi.

Antes de saltar, ela me puxou, me dá um beijo, ela falou.

Nos beijamos.

Diga que me ama.

Eu te amo, falei.

Muito?

Muito.

Quanto?

Porra, Sulamita, deixa eu resolver esta parada.

Desci do carro e fui caminhando até a loja de penhores, que parecia um buraco, em contraste com a luz lá fora e o céu azul. Demorei alguns segundos para me acostumar com a escuridão.

Vim buscar meu relógio, eu disse.

O velho pegou meu comprovante, foi para trás da loja e voltou pouco depois com o relógio dourado de Júnior.

Ele não estava muito feliz, esses caras ganham a vida com a nossa desgraça.

Paguei e voltei para o carro.

Ele fez perguntas?, quis saber Sulamita.

Nada.

Ela olhou o relógio. É bonito, disse. E está funcionando. Vou ter que fazer um tratamento nele também.

Dez minutos depois, eu deixava Sulamita em frente ao necrotério.

Combinamos de nos encontrar em casa no começo da noite.

O resto do dia foi tranquilo, exceto pelo encontro desagradável que tive com Carlão, no banco, quando fui pagar as contas dos Beraba. Carlão estava com a ex-mulher, parecia um cachorrinho obediente carregando a bolsa da dona, uma bolsa vermelha, cheia de penduricalhos, que não ficava nada bem no ombro daquele marmanjo arrependido. Na verdade, quem veio falar comigo foi ela, a ex, que certamente não conhecia o verdadeiro motivo da separação de Carlão e Rita. Vá em casa um dia desses, ela falou, estou retomando o restaurante do posto. Carlão me olhava com o mesmo interesse de um pedaço de pau. Precisamos nos ver mais, ela disse, vocês, afinal, são primos.

Foi só a mulher tirar os olhos de mim e ele fez um sinal, vá se foder, foi o que ele me disse com aquela mão cheia de pelos.

Quando cheguei de volta na casa dos Beraba, Dalva me disse que Serafina estava no telefone.

Ela me colocou para fora, disse a índia.

Do que você está falando?

A Eliana. Ela disse para eu arranjar outro lugar para morar.

Falei com a dona Lu, pedi autorização para ir embora mais cedo e fui conversar com a Eliana.

Se você está mesmo preocupado com esta índia, ela disse, sem deixar de lado a gororoba que preparava para as crianças, pelo cheiro, pensei, deve ser corvo frito, se você está tão preocupado, ela falou, por que não leva a índia com você?

É isso que vou fazer. Mas preciso de um tempo. Por enquanto ela não tem para onde ir, argumentei.

Tem sim, aquela tribo no cafundó do judas. É só ela pegar a tralha e se mandar. O governo paga para essa gente voltar para lá.

Você não tem pena da sua sogra?

Sogra? Este traste? E por acaso Moacir teve pena de mim? Dos nossos filhos? Por acaso ele deixou algum dinheiro para pagar as minhas contas?

De quanto você precisa?

Para quê?

Para pagar suas contas.

Eliana fez uma cara de enfado.

Quanto você quer?, perguntei.

Quinhentos, ela falou.

Abri a carteira e dei tudo o que eu tinha. Vou arranjar o resto, eu falei. Mas você vai ter que ficar com Serafina até eu organizar minha vida.

Virei as costas e me mandei.

Uma vadia, a Eliana. E pensar que Moacir se fodeu por causa dela.

Até aqui tudo bem, câmbio. Estou seguro na minha casa e não há ventania por aqui. Nem chuva. Tempo bom, tudo está no seu lugar, câmbio. Tudo vai dar certo. Era isso que eu pensava enquanto assistia na TV a um programa sobre tornados.

Sulamita chegou às sete horas e ficou ao meu lado, as pernas no meu colo. As imagens eram impressionantes, casas, galpões, carros, postes, tudo sendo aspirado por uma bomba invisível, parece até efeito especial, disse Sulamita. Ficamos ali, na cama, de mãos dadas, nos sentindo protegidos, enquanto falávamos sobre o quanto aquelas pessoas, os donos dos carros e das casas, os moradores daquelas cidades estavam fodidos. A desgraça dos outros, ela disse, é uma espécie de show, você não acha? Gostosa de assistir, completei. Isso é mesmo nojento, concordamos. Fazem isso para vender, completei. E vendem, concordamos. Vendem porque nós mesmos compramos.

Depois que acabou o programa, Sulamita desligou a televisão e sugeriu que fôssemos comer uma pizza.

Eu não queria sair, sentia-me vulnerável, não parava de olhar para os lados, para trás, sempre temendo levar uma bala na cabeça.

Se Ramirez te deu um mês para pagar a dívida, disse Sulamita, quando estávamos na pizzaria, não vai te matar assim, sem mais nem menos, o que Ramirez quer são os cinquenta mil dólares, ela falou. Não faz sentido te matar antes.

Eu concordava com os argumentos de Sulamita, mas isso não fazia com que eu olhasse menos para os lados e para trás. Melhor, eu disse, é sentar encostado na parede. E nos mudamos para uma mesa de fundos.

Durante o jantar, ela me mostrou o relógio de Júnior. Sujo, riscado e quebrado. Havíamos conversado muito na noite anterior sobre o tipo de prova que devíamos apresentar.

Temos que considerar que este relógio ficou na água até o pescador encontrar o cadáver. Falávamos assim mesmo, no pescador, como se fosse outra pessoa, câmbio, e não nós mesmos quem fazia aquilo.

Você pensa em tudo, eu disse.

Onde está o celular do Júnior?, ela perguntou.

Eu havia trazido, mas disse que não sabia se era bom usá-lo. Pense comigo, estamos considerando que a mochila não estava com Júnior no momento do resgate, portanto, o telefone também não estava. Além do mais, se estivesse, o telefone teria quebrado, porque teria ficado na água por algumas horas.

Você está certo, ela disse, mas, se eles tiverem bina, o número que vai aparecer registrado é o do Júnior.

Claro, eu disse, dando um beijo em Sulamita. E foda-se a lógica.

Depois do jantar, atravessamos a ponte do Jacaré, e estacionamos num local tranquilo como se fôssemos namorar.

Coloque esse pano, ela disse, me dando a flanela que ficava no porta-luvas da minha camionete. E mude a voz.

Não é melhor você falar?

Não, ela disse. O pescador tem que ser homem.

Disquei, e Dalva atendeu.

Eu gostaria de falar com dona Lourdes Beraba, eu disse com a voz grave.

Quem gostaria?

Um amigo, respondi.

Segundos depois ouvi a voz de dona Lu. Doce, disponível.

Quem é? Alô?

Hesitei por um instante. E então falei.

Tenho o corpo do seu filho comigo. Não avise à polícia. Você vai receber instruções. Se envolver a polícia, nunca mais vai ter notícias, falei.

E desliguei. Ou melhor, o pescador desligou.

Simples assim.

Não queria ficar o tempo todo me sentindo assim. Uma caça, um cervo correndo em campo aberto. Um coelho, fugindo assustado. Ramirez não podia cometer mais um erro. Sempre paguei tudo, eu queria dizer. Sou um bom pagador, desses que não dormem quando devem algo. Uma herança da minha mãe, na verdade. Nossa religião era essa, pagar tudo sem atraso. Dívida era uma espécie de pecado na nossa casa.

Na varanda da sua fábrica, em Puerto Suárez, Ramirez nem me olhava. Estava mais interessado na Mitsubishi preta, novinha, estacionada na garagem. Roubada, provavelmente, câmbio. Na sala, algumas pessoas conversavam com Juan, talvez fossem mais engolidores de cápsulas de cocaína.

Sulamita me contara que as pessoas faziam fila para aquele tipo de trabalho, e que já vira mulheres na delegacia presas com pacotes de droga do tamanho de uma bola de tênis dentro da própria boceta.

Não é um bom negócio me matar, câmbio. Você vai perder cinquenta mil dólares. Vai perder um parceiro. Eu estava ali para dizer isso, viera bem cedo, sem telefonar, o que não foi bem visto por eles. Vou te dar uma dica, Porco: nós aqui não gostamos de surpresas, dissera Juan. Mas eu tinha que arrumar aquela situação. Fazer um pacto com Ramirez. Um juramento. Eu juro, iria dizer. Minhas pernas estavam bambas, eu arfava como um cachorro e não falava sequer uma frase do discurso que havia preparado no carro, enquanto dirigia, a caminho de Puerto Suárez. Falava só merda, mentiras, enquanto ouvia meu rádio interno, câmbio, dizer que eu iria me foder. Conteí de Moacir e de como ele fora encontrado dentro da cela por policiais. E de como ele arrotou, quando retiraram o lençol que usara para se matar. O último suspiro dos enforcados, eu disse. Se você é estrangulado, falei, sem entender por que eu ia por aquele caminho torto, se você é estrangulado, não arrota, eu disse. E não ejacula, veja que interessante. Me contaram que Moacir estava com o pau duro quando foi encontrado, falei. Cheio de porra. E ri como se aquilo tivesse alguma graça.

Cada história que o Porco conta, disse Ramirez. Tem alguma treta?

Como?

Você quer me dizer alguma coisa especial?

Não, respondi, é que o Moacir, continuei, estou cagando para o Moacir, retrucou Ramirez, me interrompendo.

Vou pagar, eu falei. Não precisa se preocupar comigo.

Ramirez soltou uma gargalhada. Tenho certeza de que você vai pagar, ele respondeu.

E então ele gritou por Juan. Traga minha agenda, ele pediu.

Juan saiu da casa pouco tempo depois, com um livro grande, de capa preta, desses que os contadores usavam antigamente.

É por isso que estes caras dançam, pensei, fazem planilhas como se fossem presidentes de

multinacionais. E agora meu nome estava lá, no meio de tantos outros traficantes.

Está escrito aqui, disse Ramirez. Porco: sessenta mil dólares. Você não é o Porco?

Sou, eu disse.

Então, já sabe.

Você havia falado cinquenta, arrisquei.

Falei? E mesmo assim você volta aqui para me encher o saco? Fique, então, sabendo, agora são sessenta, ele falou, corrigindo o livro.

Fez uma pausa antes de dizer o resto.

Cada vez que você vier na minha casa com papo-furado, acrescento mais dez mil dólares na sua conta.

Disse ainda que eu tinha vinte e quatro dias para saldar a dívida. E que eu devia tomar o prazo como um gesto de boa vontade. Não costumo ser assim, tão generoso.

Enquanto eu dirigia de volta para o centro de Puerto Suárez, fui tomado por uma espécie de alívio. Afinal, eu tinha vinte e quatro dias, câmbio. Melhor que vinte e quatro horas. Se Ramirez dissesse vinte e quatro dias, pensei, eu tinha vinte e quatro dias. Antes, eu tinha trinta. E agora, vinte e quatro. O que era justo, se você considerar o montante da dívida. Sessenta mil dólares. E dez quilos de cocaína.

Não consegui deixar de pensar também que uma condenação à morte deveria ser assim. Vinte e quatro dias. A sua cota e depois a cadeira elétrica. E câncer no rim também. O médico avisa: seis meses. Um prazo e acabou. Minha vantagem é que eu tinha o indulto, o antídoto, e eles estavam bem no meu bolso. Sulamita havia preparado tudo pela manhã: uma caixa pequena, de madeira, com o relógio de Júnior, que seria enviada pelo correio para a família Beraba, dali mesmo, de Puerto Suárez.

Sulamita limpou o relógio com cuidado, para tirar nossas digitais, e o envolveu em papel-carbono, uma técnica para driblar os raios X.

Tivemos ainda o cuidado de escrever o nome do destinatário numa etiqueta impressa no computador de Sulamita e de colocar um endereço falso no remetente, de modo que, se fossem checar, veriam rapidamente que a rua e o número não existiam.

Estacionei duas quadras antes do correio e fui caminhando, desviando das poças, câmbio, enquanto sentia o volume do pacote no bolso da minha jaqueta jeans.

O movimento era intenso. Lanchonete, loja de badulaques, agência bancária, outra loja de badulaques, padaria, mais loja de badulaques, tudo cheio, por conta da chuva, que agora estava mais grossa.

Hesitei diante do correio, não sabia se entrava ou se pedia para alguém fazer a remessa por mim. Um garoto qualquer, desses que se ofereciam aos turistas para carregar bagagem, poderia dar conta do serviço. Não confie em ninguém, câmbio. Logo, um grupo de mochileiros americanos entrou na agência, criando uma confusão típica de adolescentes. Aproveitei, me juntei a eles e despachei o relógio, sem chamar muita atenção.

Missão cumprida, pensei ao entrar no carro.

Os dias seguintes foram de espera.

O pescador não entrou em contato, mas havia uma tensão na casa, que a gente sentia no ar.

Nas três vezes que falei com dona Lu, notei que ela mantinha o telefone sem fio nas mãos o tempo todo. E se ele tocava, ela nem esperava o segundo toque, atendia-o numa ânsia que eu conhecia muito bem.

Lembro que, certa vez, minha mãe foi tomar banho e pediu que eu ficasse atento à campainha do telefone. Acabei dormindo e acordei com seus gritos, ela caída no chão, enrolada numa toalha, chorando, por que você não atendeu?, ela gritava.

Nos Beraba, eu também presenciara o momento em que o fazendeiro, vindo do trabalho, perguntou à mulher se eles haviam ligado. Nada, ela disse. Nada ainda.

Outro dia, quando entrei para entregar a correspondência, encontrei dona Lu dormindo na sala, com o telefone no colo. Ela estava emagrecendo rapidamente e parecia não se importar mais com as raízes brancas do cabelo, que faziam grande contraste com a parte tingida. Perdera totalmente a vaidade. Usava um robe azul atalhado, já desbotado, e pantufas cor de mostarda. Parecia uma flor velha. Sem cheiro. Acordou com minha presença, se ajeitou no sofá e me disse que andava assim ultimamente, dormindo em qualquer lugar. E à noite, ela disse, fico acordada. Perguntou se eu tinha irmãos. Respondi que não. Você é como o Júnior, ela disse. Filho único. E os olhos dela marejaram. Senti tanto amor por dona Lu naquele dia, pensei que, se houvesse uma outra maneira de conseguir meu dinheiro, eu abortaria aquele plano. Não há outra maneira, câmbio. Ela está um fiapo, dizia Dalva na cozinha. Agora só toma leite. Mais nada.

Na quarta-feira cedo, a bomba explodiu. Logo depois que o correio trouxe a caixa que postei em Puerto Suárez, foi como se um alarme soasse pela casa. José Beraba foi acionado por telefone, e meia hora depois estacionava seu carro na garagem. O médico da dona Lu também chegou apressado.

O que está acontecendo?, perguntava Dalva.

Mais tarde, fui chamado pelo seu José no escritório. Perguntou se fora eu quem recebera o correio naquela manhã.

Eu disse que sim.

Foi o mesmo carteiro de sempre?

O mesmo, eu disse. Algum problema?

Não, ele disse. E me dispensou.

Na cozinha, antes de ir embora, Dalva me ofereceu uma fatia de bolo de laranja que acabara de assar. Está acontecendo alguma coisa, ela disse. Alguma coisa muito estranha. Você notou? Foi depois que você levou o correio, disse Dalva.

À noite, contei tudo para Sulamita.

Vamos entrar na fase bê do nosso plano, ela falou.

Sulamita ouvira dizer que uma técnica eficaz de pressão que os sequestradores usavam era telefonar para a família e, em vez de fazer exigências ou ameaças, simplesmente permanecer em silêncio. O silêncio, ela disse, é uma ameaça horrível. Temos que deixá-los instáveis, ela falou. Temos que desarticulá-los. Temos que evitar que eles se movam.

Durante muito tempo, acreditei que a maldade era um aprendizado lento. Naqueles dias, compreendi finalmente que é a bondade que se aprende com dificuldade, com exercícios diários, que as pessoas, por vezes, chamam de Deus ou de Buda, dependendo de suas crenças. A maldade, essa, já nascemos com ela inoculada dentro de nós, como um vírus inativo, que apenas espera o momento de aflorar. De outra forma, como explicar o meu comportamento e o de Sulamita? Como explicar que duas pessoas boas possam agir de forma tão escabrosa?

Sulamita nem de longe lembrava aquela mulher apavorada de dias atrás. Era ela quem pensava nos detalhes e tomava as decisões. Talvez por isso mesmo, meu rádio interno, aquela voz dentro de mim, agora falava menos. Falava ainda, mas com falhas e interferências. Não me guiava. Alertava apenas. Era Sulamita quem comandava.

Voltando ao que importa: nossas noites eram longos estudos de probabilidades. Por vezes, era como se estivéssemos descarrilhados num frenético trem fantasma, como se aquele plano grotesco fosse uma aventura negra, que despertasse em nós um frêmito selvagem. Os olhos de Sulamita brilhavam de excitação. E os meus ardiam. Temos que nos debruçar sobre cada detalhe, ela dizia. Principalmente no cadáver. E no dinheiro. Eu despertava no meio da noite, pense nisso também, eu lembrava. E naquilo. E dormia. E então ela me despertava, um erro, apenas um erro e estamos fodidos, ela repetia. Sabe, ela disse, é como um jogo de xadrez. E me fazia perguntas que eu não sabia responder. A cor exata dos cabelos e dos olhos do Júnior, altura e peso, como vou saber?, perguntei. Xeque-mate, ela dizia. Se vire. Preciso de informações precisas. Pense. Relembre. Como é que você quer que eu arranje um cadáver se não sei nem a altura do Júnior?

Naquela mesma noite em que o correio foi entregue, o pescador telefonou para a família. Repetimos as ligações, em horas diversas, nos dois dias seguintes. Sulamita também telefonou algumas vezes, enquanto eu estava no trabalho, para que não desconfiassem de mim.

Na sexta-feira, de madrugada, liguei quatro vezes. Dona Lu ou seu José atenderam, aflitos, implorando para que o pescador dissesse algo. Você está usando o telefone do nosso filho, disseram.

O pescador não emitia nenhum som, só respirava. Uma respiração pesada, ritmada, como a de um animal paciente, que espera o momento certo para atacar, era assim que eu me sentia do outro lado da linha.

Na última vez, seu José perdeu o controle.

Seu cachorro, ele disse. Seu verme. Filho da puta.

E desligou o telefone na minha cara.

O sol entrava pelos vãos de encaixe das telhas de amianto. E também pelos lados, pelas frestas, por baixo da porta.

Era sábado, e eu estava na cama, meio dormindo, meio acordado. O ventilador de teto zunia, mas ainda assim eu conseguia ouvir as risadinhas. Pareciam fogo crepitando. Através do vidro envidraçado da janela, eu via os cocorutos. Até que gostava daquilo. Uns tampinhas. Enxeridos. Gargalhavam as crianças. Cochichavam. Sobe na laje, disse uma delas. Eu sabia o que elas queriam. Levantei, devagar, e abri a janela, com estardalhaço, urrando ameaças. Elas correram, rindo, em bando. Voltariam outras vezes, eu sabia, esperando que eu repetisse a brincadeira.

O dia estava quente lá fora. Serafina lavava a calçada, com mangueira na mão, vou passar um café fresco, ela disse, quando me viu.

Às oito horas, Sulamita telefonou. Estava irritada com o pai, esse velho não tem jeito, ela falou, descobri que comprou o fusca do vizinho. Tive que desfazer o negócio, você pode acreditar?

Perguntei pelos preparativos, e ela me contou que estava tudo pronto, venha me buscar, ela disse.

Quando estava saindo do banho, Serafina bateu na porta e me entregou uma xícara de café, junto com um envelope pardo, sem remetente. Chegou ontem, ela falou.

Notei que Serafina estava com um hematoma no braço. O que foi isso?, perguntei.

Ela sorriu constrangida.

Foi a Eliana?

Não, ela respondeu, sem desviar os olhos. Eu bati no guarda-roupa.

Eliana não pode fazer isso, você está entendendo?

Serafina desceu, levando a xícara de café vazia.

Abri o envelope e encontrei uma espécie de radiografia. Nela, havia um adesivo vermelho, em forma de seta, indicando um ponto mínimo na imagem. Na folha anexa estavam datilografadas as seguintes informações: “Exame de ultrassom. Saco gestacional com feto de 9mm. A seta aponta para o coração com sangue.”

Só isso, mais nada. O selo de postagem indicava Rio de Janeiro. Então era para lá que Rita tinha se mudado?

Fiquei ali, parado, olhando aquela folha negra, sem fôlego. O ponto. Rio de Janeiro. Queimei tudo e desci para falar com Serafina. Pedi que nunca me entregasse nada na frente da Sulamita, você promete?

Prometo, ela disse.

Isso é muito importante, falei. Você está entendendo?

Estou, ela repetiu.

Entre no carro e fiquei pensando no que tinha acabado de ver. Era só um ponto, mas já tinha coração

e sangue.

O mendigo dormia sobre uma lápide fumegante, com o sol batendo no rosto. Não se via mais ninguém por ali. Só cachorros e lixo.

Andamos pelas vielas fétidas do cemitério, Sulamita carregando o buquê de flores campestres que havíamos comprado no caminho. Qualquer coisa, ela disse, vamos visitar o túmulo da minha avó paterna.

Estávamos de mãos dadas, eu suava muito e olhava para trás a todo momento. Um sol de rachar.

Se estiverem nos seguindo, eu disse, vão nos pegar.

Ninguém está nos vigiando, respondeu Sulamita.

Confio em você, falei, olhando mais uma vez para trás.

Sulamita parou diante de uma sepultura depredada, de onde vinha um forte cheiro de urina.

Seu comportamento não me ajuda em nada, ela falou. Não dá para se controlar? Você só me deixa mais nervosa.

O dia estava limpo, sem nenhuma nuvem, e eu me sentia sem forças para continuar andando debaixo daquele sol.

Você está com medo?, ela perguntou.

É horrível o que estamos fazendo, respondi.

Não vamos matar ninguém, ela falou. Pense na sua mãe. Na dona Lu. Você mesmo disse que dona Lu vai se sentir melhor depois que tudo acabar.

Estávamos num momento do plano em que começaríamos a gastar dinheiro. Dinheiro de Sulamita. Naquela semana, eu havia me oferecido para vender a camionete. Nada disso, ela dissera. Não podemos fazer nada que chame a atenção, vender, comprar, gastar, brigar, separar, nada. Nem agora nem depois, quando tudo acabar. Você vai ter que continuar trabalhando na casa dos Beraba por um bom tempo. Como se nada tivesse acontecido. Sabe quando um criminoso se dá mal? Não somos assassinos, eu respondera. Claro que não, ela concordara, mas estamos cometendo um crime. E só há um conselho para pessoas que fazem o que estamos fazendo: não saia da rotina. É quando você sai da rotina, que nós, da polícia, achamos o fio da meada.

Estou pensando no seu dinheiro, eu disse. No dinheiro que você vai gastar. Pense bem. Se quisermos desistir, tem que ser agora, falei.

Eu não quero desistir de nada, ela respondeu. Tenho amigos que bebem antes de trabalhar, você também podia beber alguma coisa. Iria te acalmar. Agora, vamos, ela falou, puxando-me pela mão. Ele está nos esperando.

O homem se chamava Gilmar. Sua figura curtida de sol e suas roupas sujas de terra eram uma espécie de borra naquele dia luminoso. Ele segurava a enxada em uma das mãos e o chapéu na outra.

Estávamos no meio do cemitério, com moscas-varejeiras zumbindo a nossa volta. Sulamita me contara, no caminho, que o local estava tomado por vândalos. As sepulturas e os mausoléus servem de banheiro para os mendigos, ela dissera. A administração tem autorização para abrir os jazigos de quem foi enterrado há mais de cinco anos, mas os ladrões e vagabundos abrem e levam o que querem, ela

afirmara.

Agora, ela conversava com Gilmar, e eu me mantinha um pouco afastado como se, dessa forma, não fizesse parte daquele comércio macabro.

Já tem cinco meses, afirmou Gilmar.

Isso não é problema, respondeu Sulamita. Contanto que seja homem.

É homem, ele falou. Eu mesmo enterrei.

Qual é a altura?

Um e oitenta, do jeito que a senhora quer.

E como fazemos?, ela perguntou.

Eu tiro hoje mesmo e a senhora passa aqui à noite. Vou estar lá no portão esperando.

Não tem segurança?, ela perguntou.

Gilmar riu.

Enquanto os dois conversavam sobre o pagamento, eu só pensava naquele ponto preto. A seta vermelha. 9mm. Saco gestacional. E se eu estivesse no Rio de Janeiro com Rita? Fechei os olhos e imaginei a cena, nós dois, passeando de mãos dadas na praia. Asas-deltas no céu. Uma brisa refrescando nossos corpos. Vamos nadar, disse Rita. E caímos na água.

Sáímos do cemitério ensopados. O sol estava implacável.

Meia hora mais tarde, quando estacionei em frente à loja de materiais de construção, Sulamita me entregou a lista.

2 capas impermeáveis

2 luvas

2 óculos de proteção

2 máscaras

1 enxada

8 metros de plástico preto grosso

1 maçarico

1 martelo

2 lanternas potentes

8 sacos de lixo de cem litros

5 metros de lona preta

Cordas

Compre aqui só os quatro primeiros itens, deixe o resto para as outras lojas, ela disse, enquanto me entregava algumas notas do dinheiro que sacara da sua poupança no dia anterior.

O fato de Sulamita estar financiando a operação também me incomodava.

Vamos recuperar o que estamos gastando, eu disse.

Ela me beijou.

Saltei do carro, fiz as compras, e repetimos essa operação em mais três lojas da cidade para não chamarmos atenção. Quando voltei para o carro, depois de comprar os últimos materiais, encontrei Sulamita na calçada.

O que foi?, perguntei.

Queria ter certeza de que não estamos sendo seguidos.

Olhei assustado ao redor.

Foi só uma checagem, ela disse. Pensei ter visto Joel. Mas está limpo.

Entramos no carro, eu de olho no espelho retrovisor.

E agora?, perguntei.

Agora eu quero comer. Estou cheia de fome.

Sabe, disse meu sogro, eu vou te pagar. Falava baixo, temia que Sulamita nos ouvisse. Havíamos acabado de almoçar e estávamos em frente à TV, assistindo a um filme idiota. Eu deveria encurtar a conversa, fale com sua filha, eu deveria dizer, é ela quem pode resolver seu problema. Mas deixei o velho tagarelar. A questão, ele dizia, é que emprestei para um amigo e não quero ficar pressionando meu

amigo, sabe? Dinheiro acaba com amizade, ele falou. Se pressionar, perco a amizade e amigo bom a gente não encontra mais. É diferente de dever para alguém da sua própria família. Como nós. Eu te devo, mas vou pagar. E se um dia você precisar, eu posso emprestar. No futuro. E você me paga quando puder. Nunca vou cobrar meu próprio genro. Mas vou te pagar. Preciso que você me empreste mais mil. Mil e duzentos, na verdade. Meu amigo vai me pagar, aí eu aproveito e te pago. Pago os cinco e mais esses mil que você vai me emprestar agora.

Notei que Regina prestava atenção no pai e olhava para mim, sorrindo. Depois, olhava para o pai novamente e soltava uma gargalhada estranha, como se fossem pedrinhas caindo no chão. O velho continuava a falar, e a cada vez que ele repetia que ia me pagar, Regina jogava suas pedrinhas no chão. E olhava para mim. Achei engraçado e comecei a rir também.

Para com isso, Regina, disse o velho. Mas depois, ele percebeu o lance e começou a rir conosco. Danada, essa menina, ele disse. De retardada não tem nada. Só é torta. Ríamos muito. A gente pensa que ela é sonsa, ele disse, engasgando-se com a própria risada, mas a retardada fica de olho na gente.

E quando estávamos assim, os três, rachando o bico, Sulamita se aproximou e perguntou qual era a piada.

Essa retardada é muito esperta, disse o pai, rindo mais ainda.

Sulamita ficava furiosa quando se referiam a Regina dessa forma. Não fale assim, ela disse. Quanta ignorância, pai. Ela não é retardada. E a briga começou. A filha gritou com o velho, que gritou com a filha, que gritou com a mãe e com o pai, que gritaram um com outro, fazendo Regina chorar. Eu já vira a mesma cena diversas vezes. Você entende agora por que não posso sair desta casa?, ela perguntava. Eles não sabem cuidar da minha irmã.

Vamos levar Regina para tomar sorvete, disse Sulamita. Me ajuda a colocá-la no carro.

No fim do dia, depois de deixarmos Regina com os pais, passamos na minha casa e tomei banho. Coloque uma roupa velha, disse Sulamita, que havia feito o mesmo na sua casa, minutos antes.

O sol havia se posto há menos de meia hora. Tínhamos tempo e decidimos comer uma pizza num local onde as mesas ficavam do lado de fora, e você sentia a brisa que vinha do rio.

O restaurante estava cheio de famílias, crianças, e eu me sentia confortável, principalmente depois que a vodca começou a fazer efeito.

Jantamos e continuamos bebendo, esperando o tempo passar.

Sulamita me contou que, quando estava na faculdade, seu professor de anatomia indicou para leitura um conto sobre assassinato e venda de cadáveres, baseado em fatos que ocorreram em Londres no século XIX. Era uma história sórdida, uma gente amoral, que sufocava mendigos e depois vendia seus corpos para as universidades. Mas toda aquela sordidez, ela disse, tinha uma razão nobre, que era a ciência e o progresso. A história, ela continuou, era do R. L. Stevenson e chamava-se *Ladrão de cadáveres*.

Disse isso e ficou quieta por alguns instantes.

Nem uma causa nobre nós temos, ela falou, com uma expressão de desamparo.

Agora vivíamos assim, sempre com um de nós pensando em desistir daquele plano tétrico. Primeiro eu, depois ela. Depois eu novamente, e mais uma vez ela. E, então, nós dois juntos. Ou só ela. Só eu. Dias

e dias daquela forma, uma gangorra infernal.

Percebi que Sulamita não poderia mais beber. Tirei o copo da sua mão, pedi a conta, informando ao garçom que iria levar a garrafa de vodca.

Mas só eu vou beber, avisei Sulamita. Você não tem estômago.

Às onze horas da noite, chegamos ao cemitério. Gilmar estava na entrada com uma senhora que, depois vim a saber, era sua esposa. Muita gente ganha a vida assim, explicou Sulamita. Vendem tudo, objetos, vasos e até as placas de bronze dos túmulos.

Enquanto seguíamos o casal na escuridão, um cheiro podre entrava pela janela do carro.

E se eles abrirem a boca?

Não há como, ela falou, se meter num plano desses, sem deixar carne no arame farpado. Temos que arriscar.

Você confia?

Estamos pagando bem, ela disse. É nisso que confio. No dinheiro.

Quando chegamos na parte mais periférica do cemitério, Gilmar fez sinal para que estacionássemos.

Ao saltar do carro, logo vi um caixão modesto colocado ao lado de uma sepultura simples.

Como vamos levá-lo?, perguntei.

Pegue a lona no carro, respondeu Sulamita.

Fiquei de costas, enquanto o casal abria o caixão, apenas ouvindo as orientações de Sulamita para que embrulhassem o corpo e o colocassem na caçamba.

Havíamos trazido um plástico preto para fechar a carroceria.

Entrei no carro quando tudo estava pronto e esperei que Sulamita pagasse o casal.

Eram onze e vinte, quando saímos do cemitério.

Já rodávamos há mais de meia hora na estrada de terra, sem encontrar alma viva. Sulamita conhecia bem o caminho, na próxima entrada, ela falou, você estaciona perto da cerca. É uma velha fazenda abandonada, explicou. Nunca tem ninguém por estas bandas.

Minha cabeça rodopiava por causa da bebida.

Estacionamos, e quando desliguei os faróis, foi como se a noite despencasse sobre nossa cabeça. Eu sequer conseguia enxergar minhas próprias mãos.

Acendi os faróis, bebi mais um pouco de vodca e saltamos, levando conosco os materiais que trouxéramos no banco detrás da camionete.

Depois, acendi as lanternas e Sulamita me entregou a capa, os óculos, as botas e luvas para que me preparasse. Enquanto ela se vestia, contou-me de uma doença provocada por vermes necrófagos que causava cegueira. Cuidado, ela disse.

Tiramos o corpo da caçamba e o colocamos no chão.

Havíamos combinado que eu abriria a cova enquanto ela prepararia o cadáver. Mas, por conta da escuridão, ela achou melhor que fizéssemos tudo junto. Você tem que iluminá-lo, ela falou.

Sulamita estava de joelhos, na frente do carro, aproveitando-se da luz dos faróis. Aproximei-me com as lanternas e só então vi o corpo. Não se podia reconhecer nada, havia uma espécie de massa amanteigada, uma gosma cobrindo o esqueleto. Todos os pelos do meu corpo se eriçaram de pavor.

Senti ânsia e bebi mais vodca. Sulamita também bebeu.

Partes da roupa ainda estavam no corpo, apodrecidas.

Com uma tesoura, Sulamita foi retirando os restos de tecido e colocando-os num saco de lixo. Fez um exame minucioso para ver se não havia nenhum objeto identificador.

Depois, cavei um buraco profundo, e, com cuidado, colocamos o cadáver lá dentro, retirando, na sequência, a lona preta que usamos para transportá-lo.

Quando pensei que o pior já havia sido feito, Sulamita pediu que eu iluminasse a cova. Com o martelo, ela quebrou a arcada dentária e as pernas do defunto em vários locais. Eles não vão conseguir fazer reconhecimento da arcada. Já fiz perícia em piloto acidentado, ela disse. Eles se quebram todo. Ela ainda usou o maçarico e chamoscou as pernas do esqueleto.

Depois, fechamos a cova, pegamos a lona, os sacos plásticos e fizemos uma fogueira.

Os óculos, a enxada e todos os outros objetos, jogamos no rio, dentro de um saco de lixo com pedras pesadas.

Às três da manhã, estávamos chegando na minha casa.

Fomos direto para o chuveiro, ligamos a ducha e ficamos quietos, sentindo a água cair, abraçados.

No domingo, quando Sulamita se levantou, eu já havia colocado as roupas que usáramos na noite

anterior dentro de um saco de lixo. Vamos sair, eu disse.

Tomamos café na padaria da esquina e depois pegamos a Estrada Velha. Antes de deixar a cidade, paramos numa lixeira e jogamos nossas roupas.

Passamos a manhã nadando na mesma gruta que a gente sempre ia juntos. Praticamente não conversávamos.

Sulamita me disse várias vezes que me amava.

Ficamos ao sol, secando nossos corpos. Eu me sentia tão cansado que às vezes fechava os olhos e dormia.

Numa das vezes, acordei com Sulamita me olhando.

Ela me perguntou se um dia a gente iria esquecer o que havíamos feito.

Suspirei.

O meu medo, ela falou, é que a gente carregue esse cadáver para o resto da nossa vida.

Alguma coisa vamos ter que carregar, pensei. Mas não falei nada. Fechei os olhos e continuei sentindo o sol sobre o meu corpo.

Quando cheguei no trabalho, na segunda, Dalva já sabia de tudo. Não demonstrou nenhum embaraço ao confessar que tinha ouvido a conversa dos patrões atrás da porta. Você sabe, ela falou, enquanto me servia um café fresco, estou nessa casa há mais de vinte anos. Criei esse menino. Tenho o direito de saber o que está acontecendo.

Ofegante, puxou um banco e sentou-se na minha frente.

Lembra um maluco que tempos atrás ligava para cá dizendo que o Júnior estava morto? Ele continua ligando, ela disse.

Senti meu coração disparar. Calma, câmbio. Eles não sabem nada, câmbio. Lembrei o que Sulamita dissera sobre sua profissão, depois que enterramos o corpo. Talvez agora você entenda, ela disse, a vergonha que eu sinto por trabalhar no necrotério. As pessoas ficam com nojo de mim. Evitam até me cumprimentar como se eu pudesse contaminá-las. E o pior é que eu mesma me sinto contaminada.

Enquanto Dalva me contava sobre os telefonemas misteriosos que os Beraba vinham recebendo havia alguns dias, eu também me sentia infectado.

Você acha que é possível sequestrar um corpo?, perguntou Dalva. Pelo que entendi, sequestraram o corpo do Júnior. Não sabia que eles agora sequestram cadáveres. Essa é nova para mim. Como é que podem sequestrar um cadáver?

Dalva estava confusa, era como se me dissesse, ok, tudo bem, eu entendo que os bandidos matem, estuprem, que roubem, sequestrem, que peçam resgate, entendo que difamem e queimem, que detonem as torres gêmeas, mas roubar cadáveres? Não se roubam cadáveres, é o que ela queria dizer. Cadáveres existem para serem enterrados em cemitérios.

Na verdade, câmbio, eu não escutava mais o que dizia Dalva, apenas encarava seu rosto aparvalhado e repetia para mim mesmo que, ao menos, não havíamos matado ninguém. Não somos assassinos, eu repetia mentalmente, e, quando voltei a prestar atenção em Dalva, confirmei minhas previsões: seu José queria chamar a polícia, e dona Lu era contra. Os dois não param de discutir, disse Dalva.

Contou ainda que dona Lu estava usando o relógio do Júnior. Sabe, ela disse, eu acho que o seu José é que está com a razão. Deviam avisar a polícia. Se eu pego um safado desse, nem sei o que sou capaz de fazer. Para mim, ela falou, alguém que faz algo deste tipo devia morrer em cadeira elétrica. É mesmo uma pena que o Brasil não tenha pena de morte.

Depois do café, fiquei pior. Senti náuseas e fui para o banheiro vomitar. Eu acordara me sentindo doente naquela manhã, mas Sulamita insistira para que eu não mudasse minha rotina. Nesse momento, ela disse, qualquer anormalidade é suspeita.

Vomitei mais duas vezes e não deixei que ninguém percebesse nada. Aparentemente, eu estava calmo.

A toda hora, Dalva me procurava na garagem com perguntas insólitas. Como os bandidos pegaram o

corpo do Júnior? Eles estavam no avião? Ou encontraram o Júnior morto depois do acidente? E onde guardavam o corpo? Numa geladeira? Por que não sequestraram o Júnior vivo? Júnior vivo devia valer muito mais dinheiro do que Júnior morto, ela disse.

Teve um momento em que as perguntas ficaram mais quentes. Não é a sua namorada, ela disse, que trabalha no necrotério? O que ela faz exatamente? Dá para saber, olhando para um cadáver, se é mesmo o do Júnior? Ou se é de outra pessoa? Tem exames para isso?

Era tão óbvio, pensei, claro que eles fariam aquela associação. Você vai ser pego, câmbio. Liguei para Sulamita diversas vezes, calma, ela me dizia, não ponha tudo a perder. Você só tem que ter calma, só isso. Ninguém sabe nada. Não foi isso que a Dalva falou?

Depois do almoço, seu José me chamou no escritório.

Quando entrei, ele estava ao telefone falando com algum funcionário de sua fazenda e fez sinal para que eu esperasse.

Observei os hibiscos murchos do lado de fora da janela. Nem bem brotavam e já morriam. Assim era a vida em Corumbá.

Dalva me contou que sua noiva trabalha na polícia, ele disse, ao desligar o aparelho.

Confirmei a informação. E, num ímpeto, perguntei se havia algo em que podíamos ajudar.

Ele ficou me olhando, pensando na melhor maneira de me dizer o que tinha para ser dito.

E, então, dona Lu entrou no escritório. É impressionante o que a dor pode fazer com as pessoas. No rosto é que o estrago é maior. Enquanto eu olhava aquela mulher aos pedaços, o som de Sulamita quebrando os ossos do cadáver, um barulho seco, quase um estampido, crepitou nos meus ouvidos.

Lu, disse o fazendeiro, a noiva dele trabalha na polícia.

Eu sei, ela falou.

Olhou para o marido e depois para mim, aflita, como se temesse mais uma notícia ruim. Depois, do seu jeito gentil, pediu para que eu os deixasse a sós.

Os dois falavam alto, não pude evitar. Estaquei no meio da sala, fiquei ali, pregado, ouvindo o que diziam. Dalva entrou com a bandeja de café e parou ao meu lado. Escute o que vou dizer, falava dona Lu, eu quero o meu filho. Tenho direito de enterrar o meu filho, ela falava. Vou enterrar o meu filho nem que seja a última coisa que faça nesta vida. E você não vai me impedir. Repetia isso várias vezes entre soluços. E chorava. Implorava para que o marido a ouvisse. Que não tomasse nenhuma atitude. Que não avisasse a polícia. Que não pedisse ajuda a ninguém. Nem para mim. Porque nada do que fosse feito, por mais bem-feito que fosse, traria o Júnior de volta. Ainda que a polícia descobrisse quem era o doente mental capaz de chantageá-los, ainda assim, Júnior continuaria morto. E que ela preferia morrer a não enterrar seu próprio filho.

Depois disso, só ouvimos seu choro, que não eram mais soluços nem gemidos, mas apenas a frase “quero o meu filho”, entoada como uma reza ou um mantra.

Notei que Dalva também estava chorando. Eu mesmo sentia um nó na garganta. Levei-a até a cozinha e fui mais uma vez vomitar no banheiro. Fora horrível presenciar aquela cena, por outro lado fiquei mais seguro. Eles não vão avisar a polícia, pensei.

Naquele dia, fui à farmácia cinco vezes, sempre para comprar medicamentos para dona Lu. O médico veio visitá-la e passou a tarde na casa.

Às seis horas, encontrei Sulamita na saída do necrotério. Conteí a ela o que se passou, em detalhes. Tem certeza de que isso foi tudo?, ela perguntou.

Tenho, eu disse.

Ele não pediu mais informações sobre meu trabalho?

Não, nem eu falei. Não deu tempo. Dona Lu interrompeu nossa conversa. Mas Dalva fez perguntas. Talvez Dalva desconfie, não sei. Ela também quis saber sobre minha vida em São Paulo. Mas pode não ser nada.

Estávamos dentro do carro, e fazia um calor que me deixava atordoado.

E ele? Seu José? Você acha que ele desconfia de você?, perguntou Sulamita.

Já mudei de ideia várias vezes durante o dia, respondi. Já achei que sim e que não. Às vezes, acho que é tudo tão óbvio. Você, o necrotério. Por outro lado, sei como são essas coisas. Quando você está metido nisso, sofrendo, não consegue ter um quadro geral da situação. Quando penso na minha própria mãe, por exemplo, acho que ele iria pedir a minha ajuda. Só isso.

Rico daquele jeito? Por que não pede ajuda ao secretário de segurança?

Porque a dona Lu quer enterrar o filho. Porque a polícia pode atrapalhar. Pode espantar o sequestrador.

Ela não vai avisar a polícia?

Não. Pode apostar.

Já havíamos conversado muito. Sulamita acreditava que o problema poderia surgir mais à frente. Há um momento, ela dizia, em que eles terão que avisar a polícia. Quando receberem o corpo. Terão que fazer o teste de DNA para o sepultamento. É um procedimento normal. A polícia vai fazer perguntas.

No entanto, Sulamita conhecia o funcionário de um laboratório de Brasília, onde eram feitos todos os testes da região, e achava que poderíamos convencê-lo a nos ajudar.

Como?, perguntei.

Ele ganha seiscentos reais, ela disse. Você convence um cara que ganha seiscentos reais a fazer qualquer coisa. É só pagar.

Agora, ela disse, o importante é usarmos a estratégia do silêncio. Vamos deixá-los apavorados. Vamos sumir por uns tempos. Não temos nenhuma arma mais letal que esta, o silêncio.

O problema, quando se comete um crime como este, não são os outros. Muito menos a realidade. As evidências. O problema é você mesmo. O escorregão que você pode dar na hora que lhe fazem uma pergunta. Os atos falhos. Sua reação imprópria num episódio qualquer. Sem falar da vontade que surge, em vários momentos, de confessar. É comum, dizia Sulamita. Culpa, ela disse, é o sentimento que mais traz consequências nefastas nesses momentos. As pessoas simplesmente não dão conta daquele peso extra que passam a carregar. Querem se livrar daquilo para dormir. Na verdade, confissões têm mais a ver com alívio do que com arrependimento. Funciona como um bálsamo. Uma descarga. Depois, as pessoas se arrependem por terem confessado, mas aí é tarde demais.

Nossas conversas, na cama, eram sempre sobre assuntos do gênero. Como deveríamos nos comportar nesta e naquela situação. Controle é a palavra, dizia Sulamita. Controle permanente.

Eu tinha recaídas, mas no geral até que me saí bem. Não interessava o que Dalva perguntava nem o que acontecia na casa. Mantive-me firme, até decidirmos que chegara o momento.

Numa segunda-feira, por volta das vinte e uma horas, saímos de casa e fomos até a praça do bairro, levando o celular do Júnior.

A primeira ligação foi tensa. Eles queriam saber como o telefone do filho ainda funcionava. Você não disse que recolheu meu filho na água? Estavam muito nervosos, e eu tirei vantagem disso. Falei que eles tinham provas suficientes, que o próprio fato de eu estar falando daquele número era mais uma prova, e que queríamos duzentos mil dólares para entregar o cadáver.

Não tenho essa quantia, afirmou José Beraba. E nem sei ao certo se você está falando a verdade.

Em menos de duas horas, liguei mais duas vezes. Ameacei, disse que, se avisassem a polícia, nunca saberiam como encontrar o rapaz.

Depois, enquanto tomávamos sorvete na praça, repassei todos os diálogos para Sulamita.

Esses ricos são foda, até nessas horas eles querem negociar.

A noite estava abafada, e na volta para casa decidimos comprar uma garrafa de vodca. Sulamita comprou também chocolates, amendoim e batata frita.

O resto da noite ficamos em casa, assistindo a um filme de ficção científica, sem som. Às vezes, entorpecido pela vodca, eu conseguia cochilar. E acordava logo em seguida, num sobressalto, com o barulho de um estalo, uma espécie de chicotada no meu sono.

Quando as chicotadas cessaram, dormi pesado e sonhei com Rita. Eu tinha um saco de explicações para dar, estava preparado para pedir desculpas, mas Rita só queria saber de me mostrar a maldita radiografia, está vendo o ponto preto?, ela perguntava. Eu não conseguia ver nada. É o nosso filho, ela dizia. E, de repente, estávamos fodendo como dois cachorros, no cemitério onde eu e Sulamita havíamos comprado o cadáver. Pode gozar dentro de mim, ela dizia.

Acordei com meu próprio orgasmo, me sentindo péssimo. Sulamita não estava na cama.

Quando entrei no banheiro, encontrei-a embaixo do chuveiro, não preguei os olhos, ela disse. Notei que havia chorado.

Tirei a roupa, entrei no boxe, e começamos a nos beijar. Ela lambeu meu pescoço, continuou a me beijar, e eu pensei que não teria forças para foder naquele momento.

O gozo veio lento, pálido, como se fosse um eco.

De manhã, quando saíamos para o trabalho, ouvi os berros de Eliana. Eu andava irritado com a viúva, sabia exatamente o que se passava dentro daquela biboca.

Pedi para Sulamita me esperar no carro.

Quando entrei na cozinha de Eliana, encontrei Serafina sentada perto da mesa de fórmica, com um dos netos protegendo-a da fúria da mãe.

Chamei Eliana para conversar na calçada.

Nem a deixei falar. Está vendo a Sulamita?, perguntei, apontando para a minha camionete. Ela está cismada com você. Mandou avisar o seguinte: se você encostar o dedo na Serafina mais uma vez, ela vem aqui e te prende, você está entendendo? Sabe qual a pena para quem maltrata índios? É crime inafiançável, estou avisando. É pior que traficar drogas ou aves raras, ouviu?

Ela ficou me olhando, sem saber o que dizer.

Sulamita acenou do carro para nós dois.

Quando dei partida, Sulamita perguntou se havia algum problema.

Nenhum, eu falei.

Vamos ao banco, disse Beraba, logo que entrou no carro.

Começamos bem o dia, pensei enquanto aguardava no carro. Alguns minutos depois, ele voltou acompanhado do gerente, que trazia uma valise preta, dessas que se veem no cinema, para transporte de dinheiro.

Às quatro horas, dona Lu pediu que eu fosse com ela até a igreja. Parecia mais disposta que o marido, contou que estava recebendo uma graça e queria agradecer. Notei que ela queria conversar, mas eu só conseguia responder sim e não, não me ocorria nada que resultasse em conversa. Na volta, ela permaneceu de olhos fechados, tendo nas mãos um rosário. Notei que não parava de rezar.

Meu estômago ainda não estava muito bom e, conforme o dia avançava, eu ficava mais e mais enjoado. Tive o cuidado, no entanto, de manter a compostura.

À noite, fiz o que combinara com Sulamita.

Às sete horas, telefonei e falei com José Beraba. Concordei em reduzir o resgate para o valor que ele propunha: cento e sessenta mil dólares.

No banheiro masculino do aeroporto, eu disse, embaixo da pia, você vai encontrar as orientações. Vá sozinho. E desliguei.

Depois disso, fui me encontrar com Sulamita na delegacia.

Ela havia comprado uma torta de morango e fora visitar os velhos amigos.

Ficamos noivos, ela disse, quando cheguei.

Recebemos os cumprimentos. A equipe inteira estava lá, e não notamos nada especial.

Mais tarde, Sulamita convidou Joel para jantar conosco. Dudu, o puxa-saco de Caleiro, com sua cara de weimaraner velho, também foi junto.

Foi um encontro cheio de histórias que eu já tinha ouvido, e que eles adoravam contar de novo, como a do dia em que Sulamita estapeara um rapaz que estava depondo, um estuprador, ele estava tirando um sarro da nossa cara, ela disse. O desgraçado falava e ria, continuou Sulamita, como se fosse engraçado estuprar menininhas pobres. Bem na hora que ele ia confessar, completou Joel, essa doida sai do computador e o esbofeteia. O delegado queria matar a Sulamita, dizia Joel, gargalhando.

Na volta para casa, Sulamita me disse que os Beraba estavam cumprindo a parte deles no trato. A polícia não sabe nada, ela disse. Você viu com seus próprios olhos.

Caminho livre, câmbio.

Sete horas da manhã.

Na padaria, pedimos café e pão com manteiga.

As chances de você sair impune de um roubo são de quase cem por cento, disse Sulamita. E se você matar alguém, só há quinze por cento de possibilidade de ser descoberto. Essas são as estatísticas de uma pesquisa feita no Rio de Janeiro, ela continuou, mostrando-me o jornal.

Eu estava nervoso, e Sulamita tentava me acalmar. Mas ela estava pior do que eu, e eu também tinha que tranquilizá-la.

Se no Rio de Janeiro é assim, afirmei, no resto do Brasil é bem pior. Corumbá nem é Brasil, estamos praticamente na Bolívia. Fale baixo, ela disse. O problema, continuou Sulamita, é que não estamos apenas roubando. Mas não matamos, argumentei, não matamos ninguém. Fale baixo, ela disse. A questão, continuou Sulamita, sem ouvir meus argumentos, é que estamos vendendo um cadáver falso para uma das famílias mais ricas de Corumbá.

O resgate era a parte suscetível do nosso planejamento. Sulamita definira os detalhes, sempre pensando na possibilidade de a polícia ser acionada. Eu sou policial, dissera várias vezes. Aliás, depois que começara a trabalhar com cadáveres, ela fazia questão de repetir essa informação como se não tivesse nada a ver com o necrotério e aqueles cadáveres.

Talvez por estar o tempo todo ao lado de dona Lu, eu tinha certeza de que os Beraba não pediriam ajuda. Eles queriam o corpo, queriam fazer o enterro, rezar uma missa e, depois, visitar o túmulo com regularidade.

Quem não passou por isso, expliquei para Sulamita mais de cem vezes, não entende. Você não faz a mínima ideia do que é uma morte sem corpo. Claro que faço, ela disse, é como um crime sem corpo: não existe. É mais, eu falei, é como estar no purgatório. Há dias em que você aceita que aquela pessoa morreu. Então você chora e reza. Em outros, você ouve um barulho na porta e tem certeza de que ela está voltando. Você corre para a sala e não há ninguém ali. E se o telefone toca no meio da noite, você sai correndo, cheio de esperança. E você nunca para de sofrer. Nem de acreditar. A vida não interessa muito, mas você também não pode morrer completamente, porque há sempre a possibilidade da porta se abrir ou o telefone tocar. E você quer estar ali quando isso acontecer.

Depois de dezessete telefonemas recheados de ameaças, chegara o momento do resgate, e sabíamos disso. Mal conseguíamos dormir naquela noite.

No dia anterior, eu havia telefonado para José Beraba exigindo que o carro de placa 3422 fosse alugado na locadora Panorama. Sulamita não queria que José Beraba usasse os veículos luxuosos e chamativos da família na operação, e tivemos o cuidado de verificar o número das placas dos carros disponíveis no pátio da locadora.

Sulamita continuava a se aprofundar nas questões que ela chamava de “técnicas”. Agora, enquanto me expunha suas ideias e teorias, falava “eu” e “você”. Eu mesmo fazia isso, pensei. No início, havia um certo pudor da nossa parte, não falávamos de forma tão pessoal, não existia “eu” nem “você”, mas um pescador. Um pescador que encontrara o cadáver. Um pescador que ligava para os Beraba durante a madrugada. E fazia ameaças. Agora, pensei, nós éramos aquele pescador.

Antes de nos despedirmos na padaria, Sulamita me disse que, no final do dia, traria o carro da tia dela para a operação. É melhor você ficar com ele. E eu vou de táxi, ela falou.

Caminhei com ela até o ponto de ônibus.

Eu te amo, ela falou.

Nessas situações, eu sempre me sentia obrigado a dizer “eu também”. E sempre lembrava de Rita. “Eu também”, dizia Rita, é coisa de quem não sente nada.

Olha o seu ônibus, falei para Sulamita.

Você me ama?

Amo, eu disse.

Então fala direito.

Já falei.

Fala: Sulamita, eu te amo.

Sulamita, eu te amo.

Ela entrou no ônibus e ficou me acenando, da janela, sorrindo, eu me sentindo um canalha.

Voltei para casa para pegar o carro, e antes de ir ao trabalho, passei na Eliana.

Fale com sua índia, ela disse, quando lhe entreguei o dinheiro para as compras. Essa maluca agora não quer comer, fica aí, com essa cara de tonta, e eu já tenho duas crianças para cuidar.

Serafina estava triste, no canto da cozinha, sentadinha na cadeira, as mãos feias e grossas entrelaçadas no colo. Senti um carinho enorme por ela. Ajoelhei-me ao seu lado e pedi um pouco mais de paciência. Só mais uns dias e te levo embora daqui, eu falei. Você vai morar comigo e com Sulamita.

Ela sorriu, acho que foi a primeira vez que vi Serafina sorrir.

Não havia muitos dentes na sua boca.

O dia foi longo. Quente. Só o que eu percebia era uma tensão muda, que deixava meus músculos em frangalhos. Fiquei o tempo todo sozinho na garagem. Não me pediram nada, não fiz absolutamente nada, além de tomar café com Dalva e conversar com o piscineiro.

Em alguns momentos, eu tinha absoluta certeza de que deveria desistir de nosso plano. Pensava na dona Lu, no quanto ela vinha sofrendo, e em como aquilo tudo era parecido com a situação que minha própria mãe vivera. As alternativas eram complicadas, eu pensava. Matar Ramirez e Juan, fugir ao encontro de Rita, arranjar documentos falsos. Eu dizia para os meus botões, caia fora, câmbio. Mas já era tarde. Meu rádio clandestino estava fora do ar. Desligo, câmbio. Não havia mais ninguém dentro de mim. Eu mandava, eu decidia. Só eu.

Às oito da noite, Sulamita estava de campana na rodoviária.

Meia hora antes, em casa, havíamos repassado todo o plano exaustivamente, mas ainda assim ela continuava a me fazer as mesmas perguntas.

Você está seguro?, perguntou ao telefone.

Estou, eu disse.

Só fale o necessário. E mude a voz. Em todos os contatos, fale como se estivesse rouco. Faça exatamente o que combinamos. Vou monitorar a delegacia pelo telefone.

Você já me disse tudo isso.

O celular do Júnior tem bastante carga?

Carga total.

Eu te amo, ela falou.

Eu também.

Não interessa o que acontecer, estamos juntos.

Tudo bem, eu disse. Deixa eu desligar.

Às oito e dez, liguei para José Beraba, pedi que fosse desacompanhado até a estação rodoviária e procurasse o telefone público próximo às cabines de venda de passagens. Vá com carro alugado, eu disse. Há um envelope colado embaixo do primeiro telefone, é só seguir a orientação.

Sulamita me ligou às oito e quarenta e cinco. Está limpo, ela falou, José Beraba está sozinho. Estou tomando um táxi para o posto.

No envelope, a instrução era para que José Beraba se dirigisse ao supermercado Krispan e procurasse um papel vermelho, embaixo da lixeira do lado direito da entrada.

Eu mesmo aguardava no estacionamento do supermercado, dentro do carro da tia da Sulamita, um fusca antigo, cujos vidros fumê evitavam que eu fosse visto do lado de fora.

Embaixo da lixeira, colocamos a seguinte orientação:

“Pegue a estrada 26A até o quilômetro 34. Aguarde telefonema.”

Estabelecemos uma espécie de gincana, e Sulamita me disse que era dessa forma que os sequestradores agiam. Você tem que deixar a vítima atordoada, ela falou, e, ao mesmo tempo, checar como se comporta nas diferentes etapas. Se tiver a ajuda da polícia, vamos perceber.

Pelo telefone, Sulamita, que já estava no posto de gasolina na entrada da rodovia 26A, me avisou quando viu o carro alugado de Beraba passar em direção ao quilômetro 34.

Dez minutos depois, cheguei ao posto. Sulamita entrou no carro ofegante, estacione ali atrás, ela disse, apontando uma área mais protegida.

Na sequência, ela telefonou para Joel, na delegacia, com a desculpa de que queria o telefone de um amigo em comum. Doçura, ele disse, o que você me pede sorrindo que eu não te faço chorando? Não me enrola, Tranqueira, passa logo a informação. Antes de desligar, ela ainda pediu para falar com Dudu.

A equipe está toda lá, na cervejada de sexta-feira, ela falou ao desligar o aparelho.

Esperamos alguns minutos e então telefonei mais uma vez para o celular de José Beraba. Mandei ele caminhar até o terceiro poste da estrada, do seu lado esquerdo, onde haveria um envelope com mais orientações, embaixo de uma pedra retangular.

Sulamita, pensando sempre nas perícias, preparara todos os bilhetes naquela tarde. No último escrevera: “Entre na estrada vicinal, no quilômetro 42. Estacione o carro. Caminhe quatrocentos metros, em direção ao Riacho Verde, e aguarde com os faróis apagados.”

Fomos em direção à estrada vicinal, por um atalho que saía da mesma fazenda abandonada onde enterráramos o nosso cadáver. Através do atalho, era possível alcançar o Riacho Verde pelo lado oposto ao de quem seguia pela 26A. Enfiamos o carro atrás de um bosque e esperamos um pouco, olhando a estrada, que ficava num plano mais baixo que nós. Dali, poderíamos ver a aproximação de qualquer veículo.

Minutos mais tarde, vimos um carro entrar na estrada vicinal e apagar os faróis. Telefonei novamente para José Beraba.

Já estou aqui, ele disse. Está muito escuro, não vejo nada.

Ande trezentos metros, você vai encontrar uma encruzilhada. Aguarde dentro do carro, avisei. Com as luzes apagadas.

Vesti a máscara e me despedi de Sulamita. Espere até eu ligar o farol, eu falei, antes de começar minha caminhada.

Eu já havia feito o mesmo trajeto três vezes com Sulamita, mas, à noite, a história era bem diferente. Caminhava atento, com medo de me machucar. A escuridão, no entanto, era nossa garantia. Qualquer carro que se aproximasse, abortaríamos a operação. Demorei mais de dez minutos para chegar à encruzilhada.

José Beraba estava dentro do carro. Só então liguei a lanterna, fazendo um sinal. Eu mantinha o foco de luz no rosto do fazendeiro, cegando-o. Assim que ele saiu do carro, perguntei onde estava o dinheiro.

Dentro da valise, no banco ao lado do piloto, ele falou.

Desliguei a lanterna, fui até o carro, abri e fechei a porta duas vezes como se houvesse mais gente

comigo.

Não avise a polícia, falei. Mantenha seu telefone ligado.

E meu filho?, ele perguntou.

Você vai receber instruções.

Falei ainda que ele devia seguir andando até sair na estrada principal. É uma hora de caminhada, avisei.

Liguei o farol e arranquei a toda velocidade.

Era como se eu não tivesse mais pernas nem braços, rodas, volante, cabeça, ideias, nada, apenas meu coração batendo descontrolado. Lembrei do CD que recebera de Rita havia dois dias. Como sempre, sem remetente. Nele, uma imagem do ultrassom em que se via o tal ponto preto, mas agora com áudio. Tum tum tum, o bichinho pulsava. Fiquei meia hora numa lan house do centro, ouvindo aquelas batidas. Agora, dirigindo na escuridão, me sentia como aquele ponto preto, um coração no escuro, só isso. Pulsando.

No local combinado, Sulamita me esperava dentro do fusca. Estacionei ao seu lado, embaixo de uma árvore. Não havia nenhum movimento, ninguém. Está tudo tranquilo, ela disse, aproximando-se da minha janela. Abri a maleta, usando luvas, e transferi todo o dinheiro para um saco de lixo que Sulamita me trouxera. Depois, deixei a valise dentro do carro da Panorama e coloquei a chave em cima de um dos pneus como fazem os manobristas de estacionamento.

Sulamita passou uma flanela no painel e fechaduras para limpar minhas digitais.

No caminho de casa, usando o celular de Júnior, liguei mais uma vez para José Beraba e expliquei onde ele deveria buscar o carro que alugara e o local onde eu deixara a chave do contato.

Se você continuar cooperando, falei, logo terá o seu filho de volta.

Chegamos em casa às dez e vinte.

Sulamita despejou o dinheiro na cama e começou a dizer puta merda. Puta merda, ela repetia, enquanto andava ao redor da cama.

Puta merda. Nem eu mesmo acreditava.

Bom-dia, Pantaneiro, disse Sulamita quando acordamos no sábado. Agora que somos quase ricos, ela falou, só o que quero é um pouco de paz.

Depois de devolver o carro para a tia de Sulamita, fomos até a feira, de shorts e sandálias de dedo, com uma lista de compras que sua mãe passara pelo telefone.

Meu sogro havia colocado cerveja na geladeira, e passamos o sábado em volta da churrasqueira.

Nunca vi você beber tanto, disse o velho para Sulamita.

Regina ficava feliz nessas ocasiões, gritava e se debatia como se fosse um bicho engaiolado. Às vezes, seus berros me deixavam perturbado, acalme sua irmã, eu pedia para Sulamita.

Por volta das dez da noite, quando estávamos chapados no sofá da sala, em frente à televisão, Sulamita, agarrada ao meu pescoço, disse que queria dançar.

Onde?, perguntei.

Sei lá, em qualquer lugar.

Sempre odiei boates, expliquei isso para Sulamita, você não está entendendo, ela falou. Eu preciso. É mesmo uma necessidade.

Esperei Sulamita tomar banho e se empetecar toda, e fomos para uma discoteca da cidade, um verdadeiro forno, com música tecno que furava meus ouvidos. Ela continuou enchendo a cara e, num determinado momento, sumiu no meio da multidão. Só a encontrei meia hora mais tarde, dançando para ela mesma, de olhos fechados, sem ritmo, ignorando a música. Quando me aproximei, vi que ela estava chorando. Chega, Sulamita, já comemoramos muito, eu disse.

No domingo, acordei com uma dor surda na nuca e a língua seca, áspera, como se tivesse comido terra. Meus olhos ardiam, e eu mal conseguia me sentar na cama. Sulamita, de banho tomado, trouxe uma xícara de café que Serafina havia preparado. Estava de saída para seu plantão no necrotério.

Ligue agora, ela falou, quero ir embora com tudo resolvido.

Ao meio-dia em ponto, telefonei para José Beraba e dei informações detalhadas de onde estava enterrado o corpo de Júnior. Há uma estaca branca, eu disse, de meio metro, indicando o local.

Ele ficou quieto.

Você está me ouvindo?, perguntei.

Estou, ele falou. E não posso acreditar. Você quer que eu desenterre o meu próprio filho, seu merda?

Desliguei o telefone, sem entender.

O que ele queria que fizéssemos?, perguntei para Sulamita. Que entregássemos o cadáver na casa dele? Pelo correio?

Ela suspirou, aflita.

Suma com o celular do Júnior, ela disse. Jogue no rio. Eu estou indo. Preciso estar lá quando tudo

acontecer.

E as coisas aconteceram assim:

José Beraba foi com dona Lu para o local que indicamos. De lá, antes mesmo de abrir a cova, o fazendeiro ligou para Pedro Caleiro e pediu que o delegado fosse encontrá-lo.

Pedro Caleiro, depois de tomar conhecimento do que se tratava, chamou Joel e Dudu e mais a equipe de resgate.

Às cinco horas, o corpo já estava no necrotério, eu mesma o recebi, me contou Sulamita, quando chegou do plantão, às onze da noite.

Estávamos agora na minha cama, um de frente para o outro, de mãos dadas.

O que eles sabem?, perguntei.

Conheço bem Joel e sei que está cismado. Sondei Caleiro e Dudu. Os dois me disseram que a família ainda não esclareceu totalmente a forma como o corpo foi encontrado. O que isso quer dizer?

Se for pela dona Lu, respondi, não vão querer seguir o protocolo.

Engano seu, disse Sulamita. Já está marcada para amanhã a coleta do material genético da família para o exame de identificação do corpo. Tenho que dar um jeito de ser escalada para levar o material para o laboratório em Brasília.

E se não conseguirmos?

Vou de qualquer forma, nem que seja por conta própria, na surdina. Minha impressão, ela continuou, é que José Beraba não está abrindo o jogo. Mas posso estar enganada. Talvez Pedro Caleiro saiba de tudo e queira manter a investigação em sigilo, isso também acontece. Aliás, Pedro Caleiro ficou no necrotério o tempo todo, o que não é comum.

O que vamos fazer?, perguntei.

Até que se colha o material, nada.

E depois?

Tudo continua igual. Nossa sorte continua nas mãos do meu amigo.

Ela estava se referindo ao funcionário que redigia os laudos no laboratório em Brasília, a quem tentaríamos subornar.

E se ele não topar? E se ele nos denunciar? Eu bombardeava Sulamita com perguntas. Mas ela, ao contrário de mim, não parecia preocupada com os exames. O que a deixava cismada de verdade era o comportamento de Joel. Ele veio com um papo estranho, ela disse. Fez algumas perguntas sobre você e o seu trabalho. Falou ainda que passa por dificuldades financeiras. Curioso, não é?

No dia seguinte, Sulamita telefonou logo que chegou no trabalho, por volta das sete da manhã. O que ficou claro, ela disse, é que houve muita movimentação por aqui durante a madrugada. Notei que havia radiografias da dentição do Júnior na bancada da Rosana, o que não vai adiantar nada, eu arrebentei a arcada antes de enterrarmos o corpo. Mas como é que eles tiveram acesso a essas radiografias durante a madrugada de domingo? Os Beraba estão colaborando sim, ao contrário do que imaginávamos. Telefonaram para o dentista. A questão é: que versão eles contaram para a polícia? O que Pedro Caleiro sabe?

Havia ainda outro agravante, segundo Sulamita. Rosana, a legista responsável, não lhe passara nenhuma informação. Sempre conversamos sobre os casos, ela disse, e dessa vez senti uma certa reserva.

Desligamos o telefone depois que prometi sondar o terreno, e principalmente não fazer nenhuma bobagem. Preciso ter certeza, ela falou, que você vai se controlar.

Custei a me levantar, a noite tinha sido infernal. Ficáramos conversando até tarde, numa agonia alucinada, cheia de hipóteses nunca antes consideradas. E se deixamos pegadas no local onde enterramos o cadáver? E se estivermos grampeados? E se alguém nos viu? E se a polícia soubesse de tudo o tempo todo?

Houve um momento em que eu estava tão desesperado que tentei convencer Sulamita a nos entregar. Devolveríamos o dinheiro do resgate e eu denunciaria Ramirez. Isso nos traria alguma vantagem em nosso julgamento. Você mesmo diz que não existe crime perfeito, argumentei. Vão descobrir.

O que sei é que existem investigações malfeitas, ela retrucara. Estou lá dentro e vejo muito trabalho porco. Sei como as coisas funcionam. Existem muitas formas de sabotar uma investigação.

De manhã, Sulamita já havia conseguido me acalmar, dizendo que não havia problema algum se fôssemos suspeitos. Ninguém vai para a cadeia por ser suspeito de um crime, ela dissera. O que eles não podem é conseguir provas.

Eu me sentia exausto, sem muita resistência para enfrentar o que viria pela frente, mas, mesmo assim, segui suas orientações à risca.

Cheguei nos Beraba mais cedo. A piscina estava coberta de folhas, e aquela era uma atividade que me acalmava. Da borda, segurando uma peneira de cabo longo, eu fazia uma limpeza cuidadosa.

Dalva me trouxe um café. Acharam o Júnior, ela falou, confusa. A Sulamita te contou alguma coisa?

Nada, eu disse, batendo a peneira no jardim.

O que ela acha de tudo isso?

Ela estava de plantão ontem, respondi. Não conseguimos conversar.

Dalva ficou me olhando como se não acreditasse.

Você não perguntou nada?

Deixei a peneira de lado e suspirei.

Deve ter uma máquina que eles usam na polícia, disse Dalva, sei lá, um jeito de saber se é mesmo o Júnior. Eu vejo isso nos programas de televisão.

Fui salvo por dona Lu que, da janela do quarto de Júnior, fez um sinal para que eu fosse até lá.

Entreí na casa, agitado, meus pensamentos indo daquele ponto preto, pulsante, dentro da barriga da Rita, para as mãos ágeis de Sulamita quebrando os ossos do cadáver, enquanto eu repetia em silêncio que eles não sabiam de nada, câmbio, eu não matara ninguém, não havia como me pegarem.

No quarto, dona Lu, com um aspecto melhor do que o habitual, perguntou se eu já sabia da novidade, e antes que eu respondesse, escancarou as portas do guarda-roupa embutido, dizendo que decidira doar as roupas do filho para uma instituição de caridade. Escolha o que quiser, ela falou antes de me deixar sozinho. Vocês têm o mesmo tamanho.

Enquanto separava algumas peças, calças, camisas, lembrei que, ao morrer, vinte anos depois do desaparecimento do meu pai, minha mãe mantinha intacto o armário do marido. De fato, pensei, ao experimentar uma camiseta vermelha, de fato a morte do Júnior está acontecendo nesse momento, e fiquei feliz por dona Lu. Na sua expressão, a gente já até notava um certo alívio. Finalmente está livre, pensei.

E foi então que vi através da janela, o delegado Pedro Caleiro cruzar o jardim, acompanhado de Joel e Dudu.

Corri para o banheiro, abri a torneira e joguei água fria no meu rosto, tentando me acalmar. Não é o único teste que faremos, ouvi alguém dizer minutos depois. O banheiro de Júnior ficava colado ao escritório de José Beraba, os dois dando acesso ao jardim frontal da casa. Fechei a porta do quarto e abri a janela do banheiro com cuidado, mas nem assim era possível escutar com clareza o que diziam.

Voltei para o quarto e telefonei para Sulamita.

Dê um jeito de escutar, ela disse. Eu já soube que foi José Beraba quem convocou a reunião aí. Imagino que vão falar sobre os exames. Tente descobrir.

Desliguei o celular, peguei aleatoriamente algumas peças no armário, deixei-as na edícula e fui conversar com o piscineiro, oferecendo-me para ajudá-lo no jardim.

Com a tesoura de cortar grama, aproximei-me da janela do escritório de José Beraba, sem me chegar demais, para não ser indiscreto. Foi pouco o que consegui ouvir, apenas palavras e pedaços de frases. Minha mulher vive à base de calmantes. Aprofundar as investigações. Inconveniente. Funcionários. Outra forma de resolver. Funcionários. Interrogatórios. Dalva. Interesses. Funcionários.

O que me deixou alterado foi ouvir diversas vezes a palavra funcionários. Era sempre Caleiro quem a proferia.

E foi assim, de cócoras, fingindo aparar a grama, que vi as botas do Joel se aproximarem. Você também cuida do jardim?, ele perguntou.

Levantei depressa e senti minha vista escurecer.

Estou ajudando, respondi.

É muito bom ter amigos que ajudam, ele falou.

Não gostei nada do jeito do Joel. Um pouco arrogante, com as mãos na cintura, sem me olhar

diretamente.

É meu trabalho, falei.

E quem está falando de trabalho?, ele perguntou, com um sorriso maléfico nos lábios. Estou falando de amigos. Amigos mesmo. Gente que segura sua barra. Eu mesmo tenho muitos amigos. A Sulamita, por exemplo. Ela é minha amiga. Quer dizer, acho que somos amigos.

E riu.

O que vocês fizeram no fim de semana?

Fomos dançar, eu disse.

Ele me olhava de um jeito desconfiado.

Que história macabra, hein?

Muito, eu disse.

Vamos ter que chamar você para depor, ele falou.

Continuei quieto.

Dalva apareceu no jardim e pediu que eu preparasse o carro para dona Lu. Despedi-me de Joel e fui em direção à garagem, meu coração quase saindo pela boca.

Agência funerária Martins e Filhos.

Urnas, coroa de flores, castiçais, terços, os produtos estavam expostos como se fossem eletrodomésticos. Nem a morte escapa das técnicas do comércio. Tem gente que entra no caixão para experimentá-lo. Tem gente que compra pensando no futuro. Isso era o que me dizia o filho do Martins, enquanto eu aguardava dona Lu, na calçada. Eu queria ficar sozinho, ligar para Sulamita, saber que diabo estava acontecendo, mas o rapaz não parava de falar, e quando finalmente ele percebeu que eu não estava a fim de papo-furado, dona Lu me fez um sinal para que eu fosse ajudá-la.

Você gosta?, ela perguntou, mostrando-me um ataúde escuro e excessivamente ornamentado.

Prefiro este, respondi.

É mais discreto, ela falou. Você tem razão.

Depois, fomos para a igreja, onde ela tinha um encontro com o padre Alfredo para falar sobre o velório e a missa. Entre comigo, ela falou, quando estacionei, posso precisar da sua ajuda.

Embora seu comportamento não indicasse que desconfiavam de mim, eu não conseguia me acalmar. O que Joel quisera insinuar com aquele papo de amigos? O que ele sabia?

De volta para casa dos Beraba, só esperei dona Lu descer do carro para telefonar para Sulamita.

Não tem ninguém aqui, disse a telefonista. Foram todos convocados para uma reunião de emergência na delegacia.

Sabem o que vou fazer com esta bosta? Sabem?

Eu estava na janela, descontrolado, uma faca numa mão e a bola da pelada na outra. Os meninos, da rua, me olhavam assustados. Cheio de fúria, esfaqueei o brinquedo em diversos lugares e joguei o bagaço de couro murcho de volta no asfalto.

Poxa, disse um dos indiozinhos, era de futebol profissional. O Alceu que comprou para gente.

Passava das oito horas da noite, e os pirralhos haviam acabado de quebrar minha vidraça. Geralmente, eu era paciente com os guatozinhos. Naquela noite, no entanto, meus nervos estavam estropiados. Depois do meu esporro, a algazarra cessou, mas ainda se ouviam uns miados de tristeza enquanto eu tentava descobrir o que acontecera com Sulamita. Havia telefonado mais de vinte vezes para o necrotério, e ela ainda não retornara da tal reunião. Que porra de reunião era aquela? O que estava acontecendo? Por que ela desligara o celular?

Caminhei pelo quarto, em círculos, com a sensação de que uma desgraça estava prestes a acontecer. Os pivetes me chamaram para conversar na janela. Putz, diziam. Diziam, desculpe a gente. Putz. Diziam, caramba. Acabei dando dinheiro para que comprassem outra bola, mas joguem longe daqui, eu falei.

Pouco tempo depois, Sulamita me telefonou, venha para a delegacia, ela falou. Nem dá para dizer que foi medo o que senti durante o trajeto. Parecia mais uma pane, um colapso, eu transpirava, tremia, meu coração batia acelerado, talvez, pensei, eu vá ter um enfarto. O repórter no rádio disse: São Paulo continua alagada. Imaginei os pobres com água até a cintura. Móveis boiando nas avenidas. Geladeira, televisão. Alguns vão perder tudo, é verdade. O repórter disse: três muçulmanas são chicoteadas na Malásia por adultério. Imaginei os vergões na pele. O repórter disse: CCJ aprova pedido de impeachment do governador. Até aqui tudo bem, eu pensei. Não estou em São Paulo. Não sou muçulmano. Nem governador.

Quando estacionei, Joel estava na porta da delegacia.

Veio se entregar?, ele perguntou.

Ocorreu-me, naquele momento, que Sulamita estava me traindo. E então Joel soltou uma gargalhada. Cara sortudo, ele disse.

Não sei quanto tempo aguardei na camionete, mas Joel, fumando na calçada, não tirou os olhos de mim um segundo sequer. Quando Sulamita entrou no carro, arranquei bruscamente e, mal dobrei a esquina, comecei a gritar, porra, como você faz isso comigo? Onde você se meteu? Que porra está acontecendo? Eu berrava, esmurrando o painel com força.

Arquivaram o caso, ela disse, tirando da bolsa um maço de notas que acabara de receber do delegado.

Lívido, estacionei o carro na praça Central para escutar o resto da história. Fiquei sabendo que a

investigação havia sido abortada no início da tarde, disse Sulamita. Eu já tinha até telefonado para o meu amigo em Brasília, minha sorte é que não adiantei o assunto.

Sulamita contou ainda que fora Dudu quem lhe convocara para a reunião na delegacia. Caleiro estava presente, ela falou, fizeram perguntas sobre você, sobre nós dois, e blá-blá-blá. Falavam, falavam, e não diziam nada. Então eu perguntei quando teríamos o material da família para o exame em Brasília. Aí os dois se enrolaram mais ainda. Disseram que precisávamos respeitar o sofrimento da família e blá-blá-blá, e finalmente entendi por que tinham me chamado ali. O próprio Beraba não quer que o teste de identificação do corpo seja feito. Para preservar a mulher.

Não vão fazer o exame?

Os ricos têm suas próprias leis. Caso encerrado. E eu, sendo da equipe, tenho que calar a minha boca. O que eles queriam era saber qual era o meu preço. Começamos uma negociação. Contando assim, pode parecer que éramos comerciantes falando de vendas. Mas a coisa é muito sofisticada. Esses caras sabem como subornar. São muito eficientes e fazem de um jeito que você nem sente que está sendo corrompido. Na verdade, você até acredita que está prestando um favor para eles. Ajudando. Não usamos a palavra dinheiro em nenhum momento. Falamos em gratificação e colaboração. Em facilitação. E vantagens mútuas. É assim que as coisas acontecem neste país.

E Joel?, perguntei.

Logo que cheguei na delegacia, ele me puxou num canto e me perguntou quem eram meus sócios. Assim, do nada. Com cara de quem está brincando. Mas falando sério, sabe? Respondi que meu sócio era um dono de ferro-velho, traficante de cocaína. Você precisava ver a cara dele. Murchou na hora. Entendeu perfeitamente o meu recado.

É isso?, perguntei.

The end, ela respondeu.

Ficamos em silêncio por um momento, de mãos dadas. Me dá um beijo, ela disse, e me leva para casa.

Antes, abri as janelas. Eu precisava de ar.

A maleta foi aberta, e os dólares estavam lá. Sessenta mil.

Juan começou a contá-los, com volúpia. A cena era nojenta. Ele desfolheava os maços de dinheiro, empilhava as notas, com método, sempre lambuzando os dedos com saliva, como se estivesse se refestelando em iguarias.

Ramirez me olhava satisfeito. Seu cabelo, amassado e rebelde, parecia agora um escovão velho e inútil.

Sente-se, ele falou, quer beber alguma coisa, Porco?

Agradei.

Coisa curiosa, ele disse, esqueci seu nome.

Pode continuar me chamando de Porco, falei.

Porco, claro. Agora que confiamos um no outro, Porco, podemos ampliar o seu negócio, ele falou.

Sorrimos.

Estávamos na cozinha do seu laboratório em Puerto Suárez. Ramirez disse que Corumbá era rota apenas da cocaína que saía da Bolívia, e que toda a droga da Colômbia entrava no Brasil através do Paraguai. Podemos ampliar seu negócio, ele repetiu, dizendo em seguida que agora eles tinham um parceiro no Paraguai e precisavam de alguém como eu para entrar com a droga no Brasil. Não preciso de mulas, ele disse. Preciso de cérebros. Para você é um grande negócio, ele falou, a extradição do Paraguai é muito complicada. Posso lhe garantir que não há riscos.

Eu não estava nem um pouco interessado no que Ramirez dizia, e ele continuou a falar e eu continuei a ler o jornal que tinha trazido comigo, onde havia uma matéria sobre como o corpo de Júnior fora encontrado. A versão oficial era a de que um agricultor sentira um cheiro estranho nas suas terras e encontrara o cadáver num bosque. A polícia “acreditava” que Júnior saíra machucado do avião e morrera tentando pedir ajuda.

Continuei a ler o jornal, e Ramirez não fechava a boca. A cada dez palavras, uma era Porco. Porco camarada. Amigo Porco. Passei os olhos pelas outras manchetes. “Coberta pela burca, afegã exhibe dedo sujo depois de votar.” Porra. Nunca vi tanta palavra feia junto, pensei. Burca. Dedo sujo.

Está tudo certo, disse Juan, que acabara de contar o dinheiro.

Antes de sair, Ramirez colocou a mão no meu ombro e pediu para eu pensar na sua proposta. Disse também que não fora ele quem matara Moacir. Fiquei sabendo que ele se matou de verdade, ele falou.

É triste, ele falou. A verdade, Porco, é que os bons acabam sempre morrendo.

Agora, eu pensei, enquanto voltava para Corumbá, não tenho mais ninguém no meu cangote. Livre, câmbio.

O velório foi um grande evento. O caixão estava fechado e havia tantas flores que, de fora da igreja, já se podia sentir um aroma adocicado no ar.

A cidade inteira compareceu. A maior parte das pessoas era gente sem nenhuma ligação com a família, curiosos que acompanharam as notícias pela televisão e estavam ali para se divertir. Houve homenagens e choradeira.

Dona Lu recebia os pêsames, e eu pude ver, atrás do seu luto e da sua expressão contida, uma certa paz.

Eu e Sulamita também fomos ao enterro na manhã seguinte.

O dia estava ensolarado.

Notei que o coveiro que fez o sepultamento de Júnior era o mesmo que havia nos vendido o cadáver.

No final da cerimônia, fomos dar os pêsames para dona Lu e seu José.

Muito obrigado, eles disseram.

Sáimos andando pelas alamedas do cemitério, de mãos dadas, sentindo o sol quente sobre nossas roupas escuras.

Na manhã seguinte, quando cheguei para o trabalho, dona Lu estava de camiseta e moletom cuidando do jardim. Vou plantar azaleias, ela disse.

Na cozinha, Dalva não me ofereceu café como de costume. E quando lhe pedi uma xícara, ela me apontou a garrafa térmica, pegue você mesmo, ela falou, estou ocupada.

Algum problema?, perguntei.

Ela sorriu de um jeito esquisito, um pouco cínica, e depois disse que José Beraba estava me esperando no escritório.

Encontrei-o trabalhando, atrás de sua escrivaninha. Não me deu bom-dia, nem sequer levantou os olhos para falar comigo.

Está tudo aqui, ele disse, a sua rescisão, só falta você assinar a papelada. A partir de hoje, você não é mais meu funcionário.

Fiz menção de perguntar algo, e ele me interrompeu: escute bem o que vou dizer. Você vai sair daqui, agora, vai chamar a dona Lu e dizer que pediu demissão. Diga que a partir de hoje não pode mais trabalhar. Diga que vai se casar, que está com câncer ou invente uma mentira qualquer.

Fiquei olhando o cheque da rescisão, paralisado.

Assine aqui, ele falou.

Enquanto eu assinava os recibos, com minha mão tremendo, José Beraba continuou a falar. Eu não conseguia encará-lo.

Se não fosse a minha mulher, ele disse, a santa da minha mulher, se não fosse a saúde dela, juro que tudo teria sido bem diferente. Eu mesmo teria enfiado um balaço nessa sua cara cínica.

Entreguei a papelada.

Saia da minha casa, seu verme. É isso que você é. Um verme.

Ele nem esperou eu sair. Me deixou ali, plantado, ouvindo o barulho de suas botas ecoarem no assoalho.

Epílogo

Um ano depois.

A vaca não parecia bem, e eu estava preocupado. Era presente da dona Lu para o nosso casamento, gado de raça, eu não queria correr riscos.

Traga uma corda, eu disse para meu sogro.

Regina, que viera ao estábulo junto com Serafina para assistir ao parto, gritava, aflita. Leve ela daqui, eu disse para Serafina, não vamos agitar essa vaca mais ainda.

Meu sogro trouxe a corda e amarramos as patas do bezerro, que estavam parcialmente para fora da barriga da mãe. Puxei-as, com cuidado, e aos poucos o bezerro foi saindo, junto com a placenta.

É fêmea, eu disse.

À tarde, depois do almoço, fui para a cidade com uma lista de compras que Sulamita me passou.

No supermercado, encontrei Eliana.

Quanto tempo, ela disse. Eliana estava grávida, casada com Alceu.

Perguntei pelas crianças.

Bem, ela disse. Eu tenho um envelope lá em casa para você. Chegou faz tempo, eu não sabia como te encontrar.

Dei carona para ela e Alceu e, quando chegamos na sua casa, ela me entregou o envelope.

Abri e vi uma foto de Rita, de biquíni, com uma menininha no colo, as duas tomando sorvete na praia.

“Se você quiser conhecer sua filha, nós estamos por aqui. A vida no Rio é maravilhosa, não tem nada a ver com cheiro de bosta de vaca, nem com essa jacuzada de Corumbá.”

Fiquei ali, na calçada, olhando a foto, caramba, Rita, a menina é parecida comigo. Queimei a foto, com o coração apertado. Quem sabe as voltas que o mundo dá?

Quando cheguei no meu sítio, Sulamita estava no jardim, ao lado da Regina e da mãe. Sua barriga estava grande, nosso filho nasceria em dois meses.

Viu as palmeiras que plantei?, perguntou Sulamita mostrando-me as mudas. Ao fundo via-se um campo verde, com pequenos capões, que o antigo proprietário plantara.

O sol se punha e um vento agradável soprava em nossa direção.

Sentei ao lado delas para apreciar a paisagem. Não há lugar mais bonito que o Pantanal, eu disse.

Essas palmeiras são realmente bonitas, disse minha sogra, me oferecendo uma limonada gelada.

Frjshsg. Regina soltou um grunhido.

Ouviram? Ela falou “palmeira”, disse Sulamita. É, querida. Palmeiras, ela repetiu. As palmeiras são lindas.

Agradecimentos

Agradeço a preciosa ajuda de Jane Pacheco Belucci e a Roberta Astolfi pela colaboração na pesquisa. Agradeço ainda ao meu editor Paulo Rocco e à Marianna Teixeira Soares pelo apoio e entusiasmo. Como sempre, agradecimentos especiais ao meu eterno amigo Rubem Fonseca, pela leitura atenta, e ao meu marido John, por estar sempre ao meu lado.

Ladrão de cadáveres é uma obra ficcional, com nomes de pessoas e de lugares livremente criados pela autora, sem nenhum compromisso com a realidade.

Copyright © 2010 by Patrícia Melo

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro, RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21)3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Preparação de originais

Danielle Vidigal

Conversão para e-Book

Freitas Bastos

2ª edição eletrônica

Rocco Digital

M486l

Melo, Patrícia, 1962-

Ladrão de cadáveres [recurso eletrônico] / Patrícia Melo. - Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

recurso digital

ISBN 978-85-64126-22-0 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

10-6553

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3



PATRÍCIA MELO é roteirista, dramaturga e escritora e em 1999 a *Time Magazine* a incluiu entre os cinquenta líderes latino-americanos do novo milênio. *Acqua toffana* é o primeiro de seus sete romances publicados, seguido de *O matador* – vencedor do Prêmio Deux Océans e Deutsch Krimi, *Elogio da mentira*, *Inferno* – Prêmio Jabuti, *Valsa negra*, *Mundo perdido*, *Jonas o copromanta* e *Ladrão de cadáveres*.